



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99.052-900

E-mail: [ppgletras@upf.br](mailto:ppgletras@upf.br)

Web: [www.ppgl.upf.br](http://www.ppgl.upf.br)

Fone: (54) 3316-8341

Fabiani Debortoli Pereira Machado

**ESTEREÓTIPOS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE: UMA  
ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE MITOS DE ESCOLHA DE  
CARREIRA PROFISSIONAL**

Passo Fundo, novembro de 2016

Fabiani Debortoli Pereira Machado

ESTEREÓTIPOS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE: UMA  
ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE MITOS DE ESCOLHA DE  
CARREIRA PROFISSIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas.

Passo Fundo

2016

CIP – Catalogação na Publicação

---

M149e Machado, Fabiani Debortoli Pereira  
Estereótipos e construção de identidade : uma análise discursiva sobre mitos de escolha de carreira profissional / Fabiani Debortoli Pereira Machado. – 2016.  
98 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2016.

1. Análise do discurso. 2. Carreira profissional.  
3. Identidade cultural. I. Freitas, Ernani Cesar de, orientador.  
II. Título.

CDU: 801.73

## AGRADECIMENTOS

Ao meu incrível professor orientador, Dr. Ernani Cesar de Freitas, por me acolher como orientanda já na metade do curso, por ter disposto de paciência, flexibilidade e atenção comigo, por ter me incentivado a seguir em frente, a acreditar que seria possível compreender um pouco mais os textos de Maingueneau e escrever esta dissertação num espaço tão curto de tempo, também, agradeço por toda a sua organização, pelas criteriosas correções e pela impressionante rapidez nas leituras das diversas versões desta pesquisa. Muito obrigada, professor! Sua presença foi imprescindível para a existência deste momento.

À professora Dra. Fabiane Verardi Burlamaque, coordenadora do PPGL – UPF, por ouvir minhas preocupações no início do curso com tanta atenção e amabilidade e por prontamente resolver minha situação de orientação quando tudo estava entrando em colapso.

Às professoras Dra. Marcia Barbosa e Dra. Luciana Crestani pelas grandes contribuições que me ofereceram em suas disciplinas ou em conversas informais. A calma, a visão de que tudo sempre dá certo e a postura alegre e pacífica foram muito valiosas para mim em todos os momentos em que conversamos.

Às professoras Dra. Marlete Diedrich e Dra. Patricia Valério pelas grandes contribuições na banca de qualificação.

À Karine Castoldi, secretária do PPGL – UPF, por me salvar tantas vezes! Agradeço a informação sempre certa, a disposição em auxiliar e tornar um pouco mais tranquilas as questões burocráticas. Agradeço por todas as risadas e pelas conversas de desabafo.

Ao Iverton Gessé Ribeiro Gonçalves, grande amigo e coirmão de orientação, colega de turma do mestrado, grande contador de histórias engraçadas e de piadinhas linguísticas. Agradeço pela valiosa ajuda no início da coirmandade. Sem dúvida, suas contribuições foram fundamentais!

Ao Ronaldo Jappe, grande amigo, colega de profissão e doutorando do PPGL – UPF, agradeço por todas as incomensuráveis ajudas durante esse tempo de mestrado. Devido a toda sua prestatividade, as multas da biblioteca ficaram bem menores e os gastos com gasolina, na reta final do curso, também!

Ao Lucas Frederico de Paula, colega doutorando do PPGL – UPF, agradeço pelas conversas e discussões inteligentes sobre algumas análises de discurso.

Ao meu esposo, Alessandro Pereira Machado, por apoiar em todos os momentos com tanto amor e companheirismo, por ouvir meus lamentos, dúvidas e medos ao longo do desenvolvimento do curso e da pesquisa. Por vibrar comigo a cada pequena vitória, por me incentivar a seguir em frente, por cuidar do nosso filho tantas vezes para que eu pudesse me concentrar e estudar.

Ao meu filho, Gabriel, por tanta compreensão, apesar dos seis anos. Por entender todas as vezes em que ouviu “filho, agora a mamãe não pode” ou “filho, agora eu tenho que estudar” e, descobrir novas brincadeiras ou, pacientemente, esperar até que a mamãe pudesse lhe dar atenção.

Aos meus pais, Alaor e Neli, por todo o exemplo que sempre me deram e pelo apoio carinhoso para a realização dessa etapa de estudos. Por acreditarem, sempre, na minha capacidade e por oferecerem palavras de conforto e calma nos momentos mais críticos.

Ao colega de trabalho, Fernando Hermann, por compreender todas as minhas ausências. Sem essa compreensão, a finalização desse trabalho seria comprometida.

À professora Carme Schons, ainda que em um agradecimento póstumo, sou grata pelo seu incentivo quando cheguei ao mestrado, pelo entusiasmo com que ministrava suas aulas e ensinava a análise de discurso, pela acolhida como orientanda e por seu esforço em me orientar, apesar das limitações que o avanço da doença lhe impunha. Sempre seguirei os ensinamentos que me ofereceu pelo seu exemplo.

*A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.*

*Eduardo Galeano*

## RESUMO

O presente estudo, caracterizado por uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, tematiza acerca de mitos de escolha de carreira, priorizando, em uma análise discursiva, questões relativas a estereótipos culturais e construção de identidade. O *corpus* é formado por três notícias coletadas de três *sites* – G1, Infomoney e Exame. O critério de seleção desse *corpus* foi a presença da palavra “mito” associada, no título da notícia, ao sintagma “escolha de carreira” ou “vocação profissional”. A partir desses *corpora*, delineou-se como objetivo geral analisar como o ethos discursivo, mostrado na construção identitária de mitos sobre escolha de carreira profissional, pode representar mudança ou manutenção de referentes culturais na escolha de profissão pelo jovem estudante. Para subsidiar a análise desenvolvida, que visa contemplar uma interface entre a análise de discurso e os estudos sobre cultura e identidade, as contribuições dos seguintes autores foram mobilizadas: Geertz (1926/2011), De Certeau (1995) e Cevalco (2008), sobre cultura; Bourdieu (1989/1998) com reflexões acerca do poder simbólico; Hall (2003, 2004, 2006), Bauman (2009) e Castells (1999) acerca de identidade. No que se refere à análise de discurso, utilizou-se a semântica global particularizando as categorias teóricas cenografia e ethos, com base em Maingueneau (1984/2008a, 2008b, 2010, 2015) e Amossy (2014). Constata-se, com base na análise realizada, que a cenografia dos mitos é construída a partir de cenas validadas, as quais, inevitavelmente, denunciam um poder simbólico. Ainda, a identidade cultural, de certa forma, oferece base para a propagação ou extinção dos mitos.

Palavras-chave: Cenografia. Ethos Discursivo. Escolha de carreira. Cultura. Identidade.

## **ABSTRACT**

This study is characterized as a bibliographic research with a qualitative approach, it thematizes about myths of career choice, prioritizing, on a discursive analysis, issues related to cultural stereotypes and identity construction. The corpus consists of three news collected from three websites – G1, Infomoney and Exame. The selection criteria was the presence of the word "myth" associated in the title of the news to the sentence "career choice" or "professional vocation". From this corpora it was outlined as the general objective of this research to analyze how the discursive ethos, shown in the identity construction of myths about career choice, can represent change or maintenance of cultural references in the choice of profession by the young student. To support the analysis developed, which aims to encompass an interface between discourse analysis and studies on culture and identity, the contributions of the following authors were mobilized: Geertz (1926/2011), De Certeau (1995) and Cevasco (2008), about cultural studies, Bourdieu (1989/1998) and his contributions about the symbolic power and Hall (2003, 2004, 2006), Bauman (2009) and Castells (1999) on the identity field. In regard to speech analysis, we used the global semantic theory particularizing the theoretical categories of scenography and ethos, based on Maingueneau (1984/2008a, 2008b, 2010, 2015) and Amossy (2014). It appears, based on the analysis performed, the scenography of the myths is built from validated scenes, which inevitably betray a symbolic power. Still, the cultural identity, in a way, provides base for the spread or extinction of the myths.

**Keywords:** Scenography. Discursive ethos. Career choice. Culture. Identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ethos discursivo.....	49
Figura 2 – Incorporação .....	51
Figura 3 – Dispositivo de análise do <i>corpus</i> .....	58

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mitos disponíveis nos três <i>sites</i> selecionados .....	54
Quadro 2 – Mitos do <i>site</i> G1 com comentários dos especialistas .....	63
Quadro 3 – Mitos do <i>site</i> Infomoney com comentários dos especialistas.....	64
Quadro 4 – Mitos do <i>site</i> Exame com comentários dos especialistas .....	68
Quadro 5 – Ethé discursivos dos mitos e dos comentários dos especialistas .....	80

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 AS FORÇAS CULTURAIS QUE ATRAVESSAM A IDENTIDADE: ESTEREÓTIPOS E MITOS NA ESCOLHA DE CARREIRA PROFISSIONAL.....</b>	<b>13</b>
<b>3 O DISCURSO EM SUA HETEROGENEIDADE.....</b>	<b>26</b>
3.1 SEMÂNTICA GLOBAL: UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE ANÁLISE.....	34
3.2 CENOGRAFIA: UM LUGAR DISCURSIVO PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	43
3.3 A IDENTIDADE REVELADA <i>NO</i> E <i>PELO</i> ETHOS DISCURSIVO	47
<b>4 O DISCURSO SOBRE MITOS DE CARREIRA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>53</b>
4.1 MITOS EM ANÁLISE.....	62
4.1.1 Da cenografia ao ethos discursivo.....	68
4.2 DISCUSSÃO DAS ANÁLISES.....	79
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>93</b>
ANEXO A: <i>Site</i> G1.....	93
ANEXO B: <i>Site</i> Infomoney.....	95
ANEXO C: <i>Site</i> Exame.....	96

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo, cuja filiação se dá à linha de pesquisa *Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso* do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, propõe-se a investigar alguns mitos que permeiam o processo de escolha de carreira profissional sob a luz da perspectiva teórica enunciativo-discursiva do linguista francês Dominique Maingueneau.

Acredito que as escolhas acadêmicas que fazemos são a manifestação materializada de nossas inclinações pessoais. E vejo isso tanto na escolha do curso de pós-graduação quanto do objeto de pesquisa. Escolher um mestrado em Letras não representou somente a continuidade da graduação em Letras, tampouco o desejo de manter um currículo puro para que este esteja mais condizente com as exigências de editais de concursos públicos de algumas universidades. Tal escolha representou a possibilidade de permanecer em contato com uma área incrível – a linguística. Como não se motivar a estudar a linguagem e se lançar em uma empreitada de compreender o mundo por intermédio dela quando lemos, em Bakhtin (1979/2011, p. 261), que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”? Ou, ainda, a inquietadora afirmação de que “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.”(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 96). Desse modo, então, entre todas as possibilidades oferecidas pelos estudos que tomam a linguagem como matéria-prima, escolhi a análise de discurso como caminho para tentar interagir com o mundo e refletir sobre ele e suas práticas sociais.

Inicialmente, seriam as reflexões do filósofo francês Michel Pêcheux que iluminariam esse caminho da análise de discurso. Hoje compreendo que a razão que me levou a escolher tal teoria não foi, necessariamente, a teoria em si, mas a paixão que transbordava da professora Carme Schons – minha primeira orientadora no PPGL da UPF – para estudar e desenvolver pesquisas sob a inspiração da teoria da análise de discurso pecheutiana. Era contagiante. Com ela, pretendia analisar o movimento feminista, mais especificamente a Marcha das Vadias e, nesse cenário, o corpo da mulher como materialidade que significava uma bandeira de luta, de resistência. O infortúnio da vida não permitiu levar a pesquisa adiante, mas o mote “de luta, de resistência” ficou, para mim, como a perfeita definição da querida professora Carme. Ela resistiu, resistiu e resistiu, o mais que pode, ao câncer. Resistiu

mais do que os médicos disseram que seria capaz. Porém, em meados de 2015, a morte lhe alcançou.

Nas palavras do meu atual orientador, o gentil professor Ernani, cheguei a ele (e ao Maingueneau) por vias tortas. Mas cheguei! Nessa nova fase de orientação e dispondo de pouco tempo restante, optei, apoiada pelo professor Ernani, por uma mudança no objeto de pesquisa. Observei novamente o cotidiano, aquilo que me inquietava, e fixei o olhar no meu local de trabalho. Por atuar, há seis anos, em um curso pré-vestibular, o que mais vejo nos alunos é a relação não amigável com a escolha da profissão. Poucos chegam com a decisão tomada sobre um curso superior e não mudam de ideia até o vestibular. Vários chegam com uma noção do que querem para sua vida profissional, sem certeza (parece-me, às vezes, que eles estão ao encalço de alguém que resolva esse dilema para eles, que tome essa grande decisão em seus lugares). Muitos chegam hesitando entre Direito ou Design, Arquitetura ou Educação Física, Medicina ou Engenharia! Essa falta de proximidade entre os cursos que o aluno diz querer cursar sempre me motiva a questioná-los sobre a justificativa para escolher um ou outro curso. Durante seis anos colhendo respostas de alunos no intuito de conseguir ajudá-los, é fácil perceber que as justificativas se repetem. Tenho ouvido desde “eu queria cursar Educação Física, mas meu pai tem uma empresa e quer que eu siga no negócio, então vou cursar Administração”, até “quero fazer Medicina porque meu salário inicial será de R\$30 mil reais”. Decidi, assim, que essa encruzilhada na qual se encontram muitos adolescentes seria o objeto de pesquisa. Como não havia o tempo necessário para entrevistar os alunos e construirmos um *corpus*, optamos por um que já estivesse disponível. A *internet* foi o “local” de coleta desse *corpus*, composto por três notícias intituladas “mitos de escolha de carreira” encontradas em três *sites* diferentes (G1, Infomoney e Época). Tais mitos são a representação da maioria das respostas que já ouvi dos alunos.

A partir desse *corpus*, formulamos o problema de pesquisa, que está enunciado mais adiante nesta introdução, o qual já contém elementos advindos de reflexões sobre o próprio *corpus*, bem como acerca da teoria da análise de discurso maingueneana. Registramos que o entendimento de discurso que adotamos em nosso estudo é o de que este se constitui em um objeto não-divisível, em outras palavras, não vemos o discurso como objeto puramente linguístico, ele é, igualmente e simultaneamente, uma materialidade histórica. Com essa compreensão, adotamos a prática de Maingueneau para guiar a análise de discurso, por meio da metodologia da semântica global.

Acreditamos que a contribuição deste estudo reside na interface construída, isto significa que a análise não será feita por um processo de exclusão – ou a teoria e os teóricos da área da linguística, já que mobilizamos os conceitos de ethos e de cenografia, por exemplo – ou a teoria e os teóricos do campo das ciências humanas e sociais, como estudos culturais e de identidade. São ambas as áreas que permitem o alcance da análise.

Para além de fornecer respostas a indagações pessoais, cremos que nossas reflexões poderão ser úteis a dois públicos prioritariamente: àqueles que estão no momento de escolha profissional, para que se livrem das amarras às quais os mitos os prendem, contudo, não em um ato de rebeldia, mas permitindo-se escolher uma carreira com base em seus talentos individuais, isto é, de maneira consciente e a partir de um ato de autoconhecimento; e àqueles que convivem com pessoas que estão em fase de escolha de carreira, por exemplo, pais e professores. Por haver grande probabilidade de pertencerem a uma geração anterior em relação aos adolescentes (geração Y), tanto os pais quanto os professores (geração X) podem ser propagadores dos mitos que analisaremos, e, por isso, podem também estar contribuindo para a manutenção de antigos estereótipos culturais. Assim, nossas reflexões funcionarão como um caminho inicial à aceitação de que os conceitos mudam de uma geração para outra e isso é perceptível não apenas na maneira de se vestir, no vocabulário, no estilo de música, mas em questões maiores, como as motivações para seguir uma carreira profissional específica.

Ainda, temáticas como a desse estudo, acerca de escolha de carreira, costumam figurar nas análises produzidas pela área da Psicologia. Temos, então, um tema que pode ser visto como trivial analisado sob a luz da interface entre análise de discurso e estudos culturais.

Isso posto, nosso problema de pesquisa delinea-se no seguinte questionamento: o ethos discursivo mostrado na construção identitária de mitos sobre escolha de carreira profissional pode representar mudança ou manutenção de referentes culturais na escolha de profissão pelo jovem estudante?

Propomos, então, três hipóteses que abarcam nosso problema de pesquisa, e, ainda, abrem espaço para que no decorrer desse estudo possamos desdobrar seus vários aspectos:

- a) o aparato metodológico construído com base na semântica global, proposta por Maingueneau (1984/2008), possibilita revelar tanto a formação discursiva na qual o ethos do *corpus* analisado está inserido quanto a formação discursiva negada por ele;
- b) o ethos do mito e o ethos refutado por ele são vias de acesso a construções culturais estereotipadas e identitárias, bem como configuram um caminho para compreender mudanças no processo de escolha de carreira pelo jovem estudante;

- c) a análise da cenografia dos mitos de escolha de carreira permite compreender as influências atuantes na construção da cenografia e do ethos discursivo por intermédio do sistema de restrições que se verifica nessa tessitura do dizer.

Traçamos o objetivo geral desse trabalho, o qual se define em analisar como o ethos discursivo mostrado na construção identitária de mitos sobre escolha de carreira profissional pode representar mudança ou manutenção de referentes culturais na escolha de profissão pelo jovem estudante e cujos desdobramentos compõem os objetivos específicos, a saber:

- descrever o ethos discursivo dos mitos a partir da sua construção cenográfica;
- relacionar o ethos discursivo dos mitos ao ethos do discurso-resposta aos mitos como caminho reflexivo acerca da mudança percebida no processo de escolha de profissão;
- verificar se há convergência entre o ethos dos discursos-resposta aos mitos e os traços identitários dos jovens estudantes.

Como forma de alcançar o que nos propomos, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória quanto aos objetivos e com procedimentos bibliográficos. Com relação à estrutura, esta dissertação está organizada em três partes: na primeira, entrelaçamos contribuições da área dos estudos sobre cultura, com teóricos como Geertz (1926/2011), Burke (1937/2008), De Certeau (1995) e Cevalco (2008), perpassando o simbolismo proposto por Bourdieu (1989/1998) e finalizando com reflexões sobre a formação identitária a partir das obras de Hall (2003, 2004, 2006), Bauman (2009) e Castells (1999).

O segundo capítulo teórico diz respeito à teoria da análise de discurso, à proposta teórico-metodológica da semântica global e às duas categorias essenciais para nossa análise – cenografia e ethos. Nessa empreitada, valemo-nos de Bakhtin (1979/2011, 2009), Benveniste (1956/2005), Maingueneau (1984/2008a, 1997, 2004, 2008b, 2008c, 2010, 2014, 2015), Amossy (2014) e de alguns estudiosos desses autores, como Baronas (2009), Brunelli (2015), Freitas (2010, 2011), Possenti (2003), Souza-e-Silva e Rocha (2009) e Teixeira (2000).

A terceira parte é destinada à apresentação do dispositivo teórico-metodológico – por meio do qual mostramos a interface entre as concepções de cultura e identidade e as categorias teóricas delineadas por Maingueneau – à descrição do *corpus* e às análises propriamente.

## **2 AS FORÇAS CULTURAIS QUE ATRAVESSAM A IDENTIDADE: ESTEREÓTIPOS E MITOS NA ESCOLHA DE CARREIRA PROFISSIONAL**

Constitui-se como objetivo deste capítulo uma reflexão, ao mesmo tempo, abrangente e específica sobre dois campos prioritariamente: o da identidade e o da cultura. É abrangente uma vez que não pretendemos tratar de todas as minúcias que tais campos levantam, tampouco da aplicabilidade em distintas áreas do conhecimento. O que almejamos – e aí está a mobilização da especificidade da reflexão – é entrelaçar concepções concernentes à identidade e à cultura para desenvolver nosso estudo sobre os mitos<sup>1</sup> de escolha de carreira. Como veremos no capítulo destinado às análises, o discurso que dá vida aos mitos deixa revelar formas pelas quais o sujeito se relaciona com aspectos inerentes à vida adulta, vários deles relativos ao trabalho, como posição ocupada na sociedade e alcance financeiro, por exemplo. Haja vista que nossa pretensão para este estudo define-se na compreensão, pelo viés discursivo, da construção identitária que permeia os mitos de escolha de carreira e se essa identidade, apreendida pelo ethos, é capaz de sinalizar mudanças no processo de escolha de carreira profissional, consideramos que o legado das pesquisas sobre cultura e identidade é fundamental para alcançarmos nosso objetivo.

Apesar da interface que será desenvolvida neste estudo, o que baliza esta pesquisa é o trabalho com a linguagem, isto é, sua materialização no discurso. Entendemos discurso como um objeto que é integralmente linguístico e integralmente histórico<sup>2</sup>, e é justamente esse posicionamento teórico que nos conduz a fazer a referida interface com os estudos sobre identidade e cultura. Ademais, a união entre esses dois campos de estudo ocorre de maneira quase simbiótica, não sendo possível, conforme nosso entendimento, desdobrar-se um raciocínio acerca da identidade descolado do “local” onde esta nasce e se afirma, isto é, na sociedade, no âmago de uma cultura.

Vemos, contudo, no cenário em que interagem cultura e identidade, outros elementos emergirem. Indivíduos estabelecem relações sociais nesta cultura e, devido ao que se considera apropriado ou não por esses indivíduos, dentro desse espaço social, a identidade vai tomando forma. Na constituição do que é aceitável ou não, há um material simbólico que não pode ser ignorado, falamos, nos termos do sociólogo Pierre Bourdieu (1998), naquilo que se

---

<sup>1</sup>Mais adiante, neste capítulo, será discutido o conceito de mito adotado nesta dissertação.

<sup>2</sup>Essa visão sobre discurso é de autoria do pesquisador francês Dominique Maingueneau (1984/2008a). Uma conceituação mais profícua referente ao discurso será desenvolvida no próximo capítulo.

caracteriza como *habitus*. Acreditamos que a variação do *habitus* é determinada, dentre outros aspectos, de acordo com os indivíduos os quais observamos dentro de uma mesma cultura, por exemplo, jovens e adultos, e que tal variação é responsável pelo surgimento do discurso dos mitos. Passamos a tratar desses elementos a seguir.

A cultura pode ser entendida, segundo Geertz (2011, p. 32), dentro de um conceito reformulado, “como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções – para governar o comportamento”. De acordo com o autor, essa é uma visão reformulada daquela que conceituava cultura como sendo os costumes e tradições, isto é, um complexo de padrões de comportamento de uma sociedade, e tratar a cultura como um mecanismo de controle serve para se atingir uma imagem mais exata do homem. O ponto de partida para esse novo conceito é o pressuposto de que “o pensamento humano é tanto social como público” (GEERTZ, 2011, p. 33), e que é especialmente pelo uso das palavras – entendidas como símbolos significantes – que o indivíduo constrói um sentido para os acontecimentos que vive; as palavras, consoante Geertz (2011), impõem um significado à experiência.

Tal posicionamento de Geertz (2011) sobre as palavras encontra eco nos estudos bakhtinianos:

a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. [...] A palavra é capaz de registrar as fases mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009a, p. 40).

Compreende-se, assim, que o elo condutor da relação entre o indivíduo e o mundo está na palavra. Óbvio é que a palavra, por si mesma, não tem a capacidade de expressar todas as relações citadas por Bakhtin no excerto acima, visto que é no uso que o indivíduo faz delas, na exploração semântica que este imprime à seleção de palavras utilizadas para construir a sua enunciação que reside tal capacidade.

A relação do indivíduo com o mundo é guiada pelo uso da palavra, primordialmente, mas não unicamente. Há outros símbolos significantes, como gestos, desenhos, joias, sons musicais os quais o indivíduo já encontra quando nasce (GEERTZ, 2011), pois ele não os cria e não os extingue, somente pode usá-los ou deixar de fazê-lo para auxiliar na elaboração dos significados que imprime às suas experiências de vida. Com as palavras ocorre o mesmo. Elas já estão presentes quando nascemos, disponíveis e a serviço da comunicação humana, contudo, apesar de o léxico de um idioma ser o mesmo para todos os falantes, por exemplo, é

o uso em um contexto específico, em um processo único de interação com o mundo, que a palavra exerce a função de símbolo significante. Encontramos em Bakhtin/Volochínov (2009b, p. 96, grifo do autor), novamente, um direcionamento esclarecedor dessa reflexão:

não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

A forma bakhtiniana de enxergar as interações verbais relaciona-se com o posicionamento de Geertz (2011) acerca da influência dos padrões culturais sobre os indivíduos. Geertz (2011, p. 33) defende que sem a direção dada pelos padrões culturais – entendidos como “sistemas organizados de símbolos significantes” – o comportamento do homem seria “um caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma”. Assim, unindo o postulado de Bakhtin/Volochínov (2009b) de que há um sentido ideológico ou vivencial atravessando, permanentemente, as interações verbais, isto é, o uso da palavra, acreditamos ser possível relacionar tal compreensão à função dos padrões culturais defendidos por Geertz (2011); logo, a palavra, o mais expressivo símbolo significante, poderia ser visto como um organizador das experiências humanas, um mecanismo racional que torna governáveis tais experiências.

Ainda sobre o pensamento de Geertz (2011, p. 33), a totalidade acumulada dos padrões culturais é o que define uma cultura, e que esta “não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade.” Expusemos anteriormente que os padrões culturais são compostos por símbolos significantes e que estes já existem quando o indivíduo nasce, ele é quem decide à quais se filiará, assim, nos aproximamos das reflexões de De Certeau (1995, p. 143, grifo do autor), no que se refere à cultura: a cultura “não consiste em receber, mas em exercer a ação pela qual cada um *marca* aquilo que os outros lhe dão para viver e para pensar”.

Acreditamos que o referido excerto de De Certeau (1995) em muito subsidia nossa reflexão acerca da criação dos mitos. Defenderemos, ao longo deste capítulo, que a coexistência de diferentes gerações<sup>3</sup> é um dos fatores responsáveis pelo surgimento dos mitos de escolha de carreira. A Geração Y, que engloba os nascidos entre 1977 e 1997, reage de uma forma específica acerca daquilo que lhe é dado para viver e pensar (DE CERTEAU, 2011), em nosso caso, falamos do momento de escolha de carreira profissional; tal forma, em

---

<sup>3</sup>Por acreditarmos em tal ideia, usaremos, ao longo desta dissertação, passagens tratando da Geração Y e da Geração X como forma de exemplificação da coexistência de diferentes gerações.

muitos aspectos, se difere daquela da Geração X (predecessora da Geração Y), assim, no embate entre uma geração e outra, o discurso dos mitos surge.

No aspecto cultural, não basta, segundo De Certeau (2011), criar práticas sociais, é preciso ir além, faz-se necessário que tais práticas sociais tenham significado para quem as realiza, ou seja, não basta ser autor, é imprescindível ser protagonista. Inferimos, daí, a relação intrínseca existente entre a cultura e a construção da identidade do indivíduo.

Geertz (2011, p. 10), do alto de seus estudos antropológicos, afirma que “a antropologia é o alargamento do universo do discurso humano”. E faz essa afirmação por ter experienciado a vida em um povo com cultura muito distante da sua<sup>4</sup>. Geertz (2011), citando Wittgenstein<sup>5</sup>, reflete sobre como somos incapazes de compreender um povo com uma cultura totalmente distante da nossa; ainda que estejamos imersos na cultura do outro, falando o mesmo idioma, nós não conseguimos nos situar entre eles, logo, a impossibilidade de compreendê-los. Um ser humano pode ser um completo enigma para outro ser humano. Ainda que Geertz e Wittgenstein estejam referindo-se à incompreensão entre povos de culturas distintas, queremos aproximar esse raciocínio à nossa realidade e ao nosso objeto de estudo, fazendo, antes, uma breve incursão inerente ao *corpus*<sup>6</sup> desta pesquisa para avançarmos à aproximação anunciada.

Analisaremos os mitos que se construíram, nesse *corpus* de pesquisa, em torno do discurso sobre escolha de profissão. E como um mito pode ser definido? No dicionário, constam quatro relações semânticas: lenda (histórias, fábulas), crença (mitologia), explicação simbólica de um fato (metáforas, alegorias) e utopia (imaginário, sonho). De acordo com Davis (2015, p. 46-47), embora “nos primórdios da humanidade os mitos existiam para expressar verdades essenciais”, hoje “pensamos em uma informação na qual a maioria das pessoas acredita, mas que não é verdadeira.” Relacionamos esse uso recente proposto por Davis (2015) à definição dicionarizada de “explicação simbólica de um fato” e as usamos para tratar do termo mito neste trabalho. O mito, integrante do sintagma “mito de escolha de carreira”, representa uma metáfora cuja origem está na intersecção entre aquilo em que se acredita e os motivos existentes para a crença não ser suficientemente verdadeira. E como surge um mito nessas circunstâncias? Compreendemos que, atualmente, o termo mito é usado

<sup>4</sup> Na referida obra, algumas reflexões de Geertz são originárias da experiência de vida que ele teve no Marrocos.

<sup>5</sup> Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951), filósofo austríaco; considerado um dos principais atores da virada linguística na filosofia do século XX. Suas principais contribuições foram feitas nos campos da lógica, filosofia da linguagem e filosofia da matemática.

<sup>6</sup> No capítulo 4 desta dissertação está apresentada a descrição detalhada do *corpus*. De forma sintética, ele é composto por discursos tratados como mitos acerca da escolha profissional. Tais discursos foram coletados de *trêsites* – G1, Infomoney, Exame.

quando se almeja acionar dois tipos de discurso simultaneamente – o da verdade<sup>7</sup> e o seu oposto, o mito. Vê-se, com certa frequência, títulos de publicações compostos com o termo mito, por exemplo o mito da beleza<sup>8</sup>, o mito do empreendedor, o mito da excelência.

O uso desse termo parece ativar uma imagem ou um conceito de pré-construído e, imediatamente, desconstruí-lo, antes mesmo da leitura do texto. Esta funcionará como uma elucidação, uma explicação da desconstrução, mas o processo da compreensão de que algo era e não é mais, dá-se quase que de maneira instantânea no momento da visualização da palavra mito. Na esteira da prática de análise do discurso visada por este estudo, as questões vinculadas aos estereótipos e pré-construídos serão mobilizadas no escopo da cenografia, especificamente nas cenas validadas, as quais são justamente as cenas já cristalizadas no imaginário coletivo, acionadas automaticamente por nossa mente. Então, veremos nas análises desenvolvidas no capítulo 4, que um enunciado como “mitos de escolha de carreira” evoca algumas cenas validadas, isto é, alguns estereótipos tipicamente vividos por aqueles em fase de escolha de carreira profissional, prioritariamente os jovens – Geração Y.

Ainda sobre o surgimento de um mito, considerando o uso que fazemos do termo nesse estudo, entendemos que ele é afetado tanto pela cronologia do mundo quanto pelo *habitus*<sup>9</sup>. Esses dois fatores, atuando em conjunto, contribuem para que um conceito tido como verdade em uma época específica migre para o outro extremo em uma época distinta e passe a ser visto como um mito. Somos levados a essa reflexão por conta do que podemos observar nos discursos componentes do *corpus* que será analisado mais adiante. Embora os referidos discursos não sejam atribuídos a um sujeito específico, podem ser creditados a um sujeito comum, em outras palavras, tais discursos são típicos de pessoas que possuem um perfil de comportamento semelhante. Esse sujeito comum sofre as influências do tempo em que vive, isto é, do momento histórico que presencia e, claramente, da cultura na qual está inserido. É essa influência cronológica que dá origem ao que é chamado de gerações – grupos específicos, abarcando pessoas nascidas sob o mesmo recorte de tempo e que possuem

---

<sup>7</sup> Compreendemos que o uso do termo verdade pode gerar discussões, uma vez que envolve, quase sempre, a tomada de um ponto de vista (e, por conseguinte, o abandono de outro viés de análise) para se considerar algo verdadeiro ou não. Optamos por usar tal termo no contexto daquilo que é aceitável, daquilo que se enquadra no *habitus* de determinada geração, daquilo que é tomado como verdade ou verdadeiro não em sentido absoluto, mas em relação a um comportamento ou ideal vivido anteriormente. Em nosso caso, colocamos em confronto, sempre, o discurso da geração Y com o discurso da geração X.

<sup>8</sup> Ilustramos com as seguintes referências:

WOLF, Naomi. *O mito da beleza*. São Paulo: Rocco, 1992.

GERBER, Michael. *O mito do empreendedor*. São Paulo: Fundamento. 2011.

CRAWFORD, Fred; MATTHEWS, Ryan. *O mito da excelência*. São Paulo: Manole. 2002.

<sup>9</sup> Esse termo será explicado mais adiante, ainda neste capítulo.

características comportamentais e crenças semelhantes; dito de outra forma, sujeitos com traços identitários semelhantes.

A geração Y inclui, segundo Tapscott (2010), os nascidos entre 1977 e 1997. Por haver diversas pesquisas desenvolvidas pela área da psicologia em recursos humanos e, hoje, esse ser um assunto de grande interesse do público empresarial, temos acesso a muitas informações acerca dessa geração, informações que descrevem desde o perfil de liderança, como esses sujeitos lidam com questões relacionadas ao trabalho, até a maneira como se comportam nas organizações<sup>10</sup>. Contudo, considerando os objetivos de pesquisa, neste trabalho, não pretendemos trazer vasta bibliografia apresentando tais estudos e investigando as características da geração Y no mercado de trabalho, pois nossa reflexão delimita-se a um momento anterior ao do exercício de uma profissão em uma empresa; focamos apenas no momento da escolha da profissão. Interessamo-nos, assim, pelos padrões de comportamento e pelas escolhas da geração Y no que se refere ao *habitus*, conjunto de estruturas de relações estudadas por Bourdieu (1998) e compreendido, de acordo com Vasconcelos (2002, s.p.) como uma “matriz, determinada pela posição social do indivíduo que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações. O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos.”

Consoante Tapscott (2010), a geração Y apresenta oito características principais: liberdade, customização, escrutínio, integridade, colaboração, entretenimento, velocidade e inovação. Entendemos que esse conjunto é responsável por criar o *habitus* dessa geração. Retomando nossa argumentação anterior, as influências do momento cronológico vivido por esse grupo de pessoas repercutem em sua forma de interagir com o mundo e, por consequência, definem como eles se posicionam no mundo, como reagem às situações que a vida e as pessoas de outras gerações lhes impõem – o *habitus* – e este, por fim, é o que motiva a geração Y a ver como mito um conceito que já foi verdadeiro em outro momento sócio-histórico. Certamente, não são unicamente as questões advindas do recorte temporal, como a modernidade, que delimitam as características de uma geração. Já levantamos, anteriormente, as influências da cultura nesse aspecto.

Avançamos, então, ao resgate da aproximação que pretendíamos fazer entre as falas de Geertz (2011) e Wittgenstein com nosso *corpus* de análise. Os referidos autores afirmam que o ser humano não é capaz de compreender o outro, pois não consegue situar-se como ele.

---

<sup>10</sup> A título de ilustração, citamos a pesquisa feita pela IBM desmistificando o comportamento da geração Y no mercado de trabalho. Disponível em: <<https://www.ibm.com/news/pt/pt/2015/02/23/20150223.html>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

Enxergamos uma aproximação pertinente, ainda que não estejamos analisando discursos de culturas diferentes, no que tange a incapacidade de as pessoas pertencentes à geração Y de se situarem fora do seu discurso, elas recusariam práticas discursivas<sup>11</sup> advindas das gerações que a antecederam e constroem as suas próprias; dito de outro modo, vemos um embate de identidades que se mostra no *habitus* e na produção discursiva de cada geração.

Assim como Geertz (2011) e Wittgenstein, Maingueneau, linguista francês cujos estudos acerca do discurso e da análise de discurso norteiam esta pesquisa, também considera a presença do “outro” em suas reflexões. De acordo com Maingueneau (1984/2008a), na genética do discurso não encontramos um gene puro, ao contrário, o que se observa é um gene derivado e impregnado da presença de um discurso outro, de um discurso antecessor, isto é, o interdiscurso; e este, nos estudos maingueneanos, tem precedência sobre o discurso.

Observando a questão da identidade discursiva em nosso estudo, pode-se reconhecer que o discurso pertencente à geração Y é chamado, por Maingueneau (1984/2008a), de discurso segundo. Essa nomenclatura advém do nascimento cronológico dos discursos, uma vez que esse, chamado de segundo, se constitui através do discurso primeiro. Em um espaço discursivo, há sempre a presença de um outro, e tal presença afeta, sobremaneira, a identidade do discurso. Maingueneau (1984/2008a, p. 39) afirma que por meio das possibilidades semânticas oferecidas pelo discurso primeiro e “cujo produto é um discurso concorrente [o discurso segundo], concebe-se facilmente que o discurso segundo seja imediatamente apreendido pelo discurso primeiro como uma figura privilegiada de seu Outro<sup>12</sup>.” Voltando ao nosso caso, se a geração Y produz o discurso segundo, é da geração X o discurso primeiro, logo, o discurso de Y é o Outro do discurso de X.

Maingueneau (1984/2008a) fala, ainda, da polêmica da interincompreensão, a qual aborda a relação estabelecida entre um discurso e seu Outro. Para o teórico francês, um discurso só pode manter sua identidade se consegue delimitar o universo pelo qual se move e, ao mesmo tempo, estabelecer sua relação com outros discursos. Vemos, assim, que a identidade do sujeito e do discurso<sup>13</sup> dá-se por vias do enfrentamento ou da

---

<sup>11</sup> No próximo capítulo usaremos, algumas vezes, como substituto do termo prática discursiva, o termo posicionamento. Aqui o uso se dá por escolha nossa, por acreditarmos que esse sintagma, no escopo dos assuntos tratados no capítulo, demarca com clareza nossa referência à formação discursiva de uma ou outra geração. No capítulo seguinte a escolha ocorre por influência teórica. Maingueneau (2008a) considera mais adequado o termo posicionamento em vez de formação discursiva.

<sup>12</sup> O termo Outro será esclarecido no capítulo seguinte, quando trataremos com mais profundidade as questões relativas ao interdiscurso sob a ótica do teórico Dominique Maingueneau.

<sup>13</sup> Optamos por registrar separadamente os termos identidade do sujeito e identidade do discurso unicamente para fins de clareza do raciocínio desenvolvido. Para nossa prática de análise de discurso, entendemos que a

interincompreensão – na terminologia de Maingueneau – o sujeito se define por aquilo que ele é, bem como por aquilo que ele próprio reconhece que não é. Seguindo essa mesma perspectiva, Hall (2006, p. 41), ao tratar sobre sujeito e identidade, cita Saussure<sup>14</sup> e Derrida<sup>15</sup>, com base na análise que desenvolveram a partir da linguagem. Derrida, por influência do pensamento saussureano de que um signo é aquilo que o outro não é, postula que “o significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença).”

É nessa perturbação causada pela diferença, no confronto com o outro, na busca do sentimento de pertencimento a uma identidade dentro de uma cultura que Geertz (2011, p. 37) se posiciona:

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo às nossas vidas.

Esse pensamento de Geertz (2011) entra em consonância com o legado de Bourdieu (1998) acerca dos mecanismos e do poder simbólicos. De acordo com Bourdieu (1998, p. 7-8), o poder simbólico é o “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” Esse poder é percebido por Bourdieu (1998) como uma estrutura estruturante quando é um instrumento de conhecimento, como a língua, a religião, o mito, a arte, ou como uma estrutura estruturada, a qual busca “isolar a estrutura imanente a cada produção simbólica” (BOURDIEU, 1998, p. 9). É o que Saussure fez com a língua ao relacionar som e sentido e Panofsky<sup>16</sup> fez na arte, ao opor iconologia e iconografia em uma obra de arte. Isso posto, a arte, a língua, a religião ou o mito, vistos como sistemas simbólicos, somente podem exercer um poder de estruturar algo e ser esse poder invisível porque são estruturas estruturadas, são meios de comunicação.

---

identidade do sujeito e a do discurso não podem ser apreendidas isoladas uma da outra pois, conforme Bakhtin (1979/2011, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem.”

<sup>14</sup> Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista e filósofo suíço. Seus estudos contribuíram para o desenvolvimento da linguística como ciência autônoma e, além disso, serviram de base para o estruturalismo no século XX.

<sup>15</sup> Jacques Derrida (1930-2004), filósofo franco-argelino, funda a ideia de jogo nas relações de significação e de construção de sentido, desbancando a tradicional crença de um significado transcendental.

<sup>16</sup> Erwin Panofsky (1892-1968), crítico e historiador da arte alemão, um dos principais representantes do método iconológico. Enfatizava, em suas pesquisas, a importância dos costumes cotidianos para se compreender as representações simbólicas.

Além de manifestar-se nessas estruturas, o poder simbólico também é percebido no capital simbólico cujo entendimento não deve ser reduzido ao acúmulo de bens e riqueza, mas todo o poder que se revela na relação social. Para se referir a esse aspecto específico, o da riqueza, imóveis, salário, Bourdieu (1998) criva o termo capital econômico, ademais desse, existem ainda o capital social, que são as relações das quais se pode obter algum benefício, o capital cultural, o qual abrange o reconhecimento de um conhecimento por meio de títulos e diplomas acadêmicos e, por fim, o prestígio e a honra são classificados como capital simbólico.

Observamos como o poder simbólico desses capitais está intimamente ligado ao nosso estudo. Como um pano de fundo, nota-se em um mito como “faculdades públicas são sempre melhores que faculdades particulares” a sobressalência do capital simbólico e do capital cultural, uma vez que o sujeito que escolhe uma carreira pela instituição em vez da área de atuação está projetando um prestígio e um reconhecimento futuros que lhe serão conferidos por transferência, como o raciocínio lógico de um silogismo: a faculdade pública é a melhor; eu estudarei em uma faculdade pública; logo, eu serei o melhor. O sujeito omite sua participação no seu próprio processo de formação, o protagonismo é da instituição. Percebemos nesse mito, ainda, a confirmação do pensamento de Geertz (2011), de que damos forma à nossa vida através dos padrões culturais historicamente criados. Materializaremos, adiante, essas observações sob a terminologia de cena validada, de autoria do teórico francês Dominique Maingueneau (1984/2008a).

Discorremos, até o momento, acerca de alguns elementos que compõem uma espécie de cenário. É interessante percebermos que ainda que queiramos isolar um deles na tentativa de teorizá-lo, não o conseguimos por muito tempo, ele próprio exige que falemos de um dos outros elementos componentes desse cenário. Esses elementos cenográficos, falando em termos de linguagem e cena enunciativa, estabelecem entre si uma relação inextricável, e então percebemos a figura do sujeito<sup>17</sup> ocupando um lugar privilegiado nessa relação. A existência de uma cultura, o surgimento e a manutenção ou a substituição de um *habitus*, a operacionalização do poder simbólico, o nascimento dos diferentes capitais, todos esses elementos encontram abrigo na figura do sujeito e alguns podem, inclusive, encontrar sua gênese e a justificativa para sua existência nessa figura. Outro aspecto que merece menção em tal processo é que a partir do momento em que todos esses elementos existem (cultura,

---

<sup>17</sup> Não nos preocupamos em traçar distinções acerca dos vocábulos sujeito e indivíduo sob uma ou outra ancoragem teórica. Faremos o apontamento quando considerarmos que seja fundamental para o nosso posicionamento.

*habitus*, poder e capital simbólicos), inclusive o sujeito, já não somos capazes de determinar qual exerce domínio sobre os demais. A coexistência deles reivindica um processo de retroinfluência: a cultura influencia o sujeito mas é influenciada por ele; o *habitus* determina as escolhas do sujeito, contudo o sujeito pode redefinir o *habitus*. E nesse aglomeramento de elementos e conceitos surge a questão da identidade – reflexão muito cara ao nosso estudo.

Zygmunt Bauman (2009), destacado sociólogo contemporâneo, reflete sobre a construção da identidade em tempos modernos, ponderando, primeiramente, sobre o paradoxo que permeia a individualidade. Ser indivíduo, para muitos, é ser único, diferente dos demais, contudo, o *status* de indivíduo só é validado se existem outros iguais a você, ou seja, por comparação, em um grupo, se suas atitudes, escolhas, comportamentos encontram respaldo semelhante em outros, logo, por essas similitudes vocês pertencem ao mesmo grupo e então, são considerados indivíduos. Desse modo e de acordo com Bauman (2009, p. 26, grifo do autor), “nessas circunstâncias, quando a individualidade é um ‘imperativo universal’ e a condição de todos, o único ato que o faria diferente e portanto genuinamente individual seria tentar [...] *não ser* um indivíduo.”

Trazemos a contribuição de Bauman (2009) com o intuito de dialogarmos com outra parte do *corpus* de pesquisa, o discurso que desconstrói o mito. Diferentemente do discurso do mito que não possui um enunciador único e específico, o discurso da desconstrução tem; em nosso caso ele provém de especialistas na área de orientação profissional, ou seja, é um discurso de autoridade e, conforme entendemos, concretiza o raciocínio de Bauman (2009). Por exemplo, um mito assevera que “a escolha da carreira deve estar sempre atrelada à graduação”, a resposta do especialista é de que “é possível pensar em uma carreira sem ter o Ensino Superior. Um curso profissionalizante pode, sim, oferecer uma carreira ao profissional [...]”.<sup>18</sup> Observamos, no mito, o indivíduo adotando o comportamento de um grupo, seguindo um senso comum, de que é preciso construir sua carreira em consonância com o curso de graduação feito. Em contrapartida, o discurso de desconstrução do mito trabalha com a fala de Bauman (2009) de que é preciso não ser um indivíduo para sê-lo, em outras palavras, ainda que o *status quo* em determinado grupo, em dada cultura, seja cursar uma graduação para ser um profissional, este não é o único caminho.

Uma vez mais, encontramos a identidade sendo definida por oposição. Bauman (2009) sincroniza-se com essa postura, já assinalada nesse capítulo pela perspectiva de Hall (2006) e

---

<sup>18</sup> Esse excerto é parte integrante do corpus que será analisado nessa dissertação. Disponível em: < <http://www.infomoney.com.br/carreira/noticia/2411412/conheca-mitos-sobre-escolha-carreira>>. Acesso: em 02 abr. 2016.

ilustrada com o jogo da *différance*, de Derrida, contudo o faz em via inversa. De acordo com Hall (2006), eu sou o que o outro não é, para Bauman (2009) eu não sou o que o outro é. A partir desse postulado, o sociólogo polonês evoca o termo autenticidade, o qual usa para definir o estado de “ser fiel a mim mesmo, ser o verdadeiro eu” (BAUMAN, 2009, p. 27), ou seja, quando o sujeito é autêntico, ele está tomando suas decisões com base na sua identidade, está sendo um indivíduo – tomando esse termo na acepção de Bauman – não está se deixando guiar por um comportamento padrão de um grupo, por um estereótipo.

Sabe-se que os estereótipos, isto é, comportamentos ou características físicas com sentidos já estabilizados e instalados na memória cultural coletiva, estão muito presentes no cotidiano de qualquer sociedade e são frequentemente acionados por um enunciador que pretende usá-los a fim de influenciar seu interlocutor – seja uma pessoa ou um grupo de pessoas – a adotar um comportamento ou comprar um produto movido pelo sentimento de pertencimento a um grupo, por exemplo.

A criação de estereótipos e a manutenção deles, claramente, refletem no processo de construção de identidade. Observamos tal constatação no estudo desenvolvido por Brunelli (2015) sob o título *Cenas validadas e estereótipos no discurso de autoajuda para mulheres*. A autora conclui, a partir da análise de capas de livros de autoajuda para mulheres e amparada nos conceitos de cena da enunciação (mais especificamente na cenografia e na cena validada) desenvolvidos por Maingueneau, que “mais do que reflexos da essência feminina, os estereótipos refletem os papéis sociais da mulher, o que se espera que ela faça ou continue fazendo” (BRUNELLI, 2015, p. 145). A autora ainda acrescenta que “ao reproduzir cenas validadas em que se identificam estereótipos femininos tradicionais, [o discurso de autoajuda] não deixa de colaborar para que as expectativas relativas à mulher sejam as mesmas, ou seja, para que ela mantenha os mesmos papéis sociais (mãe, esposa, sedutora)” (BRUNELLI, 2015, p. 145).

Acreditamos ser possível observar aspectos semelhantes aos constatados por Brunelli (2015) no discurso veiculado pelos mitos de escolha de carreira. Os referidos mitos fundam-se a partir de estereótipos, inferimos, dessa forma, que um jovem, ao decidir que será bem sucedido se seguir a carreira dos pais ou cursar a graduação em uma universidade pública está tomando a decisão baseado em um ou outro estereótipo. Logo, sua construção identitária sofre as consequências, já que ainda que o jovem queira estudar em uma universidade privada, por exemplo, independente do motivo, há uma imagem cristalizada no imaginário coletivo de que seu currículo será melhor e, assim, ele será mais bem sucedido se optar pela universidade

pública. Portanto, esse jovem, no intuito de não ser transgressor, e não sendo o indivíduo do qual Bauman (2009) trata, abdica (talvez inconscientemente) dos traços únicos que poderiam compor a sua identidade e segue o estereótipo.

Na esteira dessa reflexão, apoiados em Bauman (2009), poderíamos dizer que se todos os sujeitos pertencentes a uma geração específica, a Y, por exemplo, fossem indivíduos autênticos, os mitos não existiriam. Isso porque o mito em nossa compreensão, como já fora discutido, toma forma com base na afirmação de um novo *habitus*; o novo *habitus*, por sua vez, determinará o estilo de vida e os julgamentos dos sujeitos, fazendo com que esses estabeleçam novos padrões de comportamento; nessa empreitada, conceitos aceitáveis podem ser transformados e mitos poderão surgir.

Todo esse processo acontece porque a maioria dos sujeitos daquela geração compartilha do *habitus* em vigor. Se esses sujeitos reivindicassem a si a posição de indivíduos autênticos, eles poderiam continuar adotando verdades de outras gerações, discordando de comportamentos advindos do novo *habitus* ou, ainda, criando uma terceira possibilidade de enxergar o mundo, sua cultura e seus integrantes, lidar de uma forma distinta com o poder simbólico, portanto, o conceito de mito, conforme estamos analisando, aqui neste estudo, não tomaria forma, o que haveria seria diversidade, apenas maneiras distintas de lidar com o mesmo objeto. Não existiria, portanto, a relação binária entre mito e verdade, entre comportamento da geração Y e comportamento de outra geração. Haveria, igualmente, espaço para a cultura no plural, nos termos de De Certeau (1995), uma cultura que abriga diferentes visões, que é flexível, que se adapta.

Seguindo a discussão sobre formação identitária, Castells (1999, p. 23) defende que “identidades constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação.” Tal passagem guarda relação com o posicionamento de Geertz (2011) e De Certeau (1995), os quais afirmam que decorre do protagonismo do sujeito a criação da sua identidade, é o que ele faz com o que já está no mundo que o torna único. Nesse mesmo sentido, Castells (1999, p. 23) assevera, também, que

não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

Observamos a reorganização, acerca da qual Castells (1999) discute, como aspecto integrante de nosso trabalho com os mitos. Previamente discorremos, em uma análise ainda incipiente, que sob nossa ótica, os mitos que analisaremos mais adiante nasceram devido a essa reorganização de significado que os jovens da geração Y empreenderam acerca daquilo que havia no mundo quando eles chegaram: os significados construídos pela geração X.

Em igual tom, trazemos as reflexões de Hall (2004, p. 108-109, grifo do autor):

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.

É possível notarmos a semelhança nos questionamentos que permeiam o pensamento tanto de Hall (2004) quanto de Castells (1999). Para ambos, o percurso que diz respeito à formação identitária espalha-se para as veredas do “como” e do “para quê”, isto é, a compreensão do percurso e a finalidade dele. Os caminhos que advêm da gênese da formação de identidade não são tão relevantes. Novamente temos a reafirmação de que as heranças deixadas, seja pelo viés cultural, linguístico, biológico, histórico ou qualquer outro, não são determinantes para a constituição identitária. Aquilo que herdamos nos afeta, entretanto, não nos define.

No próximo capítulo trataremos da teoria de Análise do Discurso que utilizaremos neste estudo, em especial no que diz respeito ao procedimento metodológico denominado de semântica global e os seus planos constitutivos, além de trazermos as categorias teóricas “cenografia e ethos discursivo” imbricadas nessa abordagem, as quais serão imprescindíveis para a análise do nosso objeto de estudo.

### 3 O DISCURSO EM SUA HETEROGENEIDADE

Este capítulo é dedicado aos postulados teóricos da semântica global de Dominique Maingueneau (1984/2008a) cuja proposta, além de oferecer o subsídio teórico para guiar esta reflexão, constitui-se como o próprio aparato metodológico que será adotado para a análise do *corpus* de nossa pesquisa. Ademais, igualmente são objetos de reflexão desse capítulo as noções de cena enunciativa e de ethos discursivo.

Inicialmente, vemos como prioritária a explicitação da definição que será adotada neste estudo para o termo discurso e à qual proposta de análise de discurso ele se filia. Elegemos tais elementos para essa delimitação inicial por percebermos que justamente a esses (juntamente com a formação discursiva, cuja discussão dar-se-á na próxima seção), em algumas pesquisas, não lhes é dada a atenção merecida, carecendo de limites mais bem estabelecidos para assegurar a segurança teórica que todo trabalho de análise requer. Ressaltamos a priorização para as reflexões de Maingueneau, por ser o teórico em quem nos apoiamos para sustentar esta dissertação.

Contudo, considerando a cronologia dos estudos maingueneanos, é imprescindível que assinalemos, anteriormente à discussão sobre discurso, a noção de interdiscurso. Segundo o teórico francês, “seria a relação interdiscursiva que estruturaria a identidade [de um discurso]” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 21), isso porque os discursos não se constituem independente e isoladamente uns dos outros para só então serem vistos de maneira relacional, seria a via oposta àquela adotada por Maingueneau (2008a, p. 21): “os discursos se formam de maneira regulada no interior do interdiscurso”. Daí advém o “primado do interdiscurso” – o qual tem precedência sobre o discurso – e que se configura como o cerne de todo o legado desenvolvido por Maingueneau na obra *Gênese dos Discursos* (1984/2008a), cuja origem deu-se em sua tese de doutoramento.

As questões que circundam a identidade de um discurso tornam-se um tanto menos abstratas a partir da visão de interdiscurso de Maingueneau. O próprio Maingueneau (2008a, p. 36) afirma que nos anos 1960 uma corrente da análise do discurso adotava o procedimento de buscar “a identidade de cada formação discursiva consigo mesma [...]. Nesse quadro, a relação com outras formações discursivas não podia ser pensada a não ser segundo o modo espontâneo da justaposição de unidades externas umas às outras.” Com base em tal concepção e por acreditar, conforme apontamos, que os discursos não se constituem de maneira independente, Maingueneau (2008a) constrói a definição de interdiscurso sob a égide de uma

tríade – universo, campo e espaço discursivos – a qual tornaremos a trazer à discussão mais adiante nesse capítulo.

O primado do interdiscurso não se resume a uma categoria possível inserida na análise de discurso; ele é responsável por possibilitar transformações na compreensão de noções já consolidadas na perspectiva da teoria da análise de discurso, como formação discursiva e heterogeneidade do discurso.

Passamos, agora, a tratar das acepções que circundam o termo discurso. A noção de discurso – sob uma ou outra perspectiva – pode ser encontrada em diversas áreas de conhecimento e, também, na própria linguística. De acordo com Maingueneau (2008c, p. 135), os estudos do discurso “ocupam uma posição singular, estando ao mesmo tempo inscritos na ciência da linguagem e localizados na encruzilhada das ciências humanas, das ciências sociais e das humanidades”, reside então, nessa plasticidade do discurso, de estar em áreas que podem ser afins, bem como podem ser diametralmente opostas, a dificuldade de se chegar à unicidade de tal noção. Ademais, conforme as reflexões de Freitas e Facin (2011, p. 202), “falar em discurso é pensar que este não se consolida de modo estanque; pelo contrário, consiste em um constructo de várias dimensões.”

Há, além da escassez de fronteiras que delimitem os estudos sobre o discurso, outro fator singular: uma ambiguidade constitutiva. O discurso é, “ao mesmo tempo, um *objeto* e um *ponto de vista* sobre esse objeto, ao mesmo tempo, certo domínio empírico e certa maneira de abordá-lo.” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 136, grifo do autor). Na perspectiva de objeto, o discurso apresenta-se no nível transfrástico, isto é, nos microencadeamentos de (em sua maioria) até duas frases. Como ponto de vista sobre esse objeto, a noção de discurso evoca uma concepção de linguagem (MAINGUENEAU, 2008c), por exemplo, tomando o uso da língua em oposição ao seu sistema; sendo assim, essa noção configura-se, conforme o linguista francês, como uma “palavra-*slogan*”, uma vez que

Dizer, por exemplo, “discurso literário” em vez de “literatura” é indicar implicitamente que se aborda esse domínio a partir de certos pressupostos, que se contesta uma abordagem hermenêutica ou uma abordagem estruturalista e que se leva em conta as instituições associadas à literatura, ao interdiscurso, à circulação das obras etc. (MAINGUENEAU, 2008c, p. 136).

Considerando a natureza inerentemente interdisciplinar da noção de discurso<sup>19</sup>, Maingueneau (2008c) discute, no campo das ciências da linguagem, três oposições para o uso

---

<sup>19</sup> Em sua obra mais recente traduzida para a língua portuguesa, *Discurso e Análise do Discurso*, Maingueneau dedica dois capítulos para discorrer acerca da noção de discurso. Apresenta a visão da linguística e de fora da

desse termo: discurso *versus* frase; discurso *versus* língua e discurso *versus* texto. Ainda, o autor associa três planos de emprego de discurso. O primeiro estatui o discurso ao mesmo nível da enunciação, considerando o limite da frase na atividade verbal (nesta oposição, vê-se o discurso na perspectiva de objeto); no segundo plano, o discurso está atrelado ao pragmatismo, e a atividade verbal está centrada em fragmentos de interações conversacionais, ou seja, o uso da língua em um contexto (neste caso, é o ponto de vista sobre o objeto que está em cena); no terceiro plano “abordam-se realidades sócio-históricas, conjuntos de textos relevantes de gêneros relacionados a espaços institucionais” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 139). Como se pode inferir, tal percepção avança os limiares da linguística estrita. Este terceiro plano é onde a análise de discurso pode estabelecer-se, uma vez que acessa discursos advindos de atividades socialmente reconhecidas.

De forma mais incisiva, em *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2008a, p. 16) também reflete sobre a noção de discurso afirmando que

o discurso supõe que, no interior de um idioma particular, para uma sociedade, para um lugar, um momento definidos, só uma parte do dizível é acessível, que esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade. Estamos, assim, diante de objetos que aparecem ao mesmo tempo como integralmente linguísticos e integralmente históricos.

Tal concepção teórica de discurso defendida por Maingueneau (2008a) leva-nos a compreender a análise de discurso praticada por esse autor. Uma vez considerado o discurso como um objeto linguístico e histórico, é crucial para o teórico francês “interpretar o estatuto histórico dos discursos” e não somente reduzir o discurso ao vocabulário ou às sentenças. Associada a essa visão dicotômica que baliza algumas práticas de análise do discurso, está a categorização entre profundidade e superfície dos textos, impondo, no processo da análise, a renúncia à totalidade das dimensões que permeiam o texto, considerando-se uma categoria em detrimento de outra. Maingueneau (2008a, p. 18) conduz sua proposta de análise do discurso por outro caminho, ao repudiar essa separação ele assume que “um discurso não tem “profundeza”, que sua especificidade não se localiza em alguma “base” que seria seu fundamento, mas que se desdobra sobre todas as suas dimensões.” Temos, assim, no discurso, a concretização da articulação entre o que a materialidade linguística mostra e um tempo-espaço-histórico específico.

Essa é a articulação pretendida em nossa análise. Ao tomarmos os discursos que tratam sobre os mitos que permeiam a escolha de carreira profissional, faremos o exercício

---

linguística considerando que, neste último caso, o discurso é visto como “um conjunto aberto de ideias-força” (2015, p. 25). A referência completa da referida obra encontra-se ao final desta dissertação.

contínuo de não cometer uma redução sociológica tampouco uma redução linguística, o que acarretaria em ora privilegiar os lugares independentemente das palavras que autorizam, ora privilegiar as palavras apesar dos lugares, isso, de acordo com Maingueneau (2008c, p. 143), “seria ficar aquém das exigências que fundam a análise do discurso”. A partir dessa afirmação, mostramos, também, um posicionamento no que se refere à própria análise do discurso. Considerando todo o espraiamento que a análise do discurso ganhou desde que fora instituída, elegemos como norte as seguintes definições:

- I – [...] a análise do discurso é *uma disciplina* no interior dos estudos do discurso.
- II – O interesse específico que rege a análise do discurso é relacionar a estruturação dos textos aos lugares sociais que os tornam possíveis e que eles tornam possíveis.
- III – O objeto da análise do discurso não são nem os funcionamentos textuais, nem a situação de comunicação, mas o que os amarra por meio de um dispositivo de enunciação simultaneamente resultante do verbal e do institucional. (MAINGUENEAU, 2015, p. 46-47, grifo do autor).

Tornar real essa concepção de análise do discurso, ou seja, não ser reducionista e buscar esse dispositivo de enunciação do qual fala Maingueneau, é estar atento às influências e às restrições colocadas em cena pelo funcionamento dos gêneros de discurso – unidades tópicas fundamentais que englobam o “conjunto das atividades discursivas decorrentes do regime instituído” (MAINGUENEAU, 2015, p. 117) – e das formações discursivas – unidades não tópicas cuja construção se dá pelo analista a partir das unidades tópicas<sup>20</sup>.

Ao passo que já esclarecemos a visão de Maingueneau sobre o discurso e, reafirmamos, é esta a mesma adotada por nós neste estudo, retomamos a noção de interdiscurso, uma vez que esta possibilitará que avancemos em nossas reflexões para outras categorias primordiais da teoria de Maingueneau e, igualmente fundamentais para o subsídio das análises cujo desenvolvimento dar-se-á no capítulo próximo.

Sírio Possenti (2003, p. 253) observa que o interdiscurso reina há muito tempo na análise do discurso “sob diversos nomes – polifonia, dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade – cada um implicando algum viés específico [...]” e chega a perceber proximidade entre a visão de interdiscurso para Pêcheux e do universo discursivo de Maingueneau. Seguindo uma cronologia do termo, o interdiscurso foi trabalhado inicialmente por Michel Pêcheux<sup>21</sup>, dentro dos interesses da análise do discurso (AD). De forma ampla, uma passagem da sua obra que bem define essa noção – ligada à de pré-construído – é a de

<sup>20</sup> Ambos os termos – unidades tópicas e unidades não tópicas – serão explicados brevemente na próxima seção deste capítulo.

<sup>21</sup> Salientamos que os estudos de Michel Pêcheux sobre a Análise do Discurso apresentam fases distintas. Vários conceitos foram revistos pelo teórico ao longo de sua jornada. Ainda, algumas noções conceituadas por Pêcheux foram revisitadas por outros teóricos e sofreram modificações de acordo com o posicionamento de cada teórico acerca do discurso e da própria disciplina da análise do discurso.

que “algo fala sempre antes e alhures” (PÊCHEUX, 2009, p. 164). O que diferencia a contribuição de Maingueneau é a tentativa de diminuir a flexibilidade das fronteiras dos conceitos caros à análise do discurso, tornando essa área menos filosófica e agregando a ela procedimentos de definição mais concretos e aplicáveis.

Maingueneau (2008a) considera a heterogeneidade como essencial para uma teoria que almeje abarcar o discurso na multiplicidade de suas dimensões. Para tanto, parte do conceito de Outro<sup>22</sup>, considerado o fundamento da discursividade. Segundo Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 5), “se o percurso de Maingueneau se inscreve na perspectiva da heterogeneidade constitutiva<sup>23</sup>, o autor propõe uma concepção radical da relação interdiscursiva, afirmando o primado do interdiscurso sobre o discurso”; em outras palavras, Maingueneau altera o foco da análise, esta não mais se debruça sobre o discurso, mas sobre “um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 20).

Essa presença do Outro, observada no discurso, não deve ser entendida como uma marca visível e localizável, a exemplo de uma citação, tampouco subordinada ou restrita à heterogeneidade mostrada ou à constitutiva, pois “a relação com o Outro [...] se revela independentemente de qualquer marca de alteridade, já que o Outro no espaço discursivo não é redutível à presença do interlocutor.” (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2009, p. 6). Isso significa, de acordo com Maingueneau (2008a), que é nesse espaço discursivo onde o Mesmo (Eu) e o Outro surgem e se delimitam e, por meio de um conflito regrado, fazem surgir uma formação discursiva. Sob essa ótica, considerando a imbricação entre o Mesmo e o Outro, Maingueneau (2008a) mantém o primado do interdiscurso coerente com o princípio da dialogicidade, caráter essencial de todo enunciado do discurso e, junto a isso, dá um passo além no que se refere à heterogeneidade constitutiva especialmente, uma vez que, conforme Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 6-7), a originalidade do conceito de heterogeneidade constitutiva proposta por Maingueneau reside no fato de que o “Outro ocupa a mesma cena do Eu.”

---

<sup>22</sup> Tal termo, cunhado por Lacan e grafado com letra maiúscula, é largamente usado no contexto dos estudos psicanalíticos. Contudo, não apresenta o mesmo uso nos estudos de Maingueneau. Este, por sua vez, busca nos escritos de Bakhtin embasamento teórico para a aplicação do Outro como fundamento da discursividade.

<sup>23</sup>Maingueneau (1984/2008a; 1997) usa, inicialmente, a terminologia da pesquisadora francesa Jacqueline Authier-Revuz a qual desenvolve estudos acerca de dois tipos de heterogeneidade: a mostrada e a constituída. Pelo primeiro, entende que são formas “linguisticamente descritíveis, por exemplo o discurso direto, o uso de aspas, de glosas”. Já o segundo diz respeito a um “princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem, por isso não está marcado na superfície linguística.” (TEIXEIRA, 2000, p. 145).

Para traçar um percurso mais preciso com relação ao interdiscurso, Maingueneau preconiza uma tríade que sustenta este caminho: universo, campo e espaço discursivos.

O universo discursivo, consoante Maingueneau (2008a, p. 33), “é o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada.” É, ainda, um conjunto finito, mas que não pode ser apreendido na sua totalidade; e, embora não represente um elemento de grande valia para a prática do analista, é com base nele que serão construídos os domínios com possibilidade de estudo, os campos discursivos. Estes, por sua vez, como são derivados de universos discursivos, representam um contingente menor – daí a afirmação de serem suscetíveis de estudo. Um campo discursivo abriga um conjunto de formações discursivas, as quais se definem mutuamente por um processo de concorrência. O entendimento desse termo, “concorrência”, deve dar-se de forma ampla, sendo visto como um confronto, uma aliança ou uma neutralidade aparente, por exemplo, e é observado “entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 34). Um campo discursivo (filosófico, gramatical, religioso, político) é o espaço onde um discurso se constitui, o que não deve ser sintetizado sob o prisma de que todos os discursos pertencentes a um mesmo campo discursivo constituam-se de maneira igual, pois se assim o fosse, a questão da heterogeneidade estaria sendo sumariamente desconsiderada. Por fim, o último elemento integrante da tríade do interdiscurso é o espaço discursivo. Aqui há o surgimento de subconjuntos de formações discursivas, os quais serão colocados lado a lado na análise se assim o quiser o analista. Exemplificamos com a pesquisa desenvolvida por Gonçalves (2015)<sup>24</sup>, cujo objeto de estudo delimitou-se num campo discursivo sociopolítico-cultural e no espaço discursivo da imigração italiana. Nosso estudo, igualmente emerge de um campo discursivo sociopolítico-cultural imbricado a um espaço discursivo de escolha de carreira.

Como decorrência das reflexões sobre o interdiscurso, Maingueneau (1984/2008a) recorre a um termo conhecido dos analistas de discurso, porém, o faz, atribuindo-lhe uma nova carga semântica, trata-se da competência discursiva. O termo competência nada tem de semelhante ao uso construído por Noam Chomsky<sup>25</sup>, o qual associava o termo a uma

---

<sup>24</sup> GONÇALVES, Iverson G. R. *Práticas discursivas, mulheres e memórias: identidade e manifestações culturais em Nova Prata*. 2015. 159f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Passo Fundo, UPF, Passo Fundo, 2015.

<sup>25</sup> Avram Noam Chomsky, (1928), linguista, filósofo e cientista cognitivo, é considerado o fundador da gramática gerativa-transformacional a qual, a seu entender, constitui a base para o desenvolvimento de uma gramática comum a todos os idiomas. Seus estudos fundamentam-se na tese de que todos os seres humanos nascem detentores de um conjunto determinado de conhecimentos do idioma universal, constituindo estes a "estrutura profunda" da língua.

capacidade inata do locutor de produzir sentenças gramaticais. A competência constitui-se, na proposta de análise do discurso de Maingueneau, como a capacidade do enunciador de produzir enunciados ou compreendê-los de acordo com o permitido pelo sistema de restrições no qual está inserido.

Maingueneau (2008a, p. 52) postula que a competência discursiva possibilita esclarecimentos entre a “articulação do discurso e a capacidade dos Sujeitos de interpretar e de produzir enunciados que dele decorram.” Essa possibilidade de interpretação e produção de novos enunciados decorrentes de um discurso guarda relação com o sistema de restrições – este podendo ser compreendido como “restrições específicas que fazem com que enunciados façam parte desse ou daquele discurso”, o que permite distinguir um discurso “como pertencente a uma formação discursiva determinada.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 47-48) .

Vimos, anteriormente, que formações discursivas abrigam-se em campos discursivos. Ocorre que existe algo, de acordo com Maingueneau (2008a), que delimita o dizível em cada campo discursivo, fato que afeta, claramente, as formações discursivas. São os filtros ou as coerções específicas que definem a língua. Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 7) elucidam que Maingueneau propõe coerções as quais são da ordem de uma semântica discursiva, a saber: “não existe uma língua específica a um discurso; os enunciados gramaticais de qualquer língua é que são submetidos a coerções específicas.” Maingueneau (2008a) analisou, em *Gênese dos discursos*, os discursos religiosos filiados ao jansenismo e ao humanismo devoto. Nesse *corpus* específico, o linguista francês conseguiu observar os referidos filtros atuando sobre dois domínios, o que acarreta, como dissemos, na influência do que pode ser dito em um determinado campo discursivo. Os domínios são:

- i) O universo intertextual católico como espaço onde circulam actantes, relações, axiologias, narrativas...
- ii) Os múltiplos dispositivos retóricos acessíveis à enunciação religiosa (gêneros literários, modos de argumentação etc...). (MAINGUENEAU, 2008a, p. 48).

Maingueneau (2008a) considera que a maneira pela qual os discursos jansenista e humanista devoto permearam por esses domínios é governada por um sistema de restrições singular, devendo ser concebida como uma competência discursiva.

Apesar de o conteúdo de ambos os domínios ser passível de mudança, acompanhando os discursos em questão, vemos que existe, de certa forma, algum tipo de regularidade nesses domínios. Se adotarmos a visão de discurso desenvolvida por Maingueneau (2008a), como é o nosso caso, considerando-o como um objeto integralmente linguístico e integralmente histórico, assim como praticar uma análise de discurso que não privilegie um aspecto do

discurso em detrimento dos demais – em outras palavras, analisando todos os planos previstos pela Semântica Global (MAINGUENEAU, 2008a) – observaremos a reincidência de aspectos dos dois domínios tratados há pouco, mesmo que com outro *corpus*. Ao aplicarmos esse raciocínio ao objeto de análise deste estudo, os mitos sobre escolha de carreira, notaremos que o universo intertextual despontará como fundamental para a compreensão dos mitos. Repousar o olhar sobre os atores sociais envolvidos nesse universo, por exemplo, pode nos conduzir à inferência do motivo pelo qual discursos que eram tidos como verdades passam a ser categorizados como mitos. De igual maneira, os dispositivos acessíveis à enunciação figuram em uma posição essencial. Ainda referindo-nos ao nosso *corpus* de análise, o gênero discursivo escolhido pelos *sites* dos quais capturamos os mitos também significa. O modo de argumentação presente no discurso dos especialistas, ao destituírem a verdade propagada pelos mitos, igualmente é fundamental para a análise, e nenhum deles poderia deixar de ser acionado quando da prática dessa análise. Daí a dizermos que existe certa regularidade nesses domínios, apesar do discurso, e que isso somente é possível devido à coerência teórica da proposta de Maingueneau.

O referido teórico invoca, novamente, a presença do Outro e afirma que, traçando o mesmo percurso reflexivo do interdiscurso, no quadro do espaço discursivo, a competência deve ser vista como interdiscursiva em lugar de discursiva. Isso supõe

- a aptidão para reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados da ou das formação(ões) do espaço discursivo que constitui(em) seu Outro;
- a aptidão de interpretar, de traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 55).

Quando o enunciador de um discurso é confrontado com seu Outro e tenta copiá-lo, o que consegue é apenas produzir, consoante Maingueneau (2008a, p. 55), “simulacros desse Outro, e simulacros que são apenas seu avesso.” Isso porque um enunciador somente é capaz de produzir discursos dizíveis dentro de sua própria competência, em outras palavras, não é possível traduzir o enunciado Outro em um sistema de restrições que não seja o seu próprio.

Dadas as breves considerações apresentadas sobre discurso, análise de discurso, interdiscurso e competência discursiva, adentramos, agora, na proposta teórico-metodológica desenvolvida por Maingueneau (1984/2008a). Com base nela, o linguista francês propõe uma análise a qual eleva ao mesmo grau de importância todos os planos discursivos que permeiam um discurso, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação. Fazem parte da semântica global sete planos discursivos, a saber: a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão. Incluem-se em sua teoria, além da semântica global, a cenografia e o ethos,

categorias bastante elucidadoras para o analista de discurso. Nas seções seguintes, faremos um percurso por todos esses elementos que se circunscrevem no aparato teórico-metodológico que norteia este trabalho.

### 3.1 SEMÂNTICA GLOBAL: UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE ANÁLISE

O pressuposto balizador da teoria da semântica global, como exposto anteriormente, é a indissociabilidade do discurso e de sua inscrição histórica. Maingueneau (2008a) defende que não há parte que seja mais ou menos importante em um discurso, não há “algo” que se mostre em uma parte mais profunda, porque essa parte não existe; um discurso não é composto por níveis superficiais e profundos, é um constructo formado e significado por todos os seus planos, sem nível hierárquico, submetidos às coerções restritivas da formação discursiva à qual se filia.

O conceito de formação discursiva, assim como o de discurso, também não encontra fronteiras muito bem definidas. Embora presente na teoria da análise do discurso francesa desde seu início, ainda caracteriza-se pela carência de fixidez. Tentaremos, contudo, traçar algumas linhas que garantam a clareza para nossa análise no que se refere a essa noção, sempre privilegiando as pesquisas desenvolvidas por Maingueneau. É interessante perceber que Maingueneau, em sua obra fundante – *Gênese dos discursos* – de 1984, não prolongou a discussão sobre formação discursiva. Quando da tradução da obra no Brasil (em 2008), ele se manifesta, no prefácio, lamentando-se por ter usado de forma “frouxa” a noção de formação discursiva, apontando que “hoje se falaria preferencialmente de “posicionamento”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 12). Em obras posteriores é que essa discussão aparecerá, mais especificamente no artigo “Unidades tópicas e não-tópicas” publicado em *Cenas da enunciação* (2008b) e, mais recentemente lançado no Brasil, *Discurso e análise do discurso* (2015), Maingueneau dedica dois capítulos (As unidades tópicas e As formações discursivas) para refletir sobre a questão.

Na maioria dos textos que se preocupam em delimitar a definição usada para formação discursiva, encontramos uma espécie de linha do tempo do desenvolvimento dessa noção, citando Michel Foucault e Michel Pêcheux. Foucault foi quem primeiro mobilizou<sup>26</sup> o

---

<sup>26</sup>Há estudiosos do tema que se posicionam de maneira distinta a essa: quem primeiro teria levantado a noção de formação discursiva seria Pêcheux e só posteriormente Foucault. A exemplo, citamos o texto de Roberto Baronas, Formação discursiva: vale a pena lutar por ela. Disponível em:

conceito de formação discursiva em sua obra *Arqueologia do saber* de 1969, apesar de não a criar com o intuito de introduzir uma análise do discurso. Do ponto de vista de Maingueneau (2008b), em Foucault não se consegue ver, de forma clara, um conceito para formação discursiva, uma vez que há uma oscilação entre duas interpretações: uma em termos de regras e regularidades, isto é, aquilo que se repete e faz caracterizar uma formação discursiva, e outra em termos de dispersão, ou seja, os modos como uma formação discursiva se amplia e se propaga. O segundo teórico a desenvolver reflexões acerca da referida noção foi Michel Pêcheux, cujo legado acerca dessa noção mostra-se mais bem delimitado, sendo aquilo que “determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada na conjuntura social.” (PÊCHEUX, 2009, p. 163-164). Consoante Maingueneau (2008b, p. 12), Pêcheux “fez dessa noção a unidade de base da chamada ‘escola francesa de análise do discurso’” e, sob a égide do materialismo histórico, reconfigurou-a, relacionando-a com o conceito althusseriano de ideologia. A partir da percepção de que em Foucault não havia um espaço seguro para a compreensão da formação discursiva e, em Pêcheux, apesar de haver um avanço substancial na conceitualização, ainda não se tinha uma definição não afetada por aquilo que o autor tomava como espaço privilegiado na sua teoria (a luta de classes). Maingueneau (2008b), por sua vez, propõe levar em conta as categorias sobre as quais a análise do discurso se debruça, para só então oferecer sua contribuição à definição de formação discursiva. Nessa empreitada é que aparecem as unidades tópicas e as unidades não tópicas.

Focamo-nos, nesse momento, em discorrer sobre as unidades não tópicas, pois é aqui que Maingueneau centra a discussão sobre formação discursiva, além de esse ser um dos elementos presentes mais adiante, inevitavelmente, em nossa análise. A questão da formação discursiva relaciona-se com outra, a do interdiscurso. Em Maingueneau (2015, p. 81, grifo do autor) encontramos mais detalhes:

As unidades não tópicas são construídas pelo pesquisador a partir das unidades tópicas. Só pode haver análise do discurso se ela se apoia em unidades tópicas, mas elas não podem dar conta, sozinhas, do funcionamento do discurso, que é atravessado por uma falha constitutiva: o sentido se constrói no interior de fronteiras, mas mobilizando elementos que estão fora delas. O que se pode expressar [...] em termos de “primado do interdiscurso sobre o discurso<sup>27</sup>”, ou, nas “problemáticas inspiradas em M. Bakhtin, em termos de “dialogismo”. Toda enunciação é habitada por outros discursos, por meio dos quais ela se constrói.

---

<<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/formacao-discursiva-vale-a-pena-1670.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

<sup>27</sup> Reflexão desenvolvida pelo próprio Maingueneau na obra *Gênese dos discursos* (1984/2008a).

Tal relação inextricável com o interdiscurso faz com que a formação discursiva seja uma construção do próprio analista, ou seja, é ele quem define o princípio que une discursos e os torna pertencentes a uma ou outra formação discursiva; a falta de fronteiras já é um indício de que se está lidando com uma formação discursiva – unidade não tópica – em vez de uma unidade tópica, cujos limites são mais visíveis, pois agrega os gêneros de discurso. Ainda, é a formação discursiva que delimita os sentidos possíveis atribuídos a dado discurso, o que nos remete ao sistema de restrições, cuja manifestação dá-se em qualquer discurso e denuncia o pertencimento desse discurso a uma formação discursiva determinada.

Recorrendo ao Dicionário de Análise do Discurso para buscarmos explicações mais definidoras para o termo formação discursiva, encontramos que ele

permite designar todo conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa: o discurso comunista, o conjunto de discursos proferidos por uma administração, os enunciados que decorrem de uma ciência dada, o discurso dos patrões, dos camponeses etc. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 241-242)

A identidade enunciativa, como sabemos, é definida pelo sistema de restrições e sofre influência, em seu processo de constituição, por aquilo que é dizível, ou melhor, pela parte do dizível que é acessível “em um idioma particular, para uma sociedade, para um lugar, um momento definidos.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 16). Na visão de Maingueneau, (2014, p. 242), a plasticidade que advém da definição de formação discursiva “empobrece essa noção” e, por isso, ela tem, “desde os anos 80, mais dificuldade em encontrar o seu lugar”, além de ser percebida, talvez, “como muito ligada ao domínio sociopolítico” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 393). Em seus estudos atuais, Maingueneau<sup>28</sup> (2014, 2015) opta, frequentemente, pelo termo “posicionamento”, em lugar de formação discursiva.

Incorrendo em nova busca no Dicionário de Análise do Discurso, dessa vez pelo termo posicionamento, vemos que ele é tratado “como uma das categorias de base da análise do discurso, que diz respeito à instauração e à conservação de uma identidade enunciativa.” Tal referência à identidade enunciativa também está presente na conceituação de formação discursiva, entretanto, no que concerne a esse assunto na esteira do posicionamento, observa-se uma delimitação um tanto mais “concreta”, pois além de o termo ser usado para referir os conteúdos do discurso, relaciona-se “às diversas dimensões do discurso: ele se manifesta também na escolha destes ou daqueles gêneros de discurso, no modo de citar etc.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 393).

<sup>28</sup>Não foi apenas nas obras de 2014 e 2015 que Maingueneau tratou dessa questão do posicionamento. Conforme registramos anteriormente, já no prefácio da tradução da obra *Gênese dos Discursos*, publicada em 2008, o autor pondera, na página 12, que em vez de formação discursiva, hoje se fala, preferencialmente, de “posicionamento”.

Ainda, o posicionamento contribui para a definição de identidades enunciativas fortes e fracas. As fortes indicam um “lugar de produção discursiva bem específico, como o discurso do partido comunista de tal período” e as fracas, ao contrário, são empregadas para identidades de “*fraca consistência doutrinal* (um programa de televisão, uma campanha publicitária etc.)” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 392-393, grifo dos autores).

De nossa parte, no gesto de definição do *corpus* e escolhas teóricas, usaremos o termo formação discursiva<sup>29</sup> a partir do interdiscurso que o discurso em análise mobiliza. Apontamos, anteriormente, a delimitação de nosso objeto de estudo como sendo os mitos de escolha de carreira profissional, gesto que mostra o espaço discursivo pelo qual nos interessamos.

Passamos, agora, a tratar da semântica global e dos seus planos componentes. Primeiramente, destacamos que esta metodologia é consequência da visão de discurso e de análise de discurso desenvolvida por Maingueneau (2008a)<sup>30</sup>. Freitas e Facin (2011, p. 202) consideram que Maingueneau propõe, a partir da semântica global, “uma metodologia que vai de encontro a princípios tradicionais de pensar a linguagem”, isso porque o autor francês valoriza a totalidade dos planos que constituem um discurso, almeja, portanto, “apreender a significância discursiva em seu todo.” (BARONAS; MANENTI, 2009, p. 68).

A semântica global é composta por sete planos que se entrecruzam. Trataremos de cada um e adotando a ordem apresentada no livro *Gênese do Discurso* (1984/2008a), embora o próprio fundador da teoria faça uma ressalva com relação a isso, afirmando que

a ordem dos “planos” [...] é completamente arbitrária no que diz respeito ao “esquema construtor” global representado pela competência discursiva que o investe. Não constitui de forma alguma um modelo genético em virtude do qual o enunciador escolheria previamente um tema, depois um gênero literário, depois um vocabulário etc. [...] Sua única finalidade é ilustrar a variedade das dimensões abarcadas pela perspectiva de uma semântica global, e nada impede de isolar outras ou de repartir diferentemente as divisões propostas. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77).

Mais adiante, no capítulo específico para as análises, neste estudo, veremos a concretização dessa “liberdade” autorizada por Maingueneau. Em alguns momentos priorizaremos alguns planos em detrimento dos demais, contudo, conforme o autor, não há

<sup>29</sup> Conforme apontado na nota número 10, Maingueneau (2008a) prefere o termo posicionamento em vez de formação discursiva; contudo, faz esse registro no prefácio da obra publicada no ano de 2008. Na primeira edição (1984), o termo formação discursiva é usado por Maingueneau em todo o livro. Assim, mantemos o uso desse termo no contexto citado em nosso texto por influência teórica.

<sup>30</sup> Apresentamos, com mais detalhes, o posicionamento de Maingueneau acerca desses dois temas na seção anterior deste capítulo.

indícios prejudiciais à metodologia da semântica global a partir dessa prática. Vejamos, então, os planos constitutivos.

O primeiro plano discursivo é a intertextualidade, a qual pode ser vista a partir do intertexto. Este representa um fragmento citado dentro do texto, ou seja, é possível reconhecer visualmente e pelas marcas linguísticas que determinado excerto presente no texto provém de outra fonte; por sua vez, a intertextualidade caracteriza-se pelos “tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas” (MAINGUENEAU, 2008a, p.77); em outras palavras, é o sistema de restrições atuando de acordo com as regras construídas dentro dos domínios de cada discurso pelo passado do próprio discurso. Podemos considerar, para ilustrar esse raciocínio, a forma como um campo discursivo retoma discursos anteriores. Na esfera religiosa, tem-se uma maneira de fazer essa retomada, enquanto que no campo acadêmico a apropriação de discursos pretéritos por meio da citação é bastante distante da religiosa.

Ainda sobre a intertextualidade, ela está presente interna e externamente a um discurso. A intertextualidade interna manifesta-se, consoante Maingueneau (2008a), quando a memória discursiva é acionada. Isso ocorre à medida que, dentro de uma formação discursiva específica, reconhece-se a proximidade semântica de um dado discurso aos discursos autorizados pela formação discursiva. Já a intertextualidade externa é a relação estabelecida entre um discurso e outros campos discursivos.

O vocabulário configura-se como o segundo plano discursivo na esteira da semântica global. O princípio que o rege é de que a palavra, tomada isoladamente, não possibilita uma análise relevante, o contexto, a situação específica na qual a palavra está em utilização é que deve ser o cerne da análise. Ao considerar apenas a palavra como unidade de análise, o analista desconecta-se integralmente da proposta teórica de Maingueneau, uma vez que, para esse autor, como já dissertado em seção anterior, um discurso não deve ser tomando apenas como um objeto linguístico; o discurso é, também, um objeto integralmente histórico.

Maingueneau (2008a, p. 80) afirma, ainda, que “não há muito sentido em falar de vocabulário desse ou daquele discurso, como se um discurso possuísse um léxico que lhe fosse próprio”, o que se percebe são usos semânticos distintos das palavras pelos diversos discursos que as acionam, ou seja, as combinações oferecidas pelos eixos paradigmático e sintagmático<sup>31</sup> associadas às possibilidades restritivas de um discurso são marcas caras ao

---

<sup>31</sup> Ambos os termos, sintagmático e paradigmático, são atribuídos ao linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1857-1913). Enquanto o primeiro é usado para referir-se às “relações que os termos de um discurso estabelecem entre si em virtude de seu encadeamento e baseadas no caráter linear da língua” (SAUSSURE, 1969, p. 142), o

analista, já que revelam, por exemplo, o posicionamento de um enunciador no seu campo discursivo. Em nosso estudo, torna-se importante analisar, por exemplo, os vocábulos “mitos” e “vocação”, uma vez que são bastante recorrentes em todos os textos do *corpus*. Maingueneau (2008a, p. 81) adverte sobre não se pensar que o uso de uma palavra em específico   atribuído exclusivamente à sua carga semântica, além disso, “as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento.”   sob essa égide final, em específico, que veremos o plano do vocabulário em nosso *corpus*.

O próximo plano são os temas. A discussão segue contigualmente   do vocabulário. Da mesma forma, o importante não é o tema em si, mas sua aplica o semântica. Maingueneau (2008a, p. 81) não se det m em uma defini o complexa para os temas, registra apenas que é “aquilo de que um discurso trata’, em qualquer nível que seja”. É fundamental a compreensão de que um mesmo tema pode estar presente e ser desenvolvido em mais de um discurso, em outras palavras, não há temas que tenham que ver com apenas um discurso, o que se tem são temas que parecem ser mais propícios a dado discurso do que outros, devido ao sistema de restri es, uma vez que “  por sua forma o discursiva e não por seus temas que se define a especificidade de um discurso”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 84).

O quarto plano da semântica global trata do estatuto do enunciador e do destinatário<sup>32</sup>. Aqui   a subjetividade enunciativa que entra em cena, a qual está atrelada à competência discursiva do enunciador e ao discurso. A subjetividade, no campo da enuncia o, faz remeter aos estudos do linguista francês Émile Benveniste.   prioritário atentar para a evolu o do raciocínio do teórico acerca da subjetividade quando ele trata da natureza dos pronomes<sup>33</sup>. Benveniste (1956/2005) observa, primeiramente, que o uso dos pronomes pessoais “eu”, “tu” e “ele”, para referenciar signos linguísticos não pode ser verdadeiro – ao menos não para os três – justamente porque a no o de pessoa não está presente no pronome “ele”. Tal característica   própria apenas em “eu” e “tu”. Além disso, o autor pontua que cada instância na qual um nome é acionado relaciona-se com uma “no o constante e ‘objetiva’, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representa o que desperta” (BENVENISTE, 1956/2005, p. 278, grifo do autor); contudo, tal no o não   aplicável ao pronome “eu”, uma vez que não há referência física e única que

---

segundo diz respeito às possibilidades virtuais oferecidas por um idioma, funciona como uma espécie de banco virtual da língua.

<sup>32</sup> Observa-se que Maingueneau (2014, p. 91), no desenvolvimento de sua teoria, opta pela substitui o do termo destinatário por coenunciador, justificando que este “convém melhor ao caráter fortemente interativo da comunica o verbal”.

<sup>33</sup> A natureza dos pronomes constitui-se como o vigésimo capítulo da obra Problemas de Linguística Geral I, de Émile Benveniste.

corresponda a “eu”. Nas palavras do autor, cada “eu” tem sua própria referência. Sendo assim, “eu” só pode ser compreendido e definido na instância do discurso, “instância única por definição, e válida somente na sua unicidade” (BENVENISTE, 1956/2005, p. 278).

Em contrapartida, o pronome “ele” – aquele que se refere à não-pessoa – oferece margem para um uso objetivo. Nos enunciados de discurso que aceitam o pronome “ele”, este é usado para referir-se não a ele próprio (como ocorre com “eu”) ou ao outro da comunicação (o “tu”), mas a uma situação, a algo que poderia ser substituído por um “isso” ou por um “o”, existe, em tais enunciados, uma referência objetiva, por isso o pronome “ele” é usado para identificar a terceira pessoa.

O discurso, por sua vez, existe pelo uso que o ser humano faz da linguagem. Esta, consoante Benveniste (1956/2005, p. 286, grifo do autor), “só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a mim, torna-se meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*.” Tem-se, então, pela linguagem, a emergência de um sujeito, por conseguinte, tem-se a subjetividade enunciativa presente.

Contudo, esse traço de subjetividade da enunciação tem maior valor na relação intersubjetiva. Se a primeira é a emergência de um locutor em sujeito, por meio do uso da linguagem, a última pode ser entendida como a interação dialógica entre cada sujeito projetado como um “eu” no discurso, por fim, “não existe subjetividade sem intersubjetividade.” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 456). Porém, ao considerarmos as variadas formas que um idioma oferece a seu usuário, a existência da intersubjetividade poderia prejudicar a comunicação, uma vez que cada locutor teria liberdade para fazer escolhas distintas dentro do seu eixo paradigmático no intuito de se lançar e se marcar dentro do seu discurso. Benveniste (1956/2005, p. 280, grifo do autor) reflete acerca disso, afirmando que

o problema da intersubjetividade na comunicação foi resolvido pela própria linguagem por meio da criação de “um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade” [...] e que se tornam “plenos” assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso”. Isso significa que a linguagem, na instância discursiva, é capaz de evitar confusões que poderiam advir do fato de cada locutor, ao expressar sua subjetividade, selecionar qualquer forma disponível na língua. A linguagem vale-se do signo “vazio” eu e, cada locutor, ao usá-lo, refere-se unicamente à instância do seu próprio discurso, por conseguinte, é mobilizado também o signo “vazio” tu, cuja plenitude aparecerá dentro do universo da instância do discurso em questão.

A mobilização dos signos “eu” e “tu” pode ser lida, na teoria de Maingueneau, como as figuras do enunciador e do coenunciador, respectivamente, associadas à competência

discursiva. Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 13) afirmam que “cada discurso, de acordo com a competência (inter)discursiva define o estatuto que o enunciador deve se conferir e o estatuto que ele confere ao seu coenunciador para legitimar seu dizer.”

A subjetividade mostra-se pelo uso dos pronomes, na relação com um “eu” e um “tu”, estes indicando uma posição na linguagem, mas não somente através deles, os indicadores da dêixis – como pronomes demonstrativos e advérbios, aqueles revelando um objeto e estes responsáveis por marcar o tempo e o espaço – também revelam a subjetividade. O uso dos dêiticos é trazido à linguagem com a finalidade de delimitar a instância de discurso.

No que se refere aos dêiticos, há um aspecto fundamental. Consoante Benveniste (1956/2005, p. 280), é preciso ter ciência de que a dêixis é “contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa”. Em outras palavras, tratando-se dos demonstrativos, é preciso que haja um eu, o qual funcionará como um referente, para que o pronome demonstrativo extraia desse eu a sua própria referência. Dessa forma, em cada instância de discurso, um mesmo pronome demonstrativo servirá para revelar um objeto distinto, assim como um mesmo dêitico de tempo, por exemplo, agora, marcará um tempo diferente a cada vez que estiver associado a um eu (e, como se sabe, cada eu “vazio”, tornar-se-á “pleno” quando um locutor o mobilizar dentro de uma instância de discurso que será única e irrepetível). Por fim, não há um significado preciso para cada dêitico, eles são fluidos e estão a serviço do eu que enuncia a presente instância de discurso. É justamente essa relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a presente instância de discurso que Benveniste considera essencial.

Ademais da breve consideração acerca da subjetividade<sup>34</sup>, retomamos nossa exposição, até o momento, sobre o percurso teórico desenvolvido por Maingueneau. Devemos, então, como analistas de discursos filiados aos princípios teórico-metodológicos da semântica global, considerar que um discurso “dialoga” com outros, podendo fazer isso de forma explícita por meio do uso de intertextos ou através da relação permitida pela formação discursiva, mostrada através da intertextualidade; essa relação materializa-se linguisticamente com o uso do vocabulário. Como analisamos o discurso no escopo de uma semântica global, é de suma relevância lembrar que as palavras não significam sozinhas, mas podem assumir diferentes possibilidades semânticas dependendo das coerções impostas pelo sistema de

---

<sup>34</sup>Optamos por fazer uma abordagem breve sobre o conceito de subjetividade benvenistiana uma vez que este não é o cerne desse trabalho. A justificativa para trazer as palavras de Benveniste não é outra, senão enriquecer esta pesquisa apresentando os teóricos que, com seus estudos, alavancaram o desenvolvimento da proposta de Maingueneau. Registramos que a reflexão acerca da subjetividade proposta por Benveniste vai além dos indicadores de pessoa, relaciona-se com a apropriação da língua.

restrições do discurso ao qual se vinculam. Ademais, o vocabulário forma conjunto com o tema, este sendo mobilizado por um enunciador cuja legitimação do seu dizer é garantida pela imagem que ele faz de si mesmo e de seu destinatário através do discurso.

O plano seguinte é representado pela dêixis enunciativa. Esse plano indica coordenadas espaciais e temporais “que cada discurso constrói em função de seu próprio universo.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 88). Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 13) esclarecem que “não se trata de uma dêixis empírica [...], isto é, data e local em que os textos foram produzidos, mas do estatuto discursivo dos enunciadores.” A dêixis constitui-se, conforme Maingueneau (1997), como um caminho inicial de acesso à cenografia de uma formação discursiva através da utilização do triângulo EU ↔ TU — AQUI — AGORA. A dêixis, além de delimitar uma topografia (cena) e uma cronologia (tempo) para o discurso, instaura legitimidade ao ato de enunciação, sendo mais um plano – a exemplo dos anteriores – subserviente às restrições das formações discursivas.

Quanto ao sexto plano integrador da semântica global, temos o modo de enunciação, termo que traz imbricado em si outros, como o tom e a voz e é responsável por indicar a “maneira de dizer” do discurso. Contudo, Maingueneau (2008a) esclarece que a voz não tem relação somente com oralidade – mesmo os discursos escritos têm uma voz particular que se relaciona com as imposições de sua semântica. O tom, por sua vez, “se apoia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um *caráter* e a de uma *corporalidade*, estreitamente associadas” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 92, grifo do autor); isso significa que a voz do discurso provoca no destinatário a construção de um corpo imaginário que “materializa” seu tom, conforme as delimitações do modo de enunciação. É importante salientar que esse plano relaciona-se com o plano do estatuto do enunciador e do coenunciador, uma vez que a maneira de dizer estabelecerá os lugares enunciativos de cada um.

O modo de enunciação, entretanto, não se caracteriza como um dispositivo da retórica para o enunciador “escolher” de acordo com o que quer dizer, ele está entrelaçado com o discurso através de três dimensões da noção de incorporação:

1. O discurso, através do corpo textual, faz o enunciador encarnar-se, dá-lhe corpo;
2. Esse fenômeno funda a “incorporação” pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com os outros;
3. Essa dupla “incorporação” assegura, ela própria, a “incorporação imaginária” dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 93).

Nessa perspectiva da incorporação, o destinatário deixa de ser apenas um receptor, um consumidor de “ideias” e adere, por meio de uma maneira de dizer (modo de enunciação), à

uma maneira de ser. Veremos na seção 3.3 a manifestação desse plano na noção de ethos discursivo.

O modo de coesão ocupa o último plano da semântica global e tem a ver com a interdiscursividade, ou seja, “o modo pelo qual um discurso constrói suas remissões internas, o que remete à teoria da anáfora discursiva”. (SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2009, p. 15). Maingueneau (2008a), contudo, não desenvolve os conceitos ligados à interdiscursividade com profundidade, limita-se a aludir os fenômenos do recorte discursivo e dos encadeamentos. O recorte discursivo, de acordo com Maingueneau (2008a, p. 94), dá-se “num nível fundamental e atravessa as divisões em gêneros constituídos”, já os encadeamentos do discurso mantêm relação com as coerções das formações discursivas, isto é, com os modos próprios de cada discurso para construir parágrafos, desenvolver a argumentação, transitar entre diferentes temas.

Maingueneau (2008a, p. 96) dedica-se a construir os postulados teóricos da semântica global em resposta à rejeição de apreender o discurso como um “sistema de ideias” em que “a consciência dos sujeitos aparece como uma cena na qual vêm inscreverem-se ideias produzidas alhures, mais do que como uma instância dotada de um dinamismo próprio.” Veremos esse dinamismo em funcionamento quando analisarmos os discursos de nosso corpus, os quais, assim como qualquer discurso analisado sob o viés da semântica global, acionam simultaneamente vários planos da teoria.

Essa seção, destinada à breve apresentação teórica da semântica global, desenvolvida por Maingueneau (2008a) no livro *Gênese dos discursos*, marca o início do percurso teórico que fundamenta esta dissertação e será retomada mais adiante, quando abordarmos os procedimentos metodológicos para análise do *corpus*. A seguir passaremos a tratar de outros fenômenos que rondam o discurso e igualmente relacionados à semântica global: a cena na qual o enunciador inscreve seu discurso – a cenografia – e a imagem que ele constrói de si a partir do discurso – o ethos discursivo.

### 3.2 CENOGRAFIA: UM LUGAR DISCURSIVO PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Conforme as palavras finais da seção anterior, embora a cenografia não se configure, explicitamente, como um dos planos integrantes da semântica global, ela é fundamental para a análise de discurso praticada por Dominique Maingueneau. Dizemos “explicitamente” para nos referir ao fato de que não há um plano chamado cenografia, contudo, essa categoria

manifesta-se na teoria através de dois planos. Conforme Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 14, grifo do autor) relatam:

tanto o enunciador como o coenunciador, [...] quanto a *dêixis* em sua dupla paternidade, *espacial e temporal*, são vistos, hoje, por Maingueneau no quadro de uma *cenografia enunciativa*, que abriga os coenunciadores do discurso, uma *topografia* e uma *cronografia* respectivamente. A *cenografia* refere-se ao texto concreto no qual um gênero se realiza (por exemplo, uma propaganda eleitoral pode assumir a forma de uma carta).

Observa-se, nesse excerto, a presença de várias categorias teóricas, todas convergentes para a compreensão da cenografia, objeto de discussão desta seção. Com relação ao enunciador e coenunciador, bem como a *dêixis*, ambos já foram apresentados anteriormente neste capítulo. Partimos, assim, para reflexões concomitantes sobre gênero discursivo e cenografia.

Nos estudos de Maingueneau (1997, 2008b, 2015) também encontramos considerações sobre gêneros discursivos. A partir das obras publicadas no Brasil em 2008, vemos que Maingueneau trata os gêneros de discurso como unidade tópica<sup>35</sup>; em alguma medida, o linguista francês segue em consonância com Bakhtin com relação à origem dos gêneros ao afirmar que

por natureza, as unidades ‘tópicas’ se situam no prolongamento das categorizações dos atores sociais [...]. Elas se articulam em torno da categoria de *gênero de discurso*, entendido como instituição que fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado: o jornal televisivo, a consulta médica, o roteiro turístico, a reunião do conselho de administração... (MAINGUENEAU, 2015, p. 66, grifo do autor).

Recorremos ao teórico russo Mikhail Bakhtin, devido a sua densa obra constituir-se em grande amparo teórico para vários estudos relacionados à linguagem, entre eles o estudo dos gêneros, e por conta das reflexões de Maingueneau, acerca dos gêneros discursivos, guardar relação, conforme afirmamos, com o legado bakhtiniano. Bakhtin (1979/2011, p. 262, grifo do autor) afirma que gêneros do discurso são “*tipos relativamente estáveis* de enunciados.” O autor compreende que os enunciados são a materialização da língua, independente de serem orais ou escritos e “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional.” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 261). Ademais, esse trio de elementos encontra-se ligado no enunciado e é determinado pelas

---

<sup>35</sup> Anteriormente falamos das unidades não tópicas que correspondem às formações discursivas ou aos posicionamentos, conforme Maingueneau (2015).

particularidades de um campo da comunicação específico. Os gêneros surgem, assim, através da necessidade de cada campo discursivo.

Contudo, Maingueneau (2015), apesar de não se posicionar contrariamente às proposições bakhtinianas concernentes aos gêneros, avança sua prática de análise articulando os gêneros de discurso com a cena da enunciação. A inspiração para o uso do termo “cena” vem justamente do teatro e ele funciona como uma metáfora. Maingueneau (2015, p. 118) acredita que “é nos gêneros instituídos que os sujeitos estão mais conscientes de que participam de uma peça de teatro, de que desempenham um papel previamente imposto.” Vemos, de fato e com clareza, o funcionamento das cenas e dos papéis que desempenhamos no cotidiano. Quando um professor, por exemplo, está exercendo sua função na docência, ele não está ministrando sua aula a partir do papel de pai ou de vocalista de uma banda de rock, a cena da qual ele participa e o papel que adota são aqueles mobilizados pelo gênero do discurso em questão, nesse caso, uma aula.

No entanto, essa metáfora construída por meio da cena teatral tem um alcance limitado. Maingueneau (2015) observa que apenas no ambiente do teatro é possível delimitar com exatidão quando se está atuando ou não. Fora desse domínio, “encontramo-nos sempre confrontados com o paradoxo de uma teatralidade da qual não podemos sair” (MAINGUENEAU, 2015, p. 118), por esse motivo, outras três cenas interagem quando um discurso é posto em funcionamento: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A cena englobante está relacionada ao tipo de discurso – religioso, político, publicitário, filosófico – é um “recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros de discurso.” (MAINGUENEAU, 2015, p. 118). Ela é responsável por situar o leitor acerca da finalidade do discurso com o qual está interagindo e, no trabalho do analista, não tem fixidez absoluta; é o próprio analista quem decide, de acordo com seus objetivos de pesquisa, em qual nível filiará a cena englobante do *corpus* que analisa. Outra, a cena genérica, diz respeito ao gênero de discurso, isto é, ao papel exercido pelo próprio discurso dentro da finalidade para a qual ele surgiu, por exemplo, um guia turístico, uma crônica, uma receita médica. Maingueneau (2015, p. 120-122) associa a cada gênero as seguintes peculiaridades: 1) uma ou mais finalidades; 2) papéis para os parceiros; 3) um lugar apropriado para seu sucesso; 4) um modo de inscrição na temporalidade; 5) um suporte; 6) uma composição e 7) um uso específico de recursos linguísticos. Observa-se que algumas das características definidas por Maingueneau convergem com a trina definição de gênero discursivo crivada por Bakhtin. O teórico russo referia-se à regularidade temática, ao estilo de

linguagem e à construção composicional como base para a garantia da estabilidade de um enunciado, Maingueneau mantém dois elementos da tríade por meio dos itens 6 e 7 acima citados. Com relação à regularidade temática, Maingueneau (2015) não considera que a manutenção de um mesmo tema ou conteúdo em textos distintos seja um meio de assegurar que o texto pertença a um determinado gênero, contudo, concorda com Bakhtin acerca da importância do tema e assegura a permanência desse elemento em um dos sete planos constitutivos da semântica global.

Por fim, a terceira cena evocada por um discurso mostra-se na cenografia, cena com a qual o leitor interage diretamente. Ilustramos com um exemplo dado por Maingueneau (2015, p. 123, grifo do autor) sobre cenografia: “um romance pode ser enunciado por meio de uma *cenografia* do diário íntimo, do relato de viagem, de uma conversa ao pé do fogo, de uma correspondência amorosa...” O romance nos dá a cena genérica, isto é, sabendo que interagimos com esse gênero específico, não esperamos ser informados acerca das atualidades do mundo ou aprendermos como se constrói determinado objeto, uma vez que as peculiaridades do gênero não permitem que o romance esteja a serviço disso. Porém, a cenografia mobilizada para concretizar esse gênero é que será a responsável por “suscitar a adesão dos destinatários”. (MAINGUENEAU, 2015, p. 123). Dito de outra forma, é pela escolha do enunciatador por uma cenografia ou outra – no exemplo citado, por um diário íntimo ou uma correspondência amorosa – que haverá a legitimação daquilo que foi enunciado.

A cenografia, nos estudos do discurso, não corresponde a um cenário, a um espaço já existente, mas a um processo desenvolvido pela enunciação cujo desenrolar constitui seu próprio dispositivo de fala, em outras palavras:

A cenografia implica, desse modo, um processo de *enlaçamento paradoxal*. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra* [...]. (MAINGUENEAU, 2004, p. 87, grifo do autor).

Vemos que a riqueza e a multiplicidade de interações possíveis com um mesmo texto dão-se pelo viés da cenografia, com o afastamento de modelos pré-estabelecidos pelos gêneros. Ainda, é a cenografia que aciona os sentidos pré-construídos, aqueles que já estão na memória coletiva, os estereótipos, as chamadas “cenas validadas”. Maingueneau (2004, p. 92) explica que “as cenografias podem se utilizar de cenas já instaladas na memória coletiva, seja a título de modelos que se rejeitam ou de modelos que se valorizam.”

Outro aspecto importante concernente à cenografia é que ela só se desenvolve plenamente se puder controlar o próprio desenvolvimento, mantendo uma distância do

coenunciador. Observa-se essa possibilidade na escrita ou em enunciações em forma de monólogos, contudo, em um debate, por exemplo, esse controle não existe, posto que os participantes não atuam considerando suas próprias cenografias, mas reagindo a situações imprevisíveis.

É importante a ressalva de que nem todos os gêneros de discurso permitem a construção de uma cenografia, eles limitam-se às cenas englobante e genérica, pois estão presos às formalidades delimitadas pela rotina do próprio gênero, como por exemplo a receita médica.

Em nosso estudo, os mitos sobre escolha de carreira serão tratados como unidades tópicas, por terem passado por um processo de “pré-recorte pelas práticas sociais” (MAINGUENEAU, 2015, p. 66). Além disso, mostram-se pertencentes à cena englobante jornalística, uma vez que todos os textos foram captados de *sites* cujo viés é o de disponibilizar informação. Como cena genérica, o texto se concretiza através da notícia e a cenografia mobilizada é a de pergunta e resposta. Identificamos, ainda, uma forte presença de cenas validadas, em verdade, cada mito corresponde a uma cena validada. Por exemplo, o mito de que seguir a profissão dos pais é garantia para se ter uma carreira bem-sucedida evoca uma cena de que quando existe insegurança e incerteza, buscar o amparo dos pais é a forma mais eficaz de se resolver. Outro mito é o de que se deve escolher uma carreira na qual não existam muitos profissionais no mercado de trabalho. Dessa vez, a cena validada é a lógica da valorização daquilo que é escasso, ou seja, quanto menos profissionais, maior será o salário e menores as chances de desemprego.

Vemos, então, que é a cenografia quem legitima o dizer, no nosso caso, usando das cenas validadas sistematizadas em perguntas e respostas. No entanto, o estudo da cenografia discursiva não é fechado em si mesmo, mas abre caminhos para o surgimento de outro elemento fundamental nesse processo de legitimação do discurso. Falamos do *ethos* discursivo. Esta categoria e seus desdobramentos – tom, vocalidade e incorporação – serão o enfoque da próxima seção.

### 3.3 A IDENTIDADE REVELADA *NO* E *PELO* ETHOS DISCURSIVO

Quando se trata de pensar sobre o conceito de imagem de si ou imagem que o coenunciador constrói sobre o enunciador, não se está a falar de um retrato, de uma imagem

no sentido imagético, senão do que o enunciador deixa transparecer através de suas competências linguísticas para que uma representação dele seja formulada.

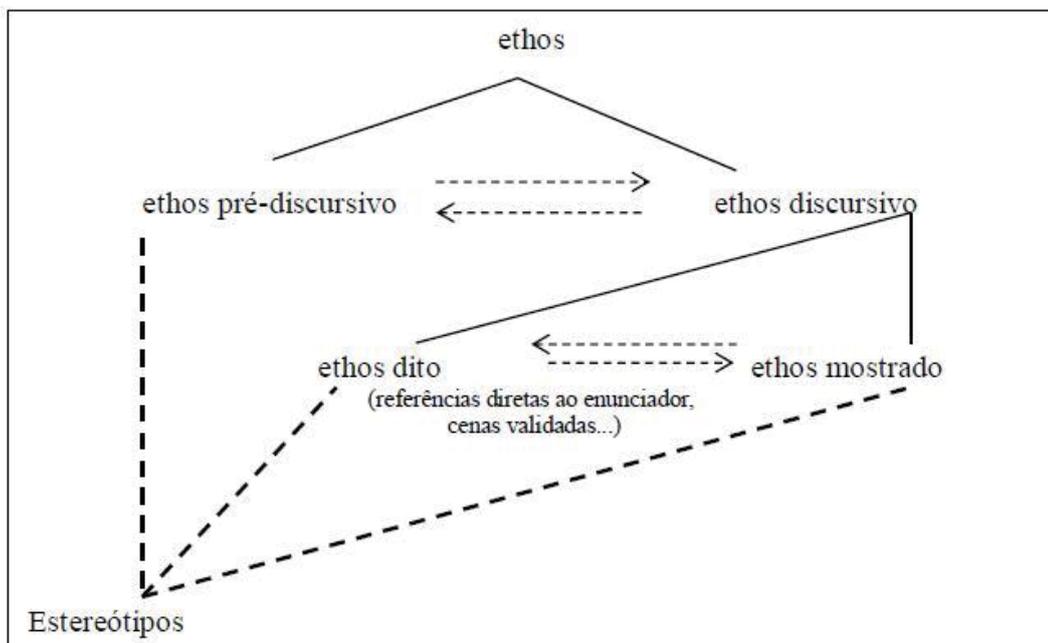
Ethos não é um conceito recente. Ele surgiu nas reflexões de Aristóteles sobre a retórica. Para esse filósofo, o ethos relacionava-se com a persuasão e podia ser percebido na fala, no discurso. O orador, para efetivamente persuadir o público, precisava da tríade *logos* (argumento), *pathos* (paixão) e *ethos* (costumes). De acordo com Maingueneau (2008b, p. 57), o ethos da retórica tem a ver com aspectos que são exteriores à enunciação, pois “é construído pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor.” É nesse ethos aristotélico – concernente apenas à oralidade – que Maingueneau ancora-se, contudo, ampliando seu alcance. Ao sair do campo da retórica e adentrar o campo da análise do discurso, a noção de ethos é usada para fazer referência tanto ao discurso oral quanto ao escrito, bem como ultrapassa o uso da persuasão pelos argumentos: “a noção de ethos permite refletir sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a determinado posicionamento.” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 64)

Maingueneau (2008b, p. 56) considera que uma problemática suscita quando se tenta encontrar uma definição única para ethos, uma vez que essa noção é de “vocação interdisciplinar”. O primeiro ponto é que apesar de o ethos estar ligado ao ato de enunciação, o público constrói “representações do *ethos* do enunciador *antes* mesmo que ele fale” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 60, grifo do autor), pois é uma forma de “interação” que o enunciador não pode controlar, é algo que antecede o discurso, é o que se chama de ethos pré-discursivo. Nesse momento sobre o qual o enunciador nada pode fazer, uma vez que se constitui em uma interação prévia à enunciação, os estereótipos podem entrar em cena por meio de cenas validadas mobilizadas pelo público. Reiterando que o ethos é uma imagem de si, ao entrar em cena um ethos pré-discursivo, este pode afetar aquele pretendido pelo enunciador, por isso constitui-se numa das dificuldades ligadas à noção de ethos.

Um segundo aspecto emerge durante a elaboração do ethos, pois há muitos fatores interagindo, “os índices sobre os quais se apoia o intérprete vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e modulação” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 60). Ainda sobre a questão da elaboração do ethos, há outra particularidade. Em uma situação de interação oral existem elementos que não se pode precisar se são partes do discurso, entretanto, conforme Maingueneau (2008b, p.61), eles “influenciam a construção do ethos pelo destinatário”; em textos escritos os limites são um pouco mais visíveis, o que impede que se tenha dificuldade análoga à dos textos orais.

Uma terceira dificuldade manifesta-se à medida que “a noção de *ethos* remete a coisas muito diferentes, segundo seja considerada do ponto de vista do locutor ou do destinatário: o *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 61, grifo do autor). Nesse âmbito, podemos retomar os desafios instaurados pela construção de um *ethos* pré-discursivo, referido anteriormente. Na Figura 1 é possível apreender a vista geral do *ethos* discursivo:

Figura 1 – Ethos discursivo



Fonte: Maingueneau (2014, p. 83)

Por esse esquema de Maingueneau (2014), representado na Figura 1, podemos observar o quão complexa é a noção de *ethos* e quantas interações de distintas instâncias coexistem em uma cena de enunciação. É fundamental a afirmação de Maingueneau (2008b, p. 59) – tanto para a compreensão da noção quanto para os objetivos deste estudo – de que “a questão do *ethos* está ligada à da construção da identidade”. Vemos a manifestação de tal afirmação no esquema: há interação entre o *ethos* pré-discursivo e o discursivo. O primeiro representa aquilo que está fora dos domínios do enunciador, uma vez que são os conceitos e memórias que o coenunciador aciona antes mesmo de haver interação na cena de enunciação;

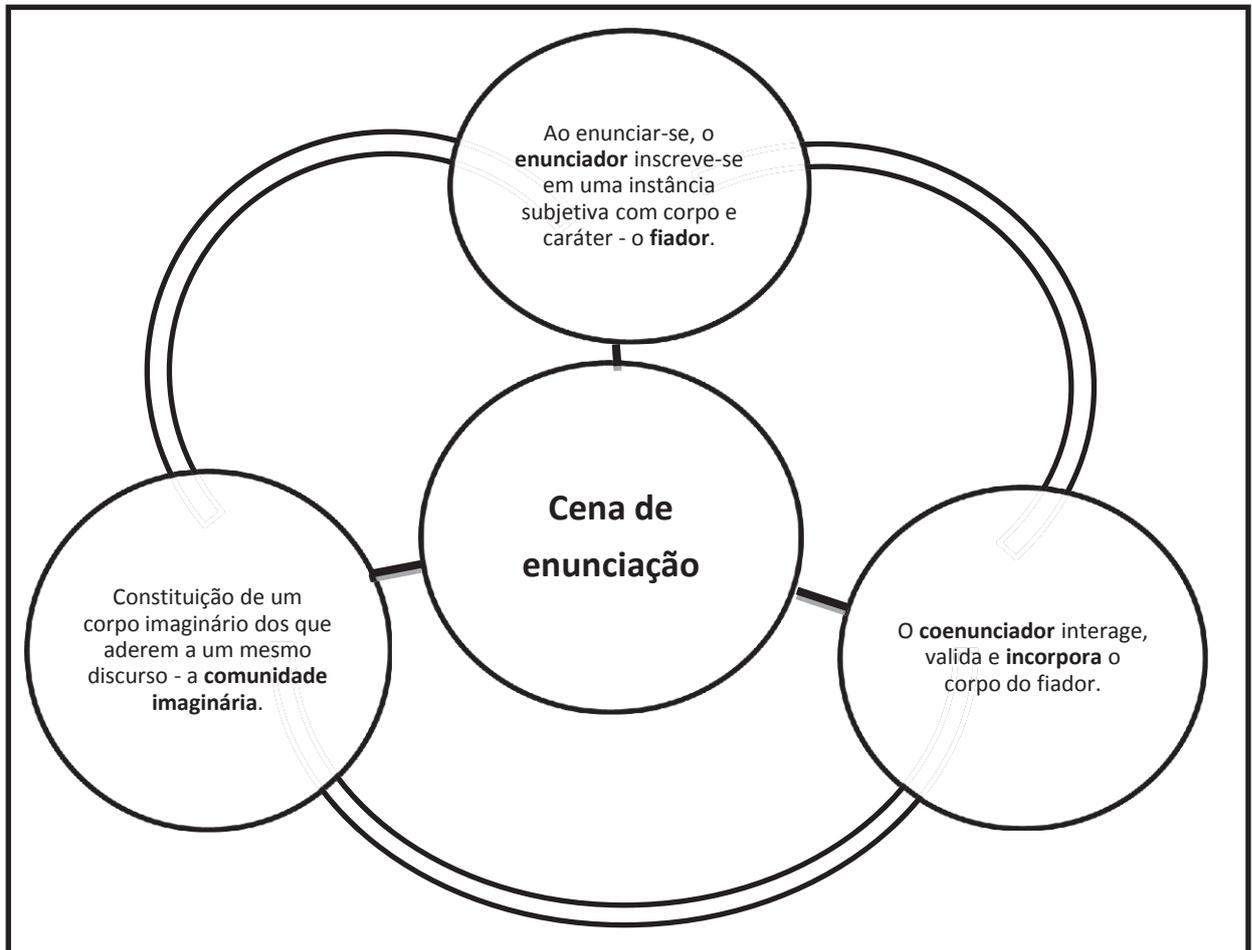
já o segundo requer a manifestação do enunciador e, a partir do que ele põe em cena, da cenografia que escolhe, o coenunciador tem contato com outra instância do ethos: o mostrado e o dito. Maingueneau (2008b) pondera que é impossível estabelecer limites entre o que é dito e o que é mostrado, contudo estabelece que o relacionado ao ethos dito evoca as cenas validadas, os estereótipos, logo, é apreendido na enunciação; já o ethos mostrado é captado no enunciado, por meio de marcas linguísticas que remetem à presença do sujeito que enuncia. Por fim, constata-se o quanto relevante são os estereótipos na construção da identidade pela via do ethos discursivo, já que três são as vias pelas quais o coenunciador é levado a mobilizá-los: o ethos pré-discursivo, o dito e o mostrado. O funcionamento de todo esse esquema resulta na construção do ethos efetivo.

As contribuições de Maingueneau para a reformulação da noção de ethos dentro do quadro da análise do discurso visam articular corpo e discurso. Postula o autor francês que “a instância subjetiva que emerge da enunciação implica uma “voz”, associada a um “corpo enunciante” especificado sócio-historicamente” (MAINGUENEAU, 2010, p. 80, grifo do autor). Dessa maneira, os estudos passam a considerar a vocalidade dos discursos, constituindo-se como a ponte que liga o discurso a “uma fonte enunciativa por meio de um tom que indica quem o disse” (MAINGUENEAU, 2014, p. 72), sendo o termo tom aplicável tanto para o escrito quanto para o oral. A partir da vocalidade, é possível delinear o corpo do enunciador, entendido não como o corpo do autor, do enunciador, mas como uma instância subjetiva, uma origem enunciativa que assume o papel de fiador. Sobre esse papel, Maingueneau (2014, p. 72) esclarece:

O “fiador”, cuja figura o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens, vê-se, assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. O ethos implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar.

Ao enunciador relaciona-se a figura do fiador e, ao coenunciador, associa-se, então, a incorporação, ela designa “a maneira pela qual o coenunciador se relaciona ao ethos de um discurso” (MAINGUENEAU, 2014, p. 72). A incorporação atua em três registros, conforme a Figura 2:

**Figura 2: Incorporação**



**Fonte: Elaborada pela acadêmica**

A esse processo de manifestação de um corpo do discurso e da incorporação desse corpo ou, dito de outra forma, da manifestação de um ethos, de uma imagem de si e da validação desta, é indissociável à cena de enunciação, “com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica em seu modo de existência. O discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado [...]” (MAINGUENEAU, 2014, p. 75). Freitas (2010, p. 180) observa que há um paradoxo constitutivo no que se refere ao ethos, uma vez que “é por meio de seu próprio enunciado que o enunciador deve legitimar sua maneira de dizer, não sendo possível dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala.”

Pretendemos, dessa forma, por vias da cenografia e do ethos discursivo, definir e analisar a imagem de si projetada através dos mitos de escolha de carreira. Inspiramo-nos, por

fim, nas reflexões de Amossy (2014, p. 9), para quem “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si [...]. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si.”

Na sequência, tratamos dos procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa, da delimitação do *corpus* e do desenvolvimento da análise.

#### 4 O DISCURSO SOBRE MITOS DE CARREIRA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE INVESTIGAÇÃO

Conforme anunciamos no decorrer dos capítulos anteriores, propomo-nos a analisar neste estudo, alguns mitos<sup>36</sup> que circundam, invariavelmente, o discurso daqueles que se encontram em momento de escolher uma carreira profissional – os jovens.

Antes de passarmos às análises, registramos o detalhamento acerca do *corpus* selecionado e dos procedimentos metodológicos definidos para esta pesquisa.

Consoante o que expusemos no terceiro capítulo, seguimos a perspectiva de análise de discurso com base nos estudos de Maingueneau (1984/2008a, 1997, 2004, 2008b, 2008c, 2010, 2014, 2015), tanto para ancoragem teórica quanto metodológica.

O *corpus* de análise (ANEXOS A, B e C) é constituído por três textos capturados de *sites* que apresentam informações com temáticas variadas, a saber:

- a) G1: Portal que apresenta notícias sobre economia, política, emprego, educação, ciência, saúde, cultura do Brasil e do mundo. Vinculado ao canal da Rede Globo de Televisão, além das informações publicadas constantemente, também oferece notícias em tempo real. A descrição oferecida pelo *site* sobre si é: G1 – o portal de notícias da Globo.
- b) Infomoney: *site* que veicula informações sobre dinheiro – investimentos, ações, bolsa de valores, por exemplo. A descrição oferecida pelo *site* sobre si é: Infomoney – notícias, ações e muito mais sobre investimentos.
- c) Exame: *site* que oferece informações sobre carreira, tecnologia e negócios. Veicula vídeos, blogs, notícias vinculados às revistas Exame, Você S/A, Você RH e PME. A descrição oferecida pelo *site* sobre si é: Exame.com – negócios, economia, tecnologia e carreira.

Para encontrá-los, fizemos duas inserções em um *site* de busca. Na primeira, pesquisamos com o sintagma “mitos sobre escolha de carreira”. Da primeira página de resultados oferecidos, selecionamos dois por conterem precisamente o mesmo título: “10 mitos sobre a escolha da carreira” (*sites* G1 e Infomoney)<sup>37</sup>; outro critério que permeou tais

<sup>36</sup> Relembramos que o uso que fazemos do termo “mito”, em nosso estudo, refere-se a “uma informação que a maioria das pessoas acredita, mas que não é verdadeira.” (DAVIS, 2015, p. 47). Ainda, vemos os mitos como uma metáfora, uma explicação simbólica para algum fato.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2010/10/10-mitos-sobre-escolha-da-carreira.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016. Imagem do *site* consta no Anexo A.  
Disponível em: <<http://www.infomoney.com.br/carreira/noticia/2411412/conheca-mitos-sobre-escolha-carreira>>. Acesso em: 30 mar. 2016. Imagem do *site* consta no Anexo B.

escolhas foi a presença do vocábulo “mito”. Na segunda inserção, pesquisamos com o sintagma “mitos sobre vocação profissional”. Da primeira página de resultados, selecionamos um: “5 ideias (bem) falsas sobre vocação profissional (*site* da Exame)<sup>38</sup> e, apesar desse título não conter o termo mito (o qual aparece no texto), contém o termo vocação. Entendemos que a exemplo dos sentidos evocados pelo vocábulo mito, cuja discussão fizemos no capítulo 2, o termo vocação também se espraia pelo imaginário dos sujeitos e traz à tona uma forte relação com trabalho e carreira.

Em dois, dos três *sites* selecionados, encontramos a estrutura de perguntas e respostas ou afirmação e desconstrução da afirmação, sendo que na pergunta ou na afirmação havia a presença do mito e na resposta ou na desconstrução da afirmação havia um comentário elaborado por um especialista (psicoterapeuta, *coach*, especialista em orientação vocacional). O *site* do G1 apresentou informações semelhantes às dos demais *sites* – o mito e o comentário de um especialista – porém estruturou tais informações em um *quiz*, no qual o indivíduo, após ler o mito, pode clicar em uma opção que represente sua opinião sobre o mito: mentira, incerto, verdade. Ao clicar em uma das opções, o *quiz* já revela o comentário do especialista sobre o mito em questão, mostrando, ainda, se a opção do indivíduo foi correta ou errada. Ao final do *quiz*, o *site* apresenta uma contagem das respostas, classificadas em “resposta corretas” e “respostas erradas”.

Por fim, o *corpus* com o qual trabalhamos definiu-se conforme a apresentação do Quadro 1, incluindo-se os respectivos comentários<sup>39</sup> feitos pelos especialistas para cada mito remanescente.

**Quadro 1: Mitos disponíveis nos três *sites* selecionados**

<b>Infomoney</b>	<b>G1</b>	<b>Exame</b>
Profissional consultado: Maria B. Pupo, consultora de recursos humanos e coach. Publicada em: 25/04/2012.	Profissional consultado: Léo Fraiman, psicoterapeuta, especialista em orientação vocacional e Clayton Figueiredo, coordenador pedagógico do cursinho Anglo. Publicada em: 11/10/2010.	Profissional consultado: Mauricio Sampaio, especialista em orientação profissional Publicada em: 23/05/2014.

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/5-ideias-falsas-sobre-vocacao-de-carreira>>. Acesso em: 30 mar. 2016. Imagem do *site* consta no Anexo C.

<sup>39</sup> A transcrição de cada comentário será feita na seção seguinte deste capítulo, na qual apresentamos as análises.

Escolher uma carreira é simples.	Para se dar bem é necessário levar em conta o prazer pessoal.	Vocação é um chamado e é preciso esperar por ele.
Um profissional pode me dizer que profissão devo escolher.	Algumas profissões exigem vocação. Sem ela, não há técnica que funcione.	Vocação se descobre “na marra”.
Difícilmente ganharei minha vida com um hobby.	Salário inicial é o que deve fazer a diferença.	Só há uma profissão certa para cada um.
Devo escolher carreiras que faltam mais profissionais no mercado.	A situação do mercado de trabalho deve ser um fator decisivo para a escolha.	É melhor continuar só estudando até a vocação aparecer.
Profissões que estão na moda podem garantir mais empregabilidade.	Há profissões tão saturadas que não absorvem recém-formados.	Há pessoas que não têm vocação para nada.
Ganhar dinheiro é o que mais importa na escolha da carreira.	A instituição “pesa” no currículo e abre (ou não) as portas ao mercado.	
Se seguir os passos do meu pai/mãe, tudo será mais fácil.	Seguir a profissão dos pais é sempre uma boa pedida.	
Ao escolher uma carreira, ficarei preso a ela.	Testes vocacionais sempre funcionam e ajudam os indecisos.	
Se eu mudar de carreira, tudo que eu aprendi (competências técnicas) não será aproveitado.	Ouvir um ou dois profissionais que estão no mercado basta para tirar dúvida.	
A escolha da carreira deve estar sempre atrelada à graduação.	Visitar universidades ajuda os alunos a descobrir quais cursos mais os agradam.	

Fonte: Elaborado pela acadêmica

Tendo o *corpus* de análise delimitado, recordamos alguns pontos fundamentais já expostos em outros capítulos para apresentarmos as escolhas metodológicas desse estudo.

A partir da visão de discurso que compartilhamos nesta pesquisa, a de que este é um todo significativo e não-divisível, de que o discurso é um objeto integralmente linguístico e integralmente sócio-histórico e, portanto, não pode ter analisado apenas seu vocabulário ou

suas sentenças, mas a “coerência global que integra múltiplas dimensões” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 18), justificamos a opção pelo procedimento metodológico fornecido pela semântica global. Ademais, Maingueneau (1984/2008a, 2006, 2008b, 2010) estabelece relação entre alguns planos integrantes da semântica global com outras duas categorias teóricas que são fundamentais para nosso objetivo: a cenografia e o ethos discursivo. Ao interagirmos com um discurso na posição de analistas de discurso, instrumentalizados metodologicamente com uma proposta como a de Maingueneau, acreditamos não estarmos incorrendo em nenhum tipo de reducionismo, privilegiando partes do discurso, deixando outras aquém e à margem da análise.

Ainda, a semântica global configura-se como uma metodologia apropriada para este estudo devido às características deste: exploratório quanto aos objetivos, bibliográfico com relação aos procedimentos técnicos e de abordagem qualitativa. Especialmente pela abordagem, o caminho analítico que será percorrido não busca levantar quantidade de dados, uma vez que a proposta de empreender uma análise que toma como prioritário não um, mas todos os planos que constituem o discurso, leva-nos a crer que os resultados obtidos com um determinado *corpus*, ainda que este não seja extenso, podem ser expandidos a outros discursos de mesma natureza dos analisados. Reside aí uma grande virtude do caminho teórico-metodológico de Maingueneau (1984/2008a, 1997, 2006, 2008b). Além disso, por almejarmos uma análise interdisciplinar, entendemos que é necessário trazermos as contribuições de estudiosos como Bakhtin (2009a, 2009b), e pesquisadores de outras áreas do conhecimento além da linguística. Desse modo, faremos interface com questões sobre identidade cultural (HALL, 2003, 2004, 2006; BAUMAN, 2009; DE CERTEAU, 1995) e poder simbólico e *habitus* (BOURDIEU, 1998).

O que justifica a referida interface são as reflexões decorrentes da cena enunciativa, especificamente da cenografia, por exemplo. Não podemos empreender uma análise que apenas identifique e descreva qual é a cenografia, acreditamos que podemos promover raciocínios mais aprofundados se inserirmos, na cenografia, um contexto real, discutindo, entre outras possibilidades, o porquê de tal cenografia, como ela se formou, o que influencia para que ela seja como é. Os estudos sobre cultura, poder simbólico e *habitus* configuram-se em grandes aliados, oferecendo solo fértil para esclarecer tais questionamentos. Ademais, como da cenografia emerge um ethos discursivo, e este é a imagem que o sujeito faz de si, vemos uma relação próxima com o campo da identidade. Na mesma toada, não almejamos a descrição de uma ou outra identidade, um ou outro ethos, intencionamos compreender o que

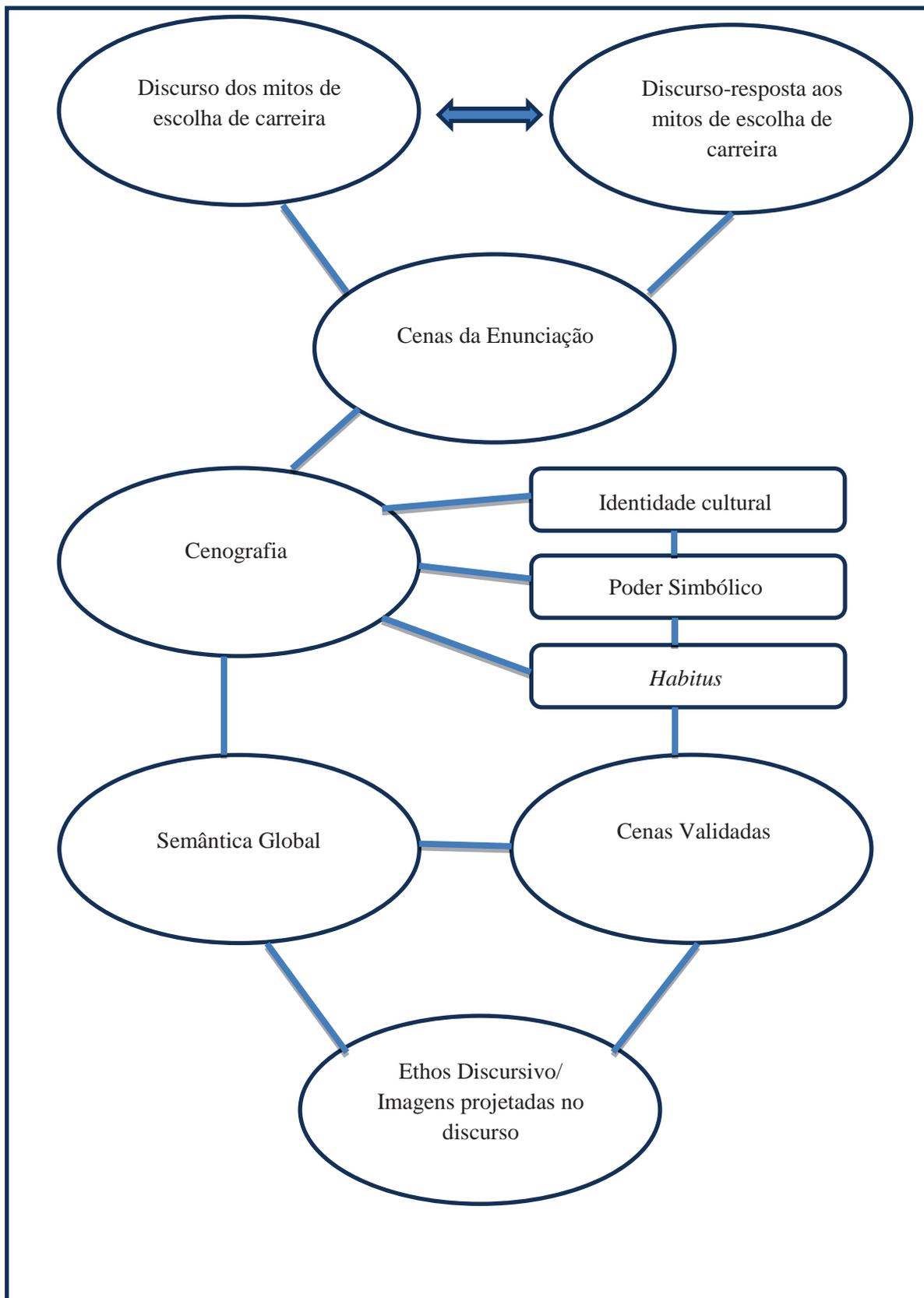
permeia a definição de uma identidade, por quais motivos a identidade de uma geração permite que ela acredite em algo que não encontra continuidade nos traços identitários de outra geração. Portanto, estudiosos como Hall (2003, 2004, 2006) e Bauman (2009), os quais tomam as questões identitárias como cerne de seus trabalhos, serão acionados para subsidiar, também, nossas análises.

Quanto aos delineamentos metodológicos de nosso estudo, uma das características da pesquisa qualitativa é, segundo Prodanov e Freitas (2009, p. 81), “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados”, por isso é preciso haver uma delimitação clara do recorte a ser estudado, bem como dos objetivos e hipóteses de pesquisa. Retomamos, assim, o objetivo geral e as hipóteses, os quais já foram apresentados na parte introdutória desse estudo. Nosso objetivo geral é analisar como o ethos discursivo mostrado na construção identitária de mitos sobre escolha de carreira profissional pode representar mudança ou manutenção de referentes culturais na escolha de profissão pelo jovem estudante, e como hipóteses estabelecemos as seguintes afirmativas:

- a) o aparato metodológico construído com base na semântica global, proposta por Maingueneau (1984/2008), possibilita revelar tanto a formação discursiva na qual o ethos do *corpus* analisado está inserido quanto a formação discursiva negada por ele;
- b) o ethos do mito e o ethos refutado por ele são vias de acesso a construções culturais estereotipadas e identitárias, bem como configuram um caminho para compreender mudanças no processo de escolha de carreira trazidas pelo jovem estudante;
- c) a análise da cenografia dos mitos de escolha de carreira permite compreender as influências atuantes na construção da cenografia e do ethos discursivo por intermédio do sistema de restrições que se verifica nessa tessitura do dizer.

Para assegurar que nosso gesto interpretativo percorra todas as hipóteses e sejamos capazes de confirmá-las ou refutá-las, o dispositivo de análise torna-se peça essencial. Apresentamos o dispositivo metodológico que orienta a presente pesquisa na Figura 3 e, em seguida, discorreremos explicações necessárias acerca dele.

Figura 3 - Dispositivo de análise do *corpus*



Fonte: elaborada pela acadêmica

Conforme explicitamos, nosso objetivo maior é alcançar a compreensão acerca de um ethos discursivo específico, aquele mostrado na identidade calcada nos mitos de escolha de carreira, por isso esse discurso está no topo de nosso dispositivo. Junto com ele temos o discurso-resposta aos mitos, que representam um subgrupo para análise. Ambos figuram como ponto inicial, ou seja, ambos compõem o *corpus*, por acreditarmos que um auxilia na delimitação do outro.

O primeiro estágio da análise está no reconhecimento das cenas que envolvem a enunciação, a qual abarca a cena englobante, a cena genérica e a cenografia, esta última sendo a que mais contribuirá, dentre as três, com nossa análise, já que ela representa, “ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra [...]”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 87). Tal característica constitutiva da cenografia abre possibilidades para que façamos interface com reflexões desenvolvidas na área dos estudos culturais. Partimos dos conceitos de De Certeau (1995), para quem toda cultura exige um modo de apropriação e uma transformação pessoal e que, dentro de um grupo social, há sempre um intercâmbio. Nesse processo de apropriação e troca, brota a questão da identidade – e a discussão acerca da identidade é importante, em nosso estudo, vinculada à categoria de ethos discursivo, uma vez que lançamo-nos em um estudo que abarca questões de estereótipos e construção de identidade. Hall (2003, p. 85) define que “uma identidade cultural particular não pode ser definida apenas por sua presença positiva e conteúdo. Todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são”, vemos o surgimento da identidade por mobilização da diferença, da oposição: um é aquilo que o outro não é.

Articulamos, no capítulo 2, que a identidade sofre influência e, ao mesmo tempo, influencia o *habitus* de um grupo social – categoria teórica criada por Bourdieu (1989) e que se refere ao conjunto de estruturas de relações que determinam comportamento, estilo de vida, dentre outros elementos do cotidiano do indivíduo. Além do *habitus*, é igualmente de autoria de Bourdieu (1989) a reflexão sobre poder simbólico. Este, definido como um poder invisível que age sobre os sujeitos sob a forma de estruturas estruturantes ou estruturadas e, por isso, é responsável por criar coletividades.<sup>40</sup> Todos esse três campos – identidade cultural, poder simbólico e *habitus*– atrelados à cenografia, permitirão o acesso às cenas validadas, categoria

---

<sup>40</sup> Usamos esse vocábulo como um termo oposto à individualidade. Lembramos o raciocínio de Bauman (2009) desenvolvido no capítulo 1 sobre a individualidade. Segundo o autor, atualmente todos buscam sua identidade para serem indivíduos, únicos, exclusivos. Entretanto, só se consegue ser um indivíduo quando se é igual ao outro, quando há pertencimento a um grupo social. Logo, para Bauman (2009), a única forma de ser genuinamente individual é não sendo um indivíduo.

bastante cara aos nossos propósitos. Essas cenas dizem respeito aos estereótipos, àquilo que está solidificado no imaginário coletivo, como padrões de comportamentos e atitudes. A análise das cenas validadas será um dos percursos finais para identificarmos o ethos dos discursos que compõem o *corpus* desta pesquisa. O outro percurso também é acessado por meio da cenografia, é a semântica global e seus sete planos constitutivos, os quais descrevemos a seguir explicitando a forma como serão acionados em nossa análise:

- a) *intertextualidade*: é o plano que permite conhecer o discurso do outro e compreender de que maneiras esse discurso outro interage e influencia; em nosso caso, o discurso do mitos;
- b) *vocabulário*: Maingueneau (2008a) orienta que não há vocabulário específico de um discurso. Portanto, a função deste plano é revelar as escolhas lexicais dos sujeitos e a maneira como os vocábulos são inseridos em um determinado discurso, isto é, a carga semântica atribuída a cada um. Por exemplo, quais são os sentidos evocados pela palavra “vocação” dentro desse universo dos mitos de escolha profissional?
- c) *tema*: igualmente ao vocabulário, por não haver um único tema a ser analisado de acordo com o discurso – já que essa exclusividade não existe – este plano também servirá aos propósitos da exploração semântica mostrada pelos mitos;
- d) *estatuto do enunciador e do coenunciador*: esta via aciona tanto a categoria de formação discursiva quanto a de competência discursiva. Este plano, inicialmente, oferece subsídios para demarcar, com clareza, a existência dos dois grupos de discurso presentes em nosso *corpus*, os quais figuram no topo do dispositivo metodológico. Isso porque o sistema de restrições atuante na formação discursiva de um mito, por exemplo, deverá se refletir na competência discursiva do enunciador e, por consequência, de seu coenunciador, processo que legitima a filiação deste discurso a apenas uma formação discursiva;
- e) *dêixis enunciativa* – esse plano permite-nos tomar contato com a cronologia, a topografia e a categoria de pessoa. A primeira não sendo um tempo marcado pelo relógio, mas o tempo da enunciação mobilizado quando da construção da cena enunciativa, é o “agora”. A segunda não se refere a um lugar físico, mas ao local enunciativo do qual surgem os mitos, é o “aqui”. A terceira, por fim, não identifica um indivíduo, um corpo sólido, senão ao enunciador de cada discurso. Para nós, o enunciador dos mitos não pode ser identificado singularmente na figura de um

indivíduo, é toda uma geração que assume essa posição, a geração Y. Em interação com essa formação discursiva está o discurso-resposta aos mitos, estes sim, com enunciadores tangíveis, contudo, ocupantes de um mesmo lugar discursivo, o de especialistas;

- f) *modo de enunciação*: compreende-se, com esse plano, o modo de ser do enunciador pela maneira de dizer, ou seja, pelo modo como ele enuncia. Há dois aspectos relacionados ao modo de enunciação: o *tom*, ao evocar a noção de corporalidade, remete a um corpo de enunciador o qual adotará um modo de se enunciar; por intermédio desse modo em que vemos refletido o processo de *incorporação*, o coenunciador, por sua vez, ao aceitá-lo, incorpora-o também. No discurso dos mitos observaremos a incorporação do *habitus* de uma geração, no discurso-resposta aos mitos intentamos analisar a resistência à incorporação desse *habitus*;
- g) *modo de coesão*: “cada formação discursiva tem uma maneira que lhe é própria de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro...” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 96); analisaremos por esse plano tanto a organização da materialidade linguística, por exemplo, o modo como os vocábulos foram sintagmatizados e semantizados, quanto o gênero discursivo por meio do qual captamos os discursos em análise.

Por fim, o conjunto dos planos da semântica global também nos conduz a um ethos discursivo, o qual revela uma identidade apreendida por uma análise de discurso global. Em se tratando de um dispositivo de análise construído com base em forte filiação aos estudos maingueneanos, destaca-se a importância do primado do interdiscurso. Consoante Maingueneau (2008a), o interdiscurso precede o discurso e, por seu intermédio, acessamos os discursos outros, a heterogeneidade que constitui toda enunciação. O interdiscurso permeia, portanto, a construção de qualquer identidade, seja ela discursiva ou de um indivíduo, além disso, guarda profunda relação com a interface feita neste estudo com os estudos de identidade e cultura. Assim como a identidade, a qual, segundo Hall (2003), é construída na relação com os demais indivíduos, com o “meu outro”, à identidade dos discursos também é inerente tal relação, cuja existência se dá pela interdiscursividade.

A seguir apresentamos o resultado da pesquisa: as análises decorrentes.

#### 4.1 MITOS EM ANÁLISE

Após a breve retomada das noções de cultura, identidade, *habitus*, cenografia e ethos, avançamos, então, às análises, nas quais revisitaremos e buscaremos entrelaçar os referidos conceitos com as nossas inquietações advindas da observação do *corpus* e de como as questões de escolha de carreira são discursivizadas e direcionadas atualmente ao público jovem de estudantes.

Conforme explicitamos na seção anterior, nosso *corpus* de análise é composto por mitos de escolha de carreira e comentários de especialistas em orientação vocacional/profissional coletados de três *sites*, os quais apresentamos a seguir, formatados em quadros, além dos textos preliminares aos mitos redigidos pelos próprios *sites*. A formatação real de cada *site* consta nos respectivos anexos ao final deste trabalho.

Intitulada de “10 mitos sobre escolha de carreira”, a notícia apresentada pelo *site* G1 (ANEXO A), em 11/10/2010, complementa a manchete com as perguntas “salário é fundamental para definir a profissão? Vale sondar o mercado? Faça o teste e tire estas e outras dúvidas sobre o assunto.” Na sequência, o texto que antecede o teste anunciado pela manchete é o seguinte: “O que deve ser levado em conta na hora de escolher a carreira profissional? Satisfação pessoal, salário ou mercado de trabalho? Há profissões saturadas? Estudar em uma instituição de ensino conceituada ajuda na conquista de um bom emprego? O G1 listou essas e outras perguntas frequentes que os jovens fazem quando têm de optar por um curso superior. As dúvidas foram respondidas por Léo Fraiman, psicoterapeuta e especialista em orientação vocacional, e pelo coordenador pedagógico do cursinho Anglo em Santo André, Clayton Ferreira de Figueiredo.”

O teste oferecido pelo G1 tem formato de *quiz*, isto é, os mitos são os enunciados a serem analisados pelo jovem e/ou representam a fala do próprio jovem, as suas dúvidas advindas do momento da escolha da carreira, conforme a afirmação do site: “O G1 listou essas e outras perguntas frequentes que os jovens fazem quando têm de optar por um curso superior”. Para cada mito há a possibilidade de marcá-lo como uma “mentira”, “incerto” ou “verdade”. Assim que uma dessas marcações é feita, o *site* mostra a resposta certa e o comentário dos especialistas. Claro está que a validação da resposta marcada pelo jovem como correta ou errada é baseada no comentário dos profissionais consultados pelo *site*.

No Quadro 2 constam os dez mitos publicados pelo *site* G1:

Quadro 2: Mitos do site G1 com comentários dos especialistas

Mitos	Comentários dos especialistas
1. Para se dar bem é necessário levar em conta o prazer pessoal.	O sucesso profissional depende do prazer e identificação com a profissão. Satisfação é a mola propulsora da realização e da gratificação.
2. Algumas profissões exigem vocação. Sem ela, não há técnica que funcione.	Existem profissões que são ‘aprendíveis’, outras não. É mais fácil a pessoa aprender a trabalhar com contabilidade, departamento pessoal ou vendas do que tocar um instrumento, por exemplo.
3. Salário inicial é o que deve fazer a diferença.	Nos primeiros anos de carreira, é mais importante aprender a trabalhar, lidar com hierarquia e adquirir experiência para criar competências.
4. A situação do mercado de trabalho deve ser um fator decisivo para a escolha.	É bom ter noção de como está o mercado, porém é preferível que o jovem ingresse numa carreira competitiva com mais significado, do que em uma com muitas oportunidades que ele não se identifique.
5. Há profissões tão saturadas que não absorvem recém-formados.	Por mais que isto ocorra no mercado formal, há carreiras que oferecem oportunidades por meio de consultorias, serviço terceirizado, concursos públicos, ONGs ou cooperativas.
6. A instituição “pesa” no currículo e abre (ou não) as portas ao mercado	Empresas buscam profissionais das melhores escolas. Boas instalações e bons professores aumentam a chance de conseguir boas vagas.
7. Seguir a profissão dos pais é sempre uma boa pedida.	Só será, caso o jovem se identifique com o trabalho. O aluno não deve optar pela profissão dos pais só por comodismo ou pela garantia de ter emprego sem precisar correr atrás.
8. Testes vocacionais sempre funcionam e ajudam os indecisos.	Os bons testes dão uma orientação da área provável em que o candidato se identifica, porém, dentro dela há muitas opções de carreiras.

<p><b>9. Ouvir um ou dois profissionais que estão no mercado basta para tirar dúvidas.</b></p>	<p>É preciso pegar informações com uma boa gama de profissionais. O risco de conversar com um ou dois é ter uma visão estereotipada, tanto idealizada como minorizada.</p>
<p><b>10. Visitar universidades ajuda os alunos a descobrir quais cursos mais os agradam.</b></p>	<p>Conhecer instalações e assistir às aulas são excelentes formas de saber o que encontrar pela frente. Porém é importante não se ludibriar com a infraestrutura. Fatores como, por exemplo, o corpo docente são mais importantes.</p>

Fonte: Elaborado pela acadêmica

A notícia veiculada pelo portal Infomoney (ANEXO B), em 25 de abril de 2011, define como título “Conheça 10 mitos sobre a escolha da carreira” e completa com “segundo especialista em Recursos Humanos, Maria Bernardete Pupo, a escolha deve ser baseada principalmente nas vocações da pessoa”. Como texto introdutório da notícia, tem-se: “A escolha da profissão pode deixar alguns jovens de ‘cabelo em pé’. Neste momento, é comum surgirem dúvidas, insegurança e medo de optar pela carreira errada. Nesta hora, os palpites e as sugestões de familiares e amigos, apesar de bem-intencionados, podem atrapalhar ainda mais. Pensando nisso, o Portal Infomoney, em parceria com a consultora de Recursos Humanos e *coach*, Maria Bernardete Pupo, apontou os principais mitos que cercam esta questão.”

O Quadro 3 reúne as informações disponibilizadas pelo *site* Infomoney:

**Quadro 3: Mitos do *site* Infomoney com comentários do especialista**

Mitos	Comentários da especialista
<p><b>1. Escolher uma carreira é simples</b></p>	<p>O truque de se inscrever em vários vestibulares de áreas diferentes e esperar para saber em qual curso foi aprovado poderá resolver a dúvida no princípio. Entretanto, se o estudante não gostar do curso, ou terminará a faculdade a contragosto ou voltará à estaca zero, tendo de optar de novo por outro curso. Para evitar que isso aconteça, é fundamental a reflexão. “A escolha da profissão deve ser baseada nas vocações da pessoa. Isso ela saberá por meio da autorreflexão.”</p>
<p><b>2. Um profissional pode me dizer que</b></p>	<p>De maneira nenhuma, a escolha da profissão cabe apenas à pessoa. O especialista poderá ajudar no</p>

<b>profissão devo seguir.</b>	processo de autodescobrimento. “O profissional deve conduzir este processo, para que quem esteja em dúvida descubra suas vocações, mas nunca escolher por ele.”
<b>3. Dificilmente ganharei minha vida com um hobby.</b>	Geralmente, o hobby é algo que a pessoa ama fazer e, quando se trabalha com o que se gosta, a chance de ser bem-sucedido é muito maior. “Muitas pessoas não se dão conta disso e deixam passar esta oportunidade. Quem ama o que faz trabalha com brilho nos olhos.”
<b>4. Devo escolher carreiras em que faltam mais profissionais no mercado.</b>	Não é porque faltam profissionais na área da Engenharia e TI (Tecnologia da Informação) que estas profissões devem ser escolhidas. A especialista alerta que o apagão de profissionais pode ser algo momentâneo. “O mercado é muito dinâmico, tudo muda rapidamente. Quem disse que faltarão engenheiros daqui a 10 anos?”, questiona a consultora.
<b>5. Profissões que estão na moda podem garantir mais empregabilidade.</b>	Nem sempre. Se a pessoa trabalhar com algo de que ela não gosta, só porque há muitas oportunidades no mercado, será um profissional sem motivação e isso refletirá em sua empregabilidade. “Quem se baseia em fatores externos tem mais chance de ser mal sucedido.”
<b>6. Ganhar dinheiro é o que mais importa na escolha da carreira.</b>	“É a mesma coisa que colocar o ter no lugar do ser”. O dinheiro, na escolha da carreira, é algo superficial. Segundo a especialista, em algum momento, o retorno financeiro não será o suficiente para que o profissional se sinta feliz e satisfeito. “Conheço pessoas que não ganham tão bem, mas são muito felizes em suas carreiras.”
<b>7. Se seguir os passos do meu pai/mãe, tudo será mais fácil.</b>	Pode até ser que exista facilidade, mas, se a pessoa não tiver vocação para aquela profissão, também será infeliz na sua escolha. “Se for uma imposição dos pais, o profissional trabalhará por trabalhar, sem vontade e sem motivo.”
<b>8. Ao escolher uma carreira, ficarei sempre preso a ela.</b>	Como o mercado é dinâmico, é possível ingressar em outra área ou até mesmo escolher outra profissão. “Muitas pessoas vão em busca do plano B, como dar aula, ser consultor, abrir um negócio, quando algo está incomodando na carreira.”
<b>9. Se eu mudar de carreira, tudo o que eu aprendi (competências técnicas) não será aproveitado.</b>	Conhecimento sempre é aproveitado. Talvez o profissional não utilize diretamente suas competências técnicas, mas, indiretamente elas poderão ser aproveitadas. “Já vi pessoas que se formaram em RH, mas trabalham na área

	financeira. Elas continuam usando o que aprenderam na faculdade, que é lidar com pessoa, mas de uma maneira indireta.”
<b>10. A escolha da carreira deve estar sempre atrelada à graduação.</b>	É possível pensar em uma carreira sem ter o Ensino Superior. Um curso profissionalizante pode, sim, oferecer uma carreira ao profissional. Um setor que tem gerado muitas oportunidades é o de serviços, que não precisa obrigatoriamente que o profissional tenha completado o Ensino Superior.

Fonte: Elaborado pela acadêmica

O *site* da Exame (ANEXO C), por sua vez, trabalha fortemente com a palavra vocação em sua notícia publicada em 23 de maio de 2014. Já no título vemos “5 ideias (bem) falsas sobre a vocação profissional”; abaixo do título, apresenta a imagem de um megafone com a legenda “não espere por um ‘chamado’ mágico vocacional”. O texto introdutório à notícia afirma que “para grande parte dos jovens, os primeiros passos na trajetória de carreira podem ser hesitantes. ‘Será que entrei na trilha certa?’, perguntam-se muitos universitários ainda incertos sobre o caminho a percorrer.” E finaliza, apresentando a temática dos mitos: “Mas muito deste dilema tão presente no começo da carreira é causado por algumas ideias erradas que as pessoas têm em relação a sua vocação de carreira. Exame.com consultou Maurício Sampaio, especialista em orientação profissional para saber quais os principais mitos que rondam este tema e que só adiam ou atrapalham a tomada de decisões.”

Diferentemente dos *sites* anteriores, este apresenta apenas cinco mitos, imprimindo, em quatro deles, reflexões com o termo vocação. Abaixo, no Quadro 4, estão os mitos referidos:

**Quadro 4: Mitos do *site* Exame com comentários do especialista**

<b>Mitos</b>	<b>Comentários do especialista</b>
<b>1. Vocação é um chamado e é preciso esperar por ele</b>	Derivada do verbo “vocare” (chamar) do latim, a palavra vocação significa, etimologicamente, um chamado. O problema é que muitas pessoas levam esta origem ao pé-da-letra na hora de escolher uma profissão, segundo Maurício Sampaio. “Ficam esperando a chegada desse chamado. Mas, vocação não é um chamado, é algo que se desenvolve, que se trabalha, até descobrir”, diz o especialista. Ou seja, não é que um belo dia, sem aviso, você vai escutar uma voz o chamando para determinada profissão. Não há evento mágico

	<p>neste processo, diz o especialista, só é possível descobrir a vocação investindo em autoconhecimento.</p> <p>“É preciso prestar atenção em talentos, habilidades, valores pessoais, missão e propósito de vida. Parece piegas falar dessas coisas. Mas é incrível como as pessoas não se conhecem e não pensam nisso”, diz Sampaio.</p>
<p><b>2. Vocação se descobre “na marra”</b></p>	<p>Muitas pessoas partem logo para prática, querem descobrir sua vocação “na marra” e , para isso, navegam por cursos e empresas ao sabor do vento. Resultado: mudam de cursos universitários, de estágios, e futuramente de emprego, como quem troca de roupa. E o pior: nunca estão satisfeitas.</p> <p>“Muita gente aposta nesta tática do tentar e errar. Vai fazendo qualquer coisa, achando que uma hora vai achar a verdadeira vocação. Para eles, o que importa é não ficar parado”, diz Sampaio.</p> <p>Só que esta estratégia é cara. “Custa tempo e dinheiro. Imagina pagar nove meses de uma mensalidade de 2,5 mil reais em uma faculdade, mudar de curso, fazer mais uns meses, e mudar de novo”, diz Sampaio.</p> <p>Mais uma vez: escolhas acertadas são aquelas que levam em conta talentos, habilidades, valores, propósito e missão de vida. Pensar nisso é o primeiro passo. Não pule esta etapa.</p>
<p><b>3. Só há uma profissão certa para cada um</b></p>	<p>Há mais de uma opção de carreira ou profissão certa, garante Sampaio. “Pesquisas mostram que um jovem hoje da Geração Y vai percorrer 14 ocupações diferentes até o fim da carreira”, diz Sampaio.</p> <p>De acordo com ele, o que deve ser avaliado na hora decidir o rumo profissional são as atmosferas de trabalho mais adequadas a cada um.</p> <p>Existe quem prefira lidar com uma atmosfera mais lógica, de profissões na área de matemática, estatística, economia. Há quem, por outro lado, prefira uma atmosfera de trabalho ligada à comunicação, aí são carreiras na publicidade, jornalismo, marketing, recursos humanos.</p> <p>“A vocação de uma pessoa é para uma atmosfera de trabalho, não para apenas uma profissão”, afirma Sampaio.</p>
<p><b>4. É melhor continuar só estudando até a vocação aparecer</b></p>	<p>“Vejo muita gente que não sabe o que vai fazer e que, por isso, vai emendando um curso em outro, fazendo três, até quatro pós-graduações, sem nunca ter trabalhado”, diz Sampaio. Segundo ele, são frequentes os casos de jovens que adiam a</p>

	hora de pensar sobre sua vocação profissional e, para isso, usam o estudo como principal justificativa. Os cursos ajudam nas decisões sobre rumos de carreira, mas experiências profissionais não devem ser preteridas. Lembre-se: a fase de estágio também traz importantes subsídios para quem está em busca de sua vocação.
<p style="text-align: center;"><b>5. Há pessoas que não têm vocação para nada</b></p>	<p>Nada disso. De acordo com Maurício Sampaio, qualquer pessoa tem um talento, qualquer pessoa tem uma vocação. “Não existe quem não sirva para nada”, garante o especialista. É questão de ser honesto consigo mesmo, de se autoavaliar para descobrir. Não sabe por onde começar a investigar sua vocação? Sampaio dá a dica: “a pessoa deve se perguntar em que atividades ela simplesmente não vê a hora passar.” É um começo, não é? Só não vale responder: dormir.</p>

**Fonte: Elaborado pela acadêmica**

Na seção seguinte, desenvolveremos nosso gesto interpretativo acerca dos discursos apresentados, embasando-nos no referencial teórico ao qual nos filiamos.

#### 4.1.1 Da cenografia ao ethos discursivo

Seguindo nosso dispositivo de análise e o aplicando aos discursos integrantes dos Quadros 2, 3 e 4, deparamo-nos, inicialmente, com a cena da enunciação, a qual, conforme Maingueneau (2015), mobiliza três outras cenas. A primeira das cenas – a cena englobante – visualizada nos três *sites* é a jornalística. Abstrai-se essa informação a partir dos enunciados que descrevem os *sites* dos quais os discursos foram coletados: G1 – o portal de notícias da Globo; Infomoney – notícias, ações e muito mais sobre investimentos; Exame – negócios, economia, tecnologia e carreira. Em seguida, identificamos a segunda cena – chamada de cena genérica. Maingueneau (2015, p. 120) defende que para os usuários do discurso, a “realidade tangível, imediata, são os gêneros de discurso”, isso significa, em nossa análise, que o indivíduo que acessou os *sites* foi situado acerca da finalidade dos discursos com os quais estava em interação a partir da notícia, gênero discursivo que define o *corpus* em questão. Contudo, a cena com a qual o indivíduo interagiu diretamente foi a terceira – a

cenografia – construída através de um *quiz* no *site* G1 e por meio de perguntas e respostas nos demais *sites*.

A cenografia, consoante Maingueneau (2004, p. 87), “legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la”, e é por intermédio da cenografia – seguindo nosso dispositivo – que podemos construir uma análise interdisciplinar, abordando reflexões acerca de identidade cultural, poder simbólico, *habitus* e cenas validadas, além de também ser a via de acesso à metodologia de análise da semântica global.

Acionando tal metodologia e tomando o primeiro de seus planos, a intertextualidade, vemos que por intermédio dela conseguimos encontrar a presença do Outro tanto nos discursos dos mitos quanto nos discursos dos especialistas. Como não estamos tratando de intertexto, mas de intertextualidade, isto é, das relações intertextuais legitimadas pelo campo discursivo, observamos que apesar de existirem diversos posicionamentos<sup>41</sup> nos discursos em análise nesta dissertação, o campo discursivo ao qual eles pertencem possibilita que vejamos o discurso Outro e o discurso Mesmo (Eu) em um só movimento. Explicamos melhor.

O discurso dos mitos é caracterizado como o discurso segundo, reverberando, em si (Mesmo), os discursos anteriores (Outro) aceitos pelo sistema de restrições do campo discursivo ao qual se filiam – sócio-político-cultural. Embora oriundos de temáticas diversas e posicionamentos distintos, como mercado de trabalho, remuneração, qualidade da universidade, etc), eles todos se submetem às coerções do sistema de restrições do referido campo discursivo e mostram-se relacionados ao tema da escolha de carreira profissional. Logo, a intertextualidade é perceptível ao mobilizar-se o conhecimento de que o mito não é um discurso original, mas um discurso heterogêneo; nele estão incorporados todos os discursos anteriores a ele e permitidos pelo sistema de restrições do campo discursivo.

Em contrapartida, os mitos assumem a posição de discursos primeiros (Outro) dos comentários dos especialistas (Mesmo), uma vez que os comentários somente tornam-se possíveis pela existência dos mitos. Vê-se, então, uma relação inextricável com a intertextualidade toda vez que existe um discurso segundo.

Com essa constatação, trazemos um dos cerne da teoria de Maingueneau (2008a), que é a primazia do interdiscurso sobre o discurso, isto significa que o analista de discurso não lança seu olhar para o discurso, mas para o interdiscurso, o qual se constitui pelo imbricamento entre o Outro e o Mesmo. Em nosso caso, observamos esse enlaçamento tanto no discurso dos mitos quanto no dos especialistas, conforme acabamos de discorrer, logo,

---

<sup>41</sup> Lembramos que, nos estudos de Maingueneau, o termo posicionamento seria um substituto para formação discursiva.

existe a concretização da visão de discurso que defendemos ao longo de todo este estudo, o discurso tomado não apenas em sua materialidade linguística, mas na sua integralidade.

Por exemplo, o mito 2 “um profissional pode me dizer que profissão devo seguir”, extraído do Quadro 3, traz um capital cultural fortemente marcado e não característico da geração atual, haja visto o comentário do especialista: “De maneira nenhuma, a escolha da profissão cabe apenas à pessoa. O especialista poderá ajudar no processo de autodescobrimento. ‘O profissional deve conduzir este processo, para que quem esteja em dúvida descubra suas vocações, mas nunca escolher por ele.’” Bourdieu (1998) defende que uma das formas de se apropriar do poder simbólico é por meio de capital acumulado. Um tipo de capital é o cultural, cuja manifestação dá-se pela detenção de títulos acadêmicos ou saberes apreendidos. Na intertextualidade do discurso segundo, isto é, do especialista, observa-se uma desconstrução do poder simbólico outrora dado a um profissional cuja formação acadêmica faria dele o único capacitado para definir à qual profissão os jovens deveriam dedicar-se. Posicionando-se no extremo oposto, o especialista afirma que é o jovem quem decide sua carreira com base em um processo de autodescobrimento intermediado por um orientador vocacional, por exemplo.

O mesmo poder simbólico pode ser encontrado no mito8 retirado do Quadro 2: “testes vocacionais sempre funcionam e ajudam os indecisos”. Vê-se, novamente, a retirada da autonomia do jovem com relação à escolha da profissão. Nesse mito, o capital cultural manifesta-se pela autoridade conferida a um teste vocacional que, a partir das respostas do jovem a perguntas-padrão, seria capaz de definir uma profissão a ser seguida.

No que se refere ao ethos discursivo, nos seus desdobramentos observamos que o ethos mostrado nos mitos foi modificado pelo discurso dos especialistas. Enquanto nos mitos o capital cultural se sobressai e mostra um estereótipo detentor de poder simbólico, isto é, tanto um profissional quanto um teste vocacional poderiam indicar com precisão uma carreira profissional a ser seguida, os especialistas se opõem a tal modelo e consolidam um ethos cuja ancoragem está na promoção do autoconhecimento pelo jovem, no exercício de ele próprio saber qual carreira poderia ser adequada para si, pois conhece seus pontos fortes e interesses pessoais.

Por meio da análise do tema, outro plano da semântica global, observa-se que cada mito filia-se a um tema diferente, o que é possível de ser constatado pelo vocabulário usado. Por exemplo, define-se a temática financeira nos mitos “salário inicial é o que deve fazer a diferença” e “ganhar dinheiro é o que mais importa na escolha da carreira” por meio do uso de

“salário inicial” e “ganhar dinheiro”; contudo, os mitos “a situação do mercado de trabalho deve ser um fator decisivo para a escolha”, “há profissões tão saturadas que não absorvem recém-formados”, “devo escolher carreiras em que faltem mais profissionais no mercado” e “profissões que estão na moda podem garantir mais empregabilidade” filiam-se à temática do mercado de trabalho, uma vez que se relacionam à tal esfera os vocábulos “mercado de trabalho”, “profissões tão saturadas”, “faltem mais profissionais”, “profissões que estão na moda” e “empregabilidade”.

Nota-se, também, que cada um desses temas pode corresponder a um posicionamento específico dentro do arcabouço cenográfico de cada *site* sobre o assunto da escolha de carreira profissional. Ilustramos esse raciocínio com os dois temas citados no parágrafo anterior. O aspecto financeiro que uma determinada profissão parece oferecer pode ser um fator decisivo para o jovem escolhê-la. Outros poderão escolher sua profissão com base no mercado de trabalho, isto é, na empregabilidade após a formação acadêmica. Dessa forma, ao optar por uma carreira guiado por um ou outro desses temas, o jovem revela um posicionamento; ou seja, no espectro de motivos que poderiam levá-lo àquela carreira – retorno financeiro, empregabilidade, identificação pessoal, imposição dos pais, mensalidade acessível, localização da universidade, etc – a escolha por uma delas filia o sujeito a um posicionamento e, ao mesmo tempo, deixa ver questões culturais as quais nos interessam.

Nos termos de Bourdieu (1989), o sujeito, ao escolher a sua carreira pensando no retorno financeiro que ela lhe trará, por exemplo, estaria se submetendo ao poder simbólico do capital econômico, isto é, considerando a riqueza que poderá ter, os bens que poderá adquirir. Acreditamos que todas as possibilidades de temas presentes nos mitos integrantes do nosso *corpus* de análise são consequência do *habitus* dominante da cultura em que o jovem está inserido, bem como concretizam, por vias diferentes, um poder simbólico; além disso, sendo a cultura, consoante Geertz (2011), o acúmulo de padrões culturais, vê-se que a influência desses padrões manifesta-se na formação do *habitus* e, inevitavelmente, nas questões de formação identitária do jovem e nas motivações para a escolha de uma profissão específica.

Acreditamos que o *habitus*, isto é, o conjunto de valores e crenças que comandam tanto o posicionamento do sujeito na sociedade como a sua visão de mundo, funcione como um palco para as cenas validadas. Tais cenas correspondem a comportamentos pré-construídos, coletivamente aceitos e com uma concepção de juízo agregada – isso é aceitável,

aquilo não é – os quais se cristalizam na memória coletiva e passam a ser adotados pelos sujeitos como padrão para seus próprios comportamentos.

Pela perspectiva maingueneana de análise de discurso, a qual praticamos neste trabalho, as cenas validadas podem ser acionadas pela cenografia do discurso para que venham à tona os sentidos que já estão consolidados na memória coletiva, isso porque, conforme Maingueneau (2004, p. 87), há um processo de legitimação o qual é chamado de “enlaçamento paradoxal”, uma vez que a cenografia valida o enunciado e este valida a cenografia.

De acordo com o que já assinalamos, a cenografia observada em nosso estudo é a de perguntas e respostas – a pergunta sendo concretizada em um enunciado que contém um mito e a resposta aparecendo como um comentário de um especialista em escolha de carreira. Essa estrutura cenográfica legitima tanto o enunciado do mito quanto o enunciado do comentário do especialista e ambos legitimam a estrutura cenográfica, já que esta se mostra adequada para tratar sobre tópicos relativos à escolha de carreira. Percebe-se a presença do capital cultural, inclusive, nessa cenografia, pois as respostas ou os comentários atrelados aos mitos são dados por pessoas que ocupam um lugar de autoridade, isto é, têm títulos acadêmicos e currículos profissionais que atestam a elas uma posição de destaque para falar sobre os mitos.

Tal posição ocupada no espaço cenográfico pelos especialistas interfere na organização do seu discurso e faz com que ele atribua para si um estatuto e delimite outro para seu coenunciador, no intuito de legitimar o seu discurso. Nesse movimento de delimitação de posições, começamos a perceber, de forma mais evidente, questões ligadas à formação de identidade dos sujeitos envolvidos na trama discursiva.

É importante salientar que, segundo a perspectiva da semântica global, não é o sujeito enunciador quem se filia a um ou outro discurso. O movimento inverso é o que ocorre. É o discurso que define o estatuto que o enunciador dá para si e para seu coenunciador de acordo com a competência discursiva e com as coerções semânticas do posicionamento em questão. Tal processo, de acordo com Souza-e-Silva e Rocha (2009, p. 13), dá-se “em duas dimensões, uma institucional e outra intertextual”.

Em nosso caso, o discurso dos mitos e o discurso dos especialistas ocupam, quase sempre, posicionamentos distintos, isso porque as coerções semânticas de cada posicionamento direcionam o lugar discursivo a ser ocupado pelos enunciadores. Por exemplo, o mito 8 do Quadro 3 “*Ao escolher uma carreira, ficarei sempre preso a ela*” reflete, institucionalmente, um enunciador que absorve o peso da sua própria escolha

profissional e se revela como o protagonista de um único ato, justamente aquele em que faz a escolha da profissão, após isso, torna-se um figurante, uma vez que acredita, pelo seu discurso, não mais poder fazer uma nova escolha. Já na dimensão intertextual, o mito dialoga com um posicionamento (e uma cena validada) de que a escolha da profissão acontece uma vez na vida e é imutável, ou seja, uma vez optado por uma carreira, não se pode sair dela antes da aposentadoria. Essa dimensão permite ver o enunciador que representa o indivíduo sobre o qual Bauman (2009) discute, aquele que se torna apenas mais um quando almejava ser único. Aliás, os enunciadores de todos os mitos componentes dos Quadros 2, 3 e 4 representam tal indivíduo.

Considerando que o sujeito enunciador de qualquer um dos mitos integrantes do nosso *corpus* acredite, de fato, no conteúdo daquele mito (em realidade, para o enunciador, o conteúdo no qual ele acredita não é um mito, mas uma “verdade”) e o tome como norte para sua escolha profissional, está ignorando suas características e habilidades individuais, o que se constitui, como veremos adiante, no cerne do discurso dos especialistas. Portanto, no momento em que o sujeito (estudante) baliza suas ações a partir da ideia de que “*seguir a profissão dos pais é sempre uma boa pedida*” (mito 7, Quadro 2) ou de que “*a escolha da carreira deve estar sempre atrelada à graduação*” (mito 10, Quadro 3), ele segue uma receita, como se estivesse cumprindo os passos necessários para escolher sua profissão e deixa de refletir acerca de si, de seus valores, de seus interesses pessoais, daquilo que compõe a sua real identidade; nesse movimento de abnegação de si – o qual parece caracterizar-se como um processo sobre o qual o sujeito não é ciente – está o indivíduo descrito por Bauman (2009).

Dessa maneira – e retomando a discussão acerca do plano do estatuto do enunciador e do coenunciador – observamos que o mito 8 do Quadro 3 “*Ao escolher uma carreira, ficarei sempre preso a ela*” atribui ao seu enunciador – cuja figura poderia ser, em nosso caso, a de um adolescente em fase de escolha de carreira – um estatuto de conformado e resignado com aquilo que a profissão comumente oferece e sem iniciativa para buscar um novo caminho profissional.

Pode-se considerar que o estatuto atribuído por esse discurso ao seu coenunciador é de alguém que compartilha das mesmas fontes de saber e experiências com relação à escolha profissional, por exemplo, um coenunciador pertencente à mesma geração que o enunciador ou de uma geração predecessora, como a X. O fato de haver um coenunciador com tais características significa a manutenção da ideia expressa pelo mito. Além disso, acreditamos que, se há a permanência da ideia do mito, é devido ao ethos mostrado pelo mito 8 do Quadro

3 encontrar abrigo no ethos dito acionado pelo coenunciador, ou seja, os estereótipos e pré-construídos culturais integrantes da memória do coenunciador são validados ao tomar contato com o discurso do mito, logo, o ethos é mantido, pois aquilo que era apenas uma crença do coenunciador ganha respaldo pela crença de outro sujeito – o enunciador – a qual se revela pelo ethos mostrado em seu discurso.

Contudo, a cenografia mobilizada no Quadro 3 coloca em cena um novo coenunciador e, com ele, torna-se relevante analisarmos a dêixis enunciativa. Vejamos o comentário do especialista para o mito tomado como exemplo anteriormente: *“Como o mercado de trabalho é dinâmico, é possível ingressar em outra área ou até mesmo escolher outra profissão. ‘Muitas pessoas vão em busca do plano B, como dar aula, ser consultor, abrir um negócio, quando algo está incomodando na carreira.’”* Esse coenunciador, observado na dimensão institucional, inscreve-se socialmente como um especialista naquilo que enuncia e, no campo intertextual, é alguém que ressignifica as cenas validadas nas quais os mitos se solidificam. Além disso, uma vez que ele produz seu discurso com base nas evidências do momento presente, esse dado cronológico vai de encontro àquele que se revela pelo discurso do mito. Expandindo um pouco mais tal raciocínio, podemos afirmar que a dêixis espacial e temporal em que o enunciador do mito se localiza – um adolescente – é uma (e é a mesma do coenunciador – especialista), mas o tempo do mito é outro.

O discurso do mito é um discurso herdado. Ele faz com que atravessem toda uma geração, cenas validadas de outro momento socio-histórico-cultural. Chega aos jovens um discurso de que *“Ao escolher uma carreira, ficarei sempre preso a ela”* ou de que *“Só há uma profissão certa para cada um”*, pois isso representava uma realidade de outrora. Então, o jovem, vivendo um novo momento socio-histórico-cultural, absorve um discurso que ecoa traços de um tempo que não é o seu. Contudo, de acordo com o seu próprio tempo, a informação transmitida pelo mito não é mais aceitável como a única possível; tomemos quaisquer das respostas enunciadas pelos especialistas e veremos como há outro caminho. É como se o especialista, que vive e se enuncia do mesmo tempo cronológico dos jovens, estivesse, por intermédio do seu discurso, atualizando o discurso referente à escolha de carreira profissional. Ação essa necessária por conta de que o tempo cronológico vivido pelos jovens e pelos especialistas apresenta características distintas daquele tempo em que os discursos dos mitos surgiram.

Com base nessa perspectiva, da modificação do entendimento do mito, vemos um novo ethos formulado. Se, anteriormente, o ethos dito entrava em consonância com o ethos

mostrado e, portanto, apontava para a permanência do mito, agora, por meio do discurso do especialista, o ethos mostrado pelo mito não encontra respaldo no ethos dito do especialista; acreditamos que isso ocorra porque os especialistas não compartilham das cenas validadas e estereótipos que sustentam os mitos. Aqui, o ethos mostrado não é de um enunciador conformado, mas de um enunciador ativo, crente de seu papel na construção de seu futuro, ele não é espectador, é protagonista.

Maingueneau (2008a, p. 90) afirma que um discurso “não é somente determinado conteúdo associado a uma dêixis e a um estatuto de enunciador e de destinatário, é também uma ‘maneira de dizer’ específica”. A tal maneira relaciona-se o modo de enunciação do discurso, o qual recai tanto sobre a figura do enunciador quanto do coenunciador, e revela a voz do discurso, a qual faz com que o coenunciador incorpore – ou não – o discurso do enunciador.

A voz que nos interessa é a do discurso dos especialistas, pois, além de ser um discurso segundo e carregar em si o discurso primeiro, é pelo tom, a nosso ver, que existirá – ou não – a incorporação desse discurso segundo e, por consequência, possibilitará uma mudança de comportamento dos enunciadores do discurso primeiro. Maingueneau (2014) assinala que no plano do modo de enunciação existe a figura do fiador, associada à figura do enunciador. O fiador não representa o sujeito enunciador, mas uma instância subjetiva (trazida à cena da enunciação pelo enunciador) com a qual o coenunciador poderá identificar-se ou não.

Observando o modo de enunciação de cada enunciador que ocupa a figura de especialista, notamos características semelhantes e outras singulares. No que se refere ao Quadro 2, vê-se um discurso objetivo e sucinto. A cenografia desse *corpus* contribui para tais características, uma vez que, apesar de ser estruturado em perguntas e respostas, os discursos do Quadro 2 configuram um *quiz*; logo, há uma resposta certa ou uma errada. A confirmação do valor da resposta (certo ou errado) é dada pelo comentário do especialista. Dessa forma, um discurso construído com vocábulos selecionados para conferir concisão e clareza ao que é enunciado parece ser fundamental. Ademais, parece não haver uma intenção de aproximação do coenunciador a partir dessa cenografia, ao contrário, a linguagem é neutra (sem brincadeiras, sem informalidade) e diz apenas o necessário – o que não se concretiza nos discursos dos Quadros 3 e 4. Tem-se, a seguir, exemplos extraídos do Quadro 2:

Mito 6: *A instituição “pesa” no currículo e abre (ou não) portas ao mercado.*

Comentário: *Empresas buscam profissionais das melhores escolas. Boas instalações e bons professores aumentam a chance de conseguir boas vagas.*

Mito 1: *Para se dar bem é necessário levar em conta o prazer pessoal.*

Comentário: *O sucesso profissional depende do prazer e identificação com a profissão. Satisfação é a mola propulsora da realização e da gratificação.*

Vemos que o tom construído pelo enunciador dos comentários almeja mostrar se o mito é uma verdade ou uma mentira de forma muito mais enfática do que promover um engajamento do jovem para a reflexão de seu posicionamento acerca do mito. A cenografia desse *corpus* cumpre com a função de atualizar a informação do mito para a realidade do tempo em que vive o jovem em momento de escolha profissional, contudo, acreditamos que a incorporação dessa atualização pelo coenunciador, isto é, os jovens, não é facilitada devido ao tom do discurso.

No que concerne o tom dos discursos do especialista do Quadro 3, observa-se mais interação com o enunciador, a qual se dá pelo uso de perguntas, por várias afirmações que não se enquadram em posições extremistas (como a de certo ou errado), uso de expressões próprias da oralidade, além de exemplos práticos para que o coenunciador visualize o raciocínio desenvolvido no comentário em seu cotidiano. Por exemplo:

Mito 3: *Difícilmente ganharei minha vida com um hobby.*

Comentário: *Geralmente, o hobby é algo que a pessoa ama fazer e, quando se trabalha com o que se gosta, a chance de ser bem-sucedido é muito maior. “Muitas pessoas não se dão conta disso e deixam passar esta oportunidade. Quem ama o que faz trabalha com brilho nos olhos.”*

Mito 9: *Se eu mudar de carreira, tudo o que eu aprendi (competências técnicas) não será aproveitado.*

Comentário: *Conhecimento sempre é aproveitado. Talvez o profissional não utilize diretamente suas competências técnicas, mas, indiretamente elas poderão ser aproveitadas. “Já vi pessoas que se formaram em RH, mas trabalham na área financeira. Elas continuam usando o que aprenderam na faculdade, que é lidar com pessoa, mas de uma maneira indireta.”*

Acreditamos que o movimento de incorporação torna-se mais provável de ocorrer por intermédio do tom construído pelo discurso do Quadro 3. O especialista, ao dizer, “*Já vi pessoas que se formaram em RH, mas trabalham na área financeira*”, por exemplo, faz com que o coenunciador perceba que ele, o enunciador, não fala somente com a autoridade

conferida pelo capital cultural do qual é detentor, também fala com uma experiência real de vida, isso aproxima ambos os interlocutores e alavanca uma possível mudança de comportamento.

Com relação ao Quadro 4, o tom do enunciador é bastante semelhante ao do Quadro 3, existe uma aproximação ao coenunciador favorecida pelo trabalho com a linguagem dentro do discurso do especialista. A construção desse discurso também se vale de expressões informais, de formas verbais que denotam uma conversa com o coenunciador, além de oferecer um comentário maior do especialista, há uma contextualização e um raciocínio um pouco mais amplo em relação ao quadro anterior. Tomemos os seguintes exemplos:

*Mito 1: Vocação é um chamado e é preciso esperar por ele.*

*Comentário: Derivada do verbo “vocare” (chamar) do latim, a palavra vocação significa, etimologicamente, um chamado. O problema é que muitas pessoas levam esta origem ao pé-da-letra na hora de escolher uma profissão, segundo Maurício Sampaio. “Ficam esperando a chegada desse chamado. Mas, vocação não é um chamado, é algo que se desenvolve, que se trabalha, até descobrir”, diz o especialista. Ou seja, não é que um belo dia, sem aviso, você vai escutar uma voz o chamando para determinada profissão. Não há evento mágico neste processo, diz o especialista, só é possível descobrir a vocação investindo em autoconhecimento. “É preciso prestar atenção em talentos, habilidades, valores pessoais, missão e propósito de vida. Parece piegas falar dessas coisas. Mas é incrível como as pessoas não se conhecem e não pensam nisso”, diz Sampaio.*

*Mito 5: Há pessoas que não têm vocação para nada.*

*Comentário: Nada disso. De acordo com Maurício Sampaio, qualquer pessoa tem um talento, qualquer pessoa tem uma vocação. “Não existe quem não sirva para nada”, garante o especialista. É questão de ser honesto consigo mesmo, de se autoavaliar para descobrir. Não sabe por onde começar a investigar sua vocação? Sampaio dá a dica: “a pessoa deve se perguntar em que atividades ela simplesmente não vê a hora passar.” É um começo, não é? Só não vale responder: dormir.*

Igualmente ao observado no Quadro 3, acreditamos haver maior possibilidade de incorporação desse discurso por conta do tom construído. Trata-se de um tom jovial e com traços humorísticos cuja repercussão no discurso ameniza a seriedade do assunto e torna-o mais fácil de ser assimilado pelo coenunciador. Dessa forma, a figura do fiador dos Quadros 3 e 4 delinea-se com traços mais favoráveis a ser incorporada pelo coenunciador, assim como o ethos discursivo mostrado por esse fiador.

Na esteira das reflexões possibilitadas pelo modo de enunciação, plano integrante da metodologia da semântica global, somos levados a crer que quando há incorporação de um discurso por parte do coenunciador, esta é consequência de um processo de semelhança identitária entre enunciador e coenunciador. Em outras palavras, a imagem que o enunciador projeta de si através de seu discurso – o ethos discursivo mostrado – ressoa em seu coenunciador e revela-se como um pilar crucial para um movimento de reformulação de comportamento.

Woodward (2000, p. 10) assinala que “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”. Em nosso estudo, consideramos que o trabalho ocupa um espaço significativo no aspecto simbólico da construção da identidade, pois é também por intermédio da sua profissão que o indivíduo insere-se em sua comunidade, estabelece relações sociais e agrega novas possibilidades para desenvolver sua identidade.

Não é propósito deste estudo avançar até profissões específicas e analisar as formas com que cada uma contribui para as questões de identidade; interessa-nos o momento em que o sujeito ainda não se identifica na sociedade por intermédio da sua profissão, ele ainda não é o médico, o advogado, o professor, o engenheiro, ele é (possivelmente) um jovem (cuja singularização muitas vezes se dá pela expressão “filho de”, ou seja, ele próprio ainda não é identificável por alguma peculiaridade sua, o ponto de referência é externo) que revela, pelo seu discurso de escolha profissional, traços característicos de sua identidade, os quais possivelmente se manifestarão na concretização da opção de carreira, na forma como ele conduzirá sua formação e, mais tarde, na sua atuação no mercado de trabalho.

Dessa forma, os mitos são nosso caminho para a compreensão das características identitárias de seus enunciadores. Observamos, por meio dos planos da semântica global do vocabulário e do tema, que estão presentes nos mitos as ideias de remuneração e de mercado de trabalho como importantes no momento da escolha de carreira; além dessas, citamos também, o reconhecimento da instituição de ensino superior, como visto em “*a instituição “pesa” no currículo e abre (ou não) as portas ao mercado*”, mito 6, retirado do Quadro 2. Assim, é pertinente assinalar que faz parte da identidade do enunciador dos mitos, no que se refere à escolha de carreira, uma preocupação com fatores externos, isto é, esse enunciador pode optar por uma profissão com base nesses critérios.

Por fim, é possível percebermos que muitas reflexões relacionadas às questões de identidade e construção identitária não podem ser descoladas da realidade sócio-histórico-

social do indivíduo; nessa esteira, surgem os estereótipos culturais, os quais são mobilizados pelas cenas validadas instaladas na memória coletiva e no imaginário dos indivíduos.

Quando os estereótipos são acionados, o indivíduo tem a escolha de incorporá-los à sua identidade e, assim, deixá-los influenciar nas suas escolhas futuras ou recusá-los, vê-los justamente como são, imagens cristalizadas no imaginário coletivo (e tomadas como verdadeiras pela maior parte das pessoas integrantes desse coletivo), mas, ele, por se conhecer, não as reconhece como parte da sua verdade e não as assume como são, não se identifica com esse fiador e, por conseguinte, abandona o estereótipo. Nesse processo em que não há incorporação da cena validada, o sujeito recusa, igualmente, o ethos mostrado pela cena da enunciação.

Na seção a seguir, continuaremos analisando os mitos, buscando apontar, mais enfaticamente, aspectos relacionados à manutenção ou à ressignificação deles, interligando, sempre, às questões de estereótipos culturais, construção de identidade e do ethos discursivo.

## 4.2 DISCUSSÃO DAS ANÁLISES

Consoante a visão de discurso praticada nesta dissertação, este objeto de estudo é visto, concomitantemente, sob a égide linguística socio-histórica, e isso contribui para que seja possível apreendê-lo em sua integralidade. Como elegemos a metodologia da semântica global para analisar os discursos sobre mitos de escolha de carreira profissional, foi possível percebermos a ligação que cada um dos sete planos integrantes de tal metodologia guarda entre si, bem como com outras categorias. No desenvolvimento do estudo, por exemplo, os planos entrelaçam-se para nos oferecer um caminho analítico sobre a construção identitária e os reflexos desse processo na escolha de carreira profissional, bem como a influência de estereótipos culturais nessa construção, o ethos discursivo que se mostra consolidado por meio dos mitos e como esse ethos encontra respaldo ou resistência no discurso dos especialistas.

Observamos, conforme informações do Quadro 5, que consta na sequência, acerca dos mitos, e as relacionando com um dos planos da semântica global analisado na seção anterior – o plano do tema – que a maior parte dos mitos está baseada em fatores externos ao indivíduo, isto é, não são relevantes as informações que advêm do autoquestionamento desse sujeito sobre suas próprias tendências e gostos, da observação atenta de seus interesses pessoais ou de

seus talentos individuais, os diferentes ethé<sup>42</sup> dos mitos revelam temas cuja localização está em posição diametralmente oposta aos ethé dos comentários dos especialistas.

Como forma de sistematizar e cotejar nossas reflexões acerca de tais ethé, organizamos o Quadro 5 a partir dos mitos que evidenciam os mesmos ethé:

**Quadro 5: Ethé discursivos dos mitos e dos comentários dos especialistas**

<b>Cenas dos Mitos</b>	<b>Ethos Discursivo</b>	<b>Frase-resumo dos comentários dos Especialistas</b>	<b>Ethos Discursivo</b>
<p>Seguir a carreira dos pais (mito 7, Quadro 2; mito 7, Quadro 3).</p>	<p>Observa-se o ethos que crê em um futuro positivo e garantido no que se refere à colocação profissional e à remuneração ao ter a mesma profissão dos pais.</p>	<p>Quadro 2: O aluno não deve optar pela profissão dos pais só por comodismo ou pela garantia de emprego. Quadro 3: Pode até ser que exista facilidade, mas, se a pessoa não tiver vocação para aquela profissão, também será infeliz na sua escolha.</p>	<p>Em ambos os Quadros, os especialistas não afirmam que o jovem está errado em acreditar nessa ideia. Acrescentam que essa opção somente será acertada se houver identificação pessoal com a profissão.</p>
<p>Consulta a profissionais ou a testes vocacionais (mito 8, Quadro 2; mito 2, Quadro 3).</p>	<p>O ethos mostrado é de dúvida e insegurança. A resposta dada por um profissional ou um teste será, provavelmente, a escolha feita pelo jovem.</p>	<p>Quadro 2: Os bons testes dão uma orientação da área provável, porém dentro dela há muitas opções de carreiras. Quadro 3: De maneira nenhuma, a escolha da profissão cabe apenas à pessoa. O especialista poderá ajudar no processo de autodescobrimento.</p>	<p>O ethos de ambos os Quadros são contrários ao ethos dos mitos. Vê-se um ethos que defende o protagonismo do jovem no processo de escolha, e não a terceirização dela.</p>

<sup>42</sup> Essa é a forma pluralizada do vocábulo ethos.

<p>Influência do mercado de trabalho na escolha da profissão</p> <p>(mitos 4 e 5, Quadro 2; mitos 4 e 5, Quadro 3).</p>	<p>Observa-se um ethos dependente de um fator externo – situação do mercado de trabalho – para definir uma profissão.</p>	<p>Quadro 2: É preferível que o jovem ingresse numa carreira competitiva com mais significado do que em uma com muitas oportunidades que ele não se identifique.</p> <p>Quadro 3: Se a pessoa trabalhar com algo de que ela não gosta, só porque há muitas oportunidades no mercado, será um profissional sem motivação e isso refletirá em sua empregabilidade.</p>	<p>O ethos observado nos quatro comentários reflete um ethos que refuta o ethos dos mitos, ou seja, os especialistas não acreditam em questões externas como critérios para escolha de profissão.</p>
<p>Salário inicial da carreira</p> <p>(mito 3, Quadro 2; mito 6, Quadro 3).</p>	<p>Ethos preocupado com a remuneração da profissão.</p>	<p>Quadro 2: É mais importante aprender a trabalhar, lidar com hierarquia e adquirir experiência.</p> <p>Quadro 3: É a mesma coisa que colocar o ser no lugar do ter. O dinheiro, na escolha de carreira, é algo superficial.</p>	<p>Ethos que desconstrói aquele observado nos mitos e sustenta o posicionamento de que remuneração não deve ser considerada como critério de escolha de profissão.</p>
<p>Necessidade de vocação para algumas profissões</p> <p>(mito 2, Quadro 2; mitos 3 e 5, Quadro 4).</p>	<p>O ethos mostra que é preciso ter talento nato para algumas profissões, independente se há identificação pessoal do jovem com a carreira.</p>	<p>Quadro 2: Existem profissões que são aprendíveis, outras não.</p> <p>Quadro 4: Pesquisas mostram que um jovem da Geração Y vai percorrer 14</p>	<p>Nos discursos dos especialistas mostram-se dois éthé. No Quadro 2 existe a concordância com o ethos dos mitos. As profissões que não são</p>

		ocupações diferentes até o fim da carreira. A vocação de uma pessoa é para uma atmosfera de trabalho, não para apenas uma profissão.	aprendíveis são aquelas que exigem vocação. O Quadro 4 ressignifica o ethos dos mitos, afirmando que a vocação não está relacionada com a profissão.
Prazer pessoal na escolha da profissão  (mito 1, Quadro 2; mito 3, Quadro 3).	Há dois éthé: no Quadro 2 existe a filiação à ideia de que o prazer precisa estar atrelado à escolha profissional; no Quadro 3 o ethos reflete o oposto, um posicionamento que diferencia trabalho de prazer e realização pessoal.	Quadro 2: O sucesso profissional depende do prazer e identificação com a profissão. Quadro 3: Quando se trabalha com o que se gosta, a chance de ser bem-sucedido é muito maior. Quem ama o que faz trabalha com brilho nos olhos.	Ambos os especialistas compartilham do mesmo ethos: a escolha da carreira é mais acertada quando o jovem considera sua identificação com a profissão, logo, há a relação com o autoconhecimento desse jovem.

Fonte: Elaborado pela acadêmica

Depreendem-se, por intermédio dos éthé discursivos dos mitos, preocupações concernentes a fatores externos ao indivíduo. Defendemos, no capítulo 2, a ideia de que os discursos dos mitos podem ser considerados como uma herança deixada aos jovens da contemporaneidade pela geração anterior, uma vez que tais mitos podem, certamente, expressar “verdades” dos tempos de outrora. Não queremos afirmar com isso que os jovens, cujo momento de vida atual é o de escolha de carreira, não estejam considerando optar por uma formação com base na remuneração que tal carreira poderá oferecer-lhes, por exemplo, buscamos a reflexão da hereditariedade de discurso por conta do que o exercício de cotejamento entre os éthé dos mitos e os éthé dos especialistas revela.

Acreditamos que se há a necessidade de discutir os mitos pelas figuras de especialistas em escolha de carreira, o que se depreende é que tais mitos configuram ideias arraigadas no pensamento e na prática da maioria das pessoas e que não conduziram a bons resultados. Observa-se essa mesma ocorrência em diversas áreas. Na saúde, se se dissemina a ideia de que quatro horas de sono diárias são suficientes para o organismo, um médico especialista

será consultado por um veículo de comunicação para esclarecer tal falácia; na área da beleza, se a ideia de que um certo produto pode ser usado sem restrições por não conter determinada substância começa a se espalhar, um profissional da área falará com autoridade, declinando tal ideia. Logo, a fala de um especialista é requisitada quando existe a necessidade de discutir um assunto sobre o qual se fala com frequência, mas que não chega a impactar a prática e cambiá-la.

Notamos, então, pela comparação entre os *ethé* discursivos, que os especialistas lançam-se, por intermédio de seus discursos, na empreitada de reformular a maioria dos mitos, refutando os estereótipos que os acompanham ou que os originaram e atualizando esses discursos para o que se acredita ser mais benéfico para os jovens neste momento sócio-histórico-cultural.

Assim, se é possível afirmarmos que a crença em determinado estereótipo é fator contributivo para a formação da identidade de um indivíduo, também torna-se possível assinalarmos que tais crenças afetam as decisões desse indivíduo, entre elas, provavelmente, a escolha da carreira. Dessa forma, ao se disseminar a ideia de que algumas profissões exigem um talento nato, isto é, uma vocação que acompanha a pessoa desde o seu nascimento a ser bem-sucedida naquela profissão, e alguém acreditar nisso, essa pessoa não colocará todas as profissões ao seu dispor; ainda que ela goste muito de ensinar, pode considerar que não tem vocação para a docência uma vez que é tímida, não lhe agrada falar para um público numeroso, não lhe ocorre paciência quando está falando e alguém interrompe, não consegue visualizar diferentes maneiras para explicar o mesmo assunto; então, a conclusão é de que tais dificuldades não podem ser aprendidas, ou se nasce sabendo como lidar com isso, ou não se tem vocação para aquela profissão. No entanto, sabe-se que o aprendizado conduz ao domínio de conteúdos que leva ao conhecimento adequado para exercer uma atividade, uma profissão.

Outra ilustração que concerne a influência dos estereótipos culturais na questão identitária está representada na crença de que o mercado de trabalho deve determinar a escolha da carreira. O sujeito crente no fato de que a oferta de trabalho é que faz a escolha para ele, provavelmente não se conhece, não é capaz de elencar suas virtudes, habilidades, desafios; não consegue escolher profissão pois não tem critério de escolha, já que o primeiro deveria ser suas habilidades e gostos pessoais – conforme explicam os especialistas.

Portanto, quando o *ethos* discursivo mostrado pelo mito afirma que é preciso considerar a remuneração possibilitada pela profissão, o especialista o reformula para um *ethos* que mostra a insignificância desse quesito frente a outros aspectos, como o acúmulo de

experiência na área. A remuneração farta seria uma consequência da dedicação pessoal na construção de uma boa carreira, não um critério inicial e único para escolher a profissão; quando o ethos discursivo mostrado pelo mito aponta para o deslizamento da escolha feita pelo próprio indivíduo em detrimento da escolha feita por um profissional ou por testes vocacionais, os especialistas constroem um ethos de promoção do autoconhecimento, para então ser possível optar com segurança por uma carreira. Vemos, então, que, a partir dos diferentes éthé revelados nos discursos dos especialistas, a maior parte deles ressignifica os éthé dos mitos, apontando para uma nova série de aspectos que deveriam ser considerados pelos jovens em fase de escolha de carreira profissional, o principal deles constituindo-se no exercício contínuo do autoconhecimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da reflexão presente neste trabalho possibilitou-nos vislumbrar a importância de percorrer um caminho analítico revestido por outros caminhos que são, também, importantes no desenvolvimento da análise que ora finda. Mas o que queremos concluir com tal afirmação? Que a análise feita sob um único viés teórico pode não ser tão profícua quanto aquela que se beneficia de uma interface entre perspectivas teórico-metodológicas as quais, obviamente, compartilham de algum eixo comum.

De nossa parte, propusemo-nos a fazer uma investigação acerca de alguns mitos que permeiam o processo de escolha de carreira profissional, por considerarmos esse um assunto pertinente, atual e com certa margem para discussão sob a perspectiva discursiva, isto é, a nosso ver, o campo da escolha profissional e dos percalços que podem aparecer pelo caminho não são de domínio exclusivo de alguns campos do conhecimento, por exemplo a psicologia. Sendo assim, tornou-se possível apresentarmos contribuições pelo viés de teorias enunciativo-discursivas, como fizemos nesta dissertação.

Para iniciar a investigação, lançamos o seguinte problema de pesquisa: o ethos discursivo mostrado na construção identitária de mitos sobre escolha de carreira profissional pode representar mudança ou manutenção de referentes culturais na escolha de profissão pelo jovem estudante? Observamos, então, que o ethos mostrado pelos mitos representa a manutenção de referentes culturais e o ethos mostrado pelos comentários dos especialistas oferece uma mudança a tais referentes. Logo, para avançarmos na investigação, propusemos as seguintes hipóteses, as quais foram confirmadas ao longo do estudo:

- d) o aparato metodológico construído com base na semântica global, proposta por Maingueneau (1984/2008), possibilita revelar tanto a formação discursiva na qual o ethos do *corpus* analisado está inserido quanto a formação discursiva negada por ele;
- e) o ethos do mito e o ethos refutado por ele são vias de acesso a construções culturais estereotipadas e identitárias, bem como configuram um caminho para compreender mudanças no processo de escolha de carreira trazidas pelo jovem estudante;
- f) a análise da cenografia dos mitos de escolha de carreira permite compreender as influências atuantes na construção da cenografia e do ethos discursivo por intermédio do sistema de restrições que se verifica nessa tessitura do dizer.

Ainda, como norte de nosso estudo, traçamos o objetivo geral de “analisar como o ethos discursivo mostrado na construção identitária de mitos sobre escolha de carreira profissional pode representar mudança ou manutenção de referentes culturais na escolha de

profissão pelo jovem estudante”. Acreditamos tê-lo alcançado em sua totalidade, uma vez que conseguimos verificar, por meio da análise do ethos discursivo mostrado pelos mitos, que é justamente a sua manutenção, garantida pela também manutenção dos estereótipos culturais na memória coletiva, a responsável por assegurar a manutenção e/ou reprodução dos referentes culturais – os quais são os próprios estereótipos; cremos, ainda, na facilitação do processo de mudança desses referentes com a associação feita pelos *sites* dos quais os mitos foram extraídos com o vocábulo mito. O peso semântico dessa palavra é forte no que se refere à tentativa de mudar o *status quo*, ou seja, somos levados a acreditar que o impacto no público leitor de tais *sites* pelo uso da palavra mito no título das notícias é positivo e pode ser um fator para fazer o leitor ler a notícia toda e refletir sobre o posicionamento dos especialistas.

Nossos objetivos específicos foram: a) descrever o ethos discursivo dos mitos a partir da sua construção cenográfica. Foi-nos possível empreender tal ação, pois a cenografia dos mitos apontava para as cenas validadas, as quais, por sua vez, acionavam os pré-construídos, os estereótipos, os referentes culturais. A partir desse caminho, os *ethé* discursivos dos mitos puderam ser descritos. b) relacionar o ethos discursivo dos mitos ao ethos do discurso-resposta aos mitos como caminho reflexivo acerca da mudança percebida no processo de escolha de profissão. Igualmente ao objetivo anterior, este também conseguimos concretizar. Justamente pelo êxito no estabelecimento de uma comparação entre o ethos dos mitos e o ethos dos discursos dos especialistas é que fomos capazes, durante a seção das análises, de afirmar que há uma recusa dos vários *ethé* transmitidos pelos mitos. Os especialistas posicionam-se como divulgadores de novos meios para a escolha de carreira, sendo o cerne da nova proposta o autoconhecimento desenvolvido pelo jovem. Assim, o jovem que entrar em contato com tais notícias, verá, possivelmente, a sua fala retratada pelos mitos, as suas dúvidas, os seus medos, as suas percepções as quais tomam-lhe a atenção e guiam-no para uma escolha pautada em um discurso herdado de gerações anteriores, para quem era importante seguir a carreira do pai, ou estudar em uma universidade pública, ou descobrir sua vocação a qualquer custo, ou, ainda, ter a certeza de que a profissão é escolhida uma única vez na vida.

Contudo, ao ler os comentários dos especialistas, o jovem poderá perceber uma nova forma de encarar o difícil momento de escolher uma carreira, será colocado em face a uma nova realidade, não aquela herdada, representante de um outro momento sócio-histórico-cultural, mas da sua realidade; saberá que não há problema em seguir a carreira dos pais,

desde que isso não seja imposto por eles, tampouco uma tentativa de facilitar seu próprio caminho, se houver identificação com a profissão, qual é o problema?

Também saberá que a universidade pode ser um fato importante, mas não deve ser decisivo, afinal, vale a pena cursar geografia em uma universidade pública (pois foi aquela em que o jovem foi aprovado no vestibular) e deixar de cursar direito em uma universidade particular (o qual era sua vontade inicial, mas não foi aprovado) apenas para ter a formação em uma universidade pública no currículo? O jovem também refletirá sobre a possibilidade que se abre a ele de mudar de carreira quantas vezes desejar, ninguém está preso a sua escolha inicial, visto que atualmente é possível fazer uma transição de carreira sem que isso seja percebido como um escândalo. Dessa maneira, observamos que a comparação entre *ethé* de mitos e comentários de especialistas confirmou-se como um caminho de reflexão e percepção de mudanças no processo de escolha de carreira.

Por fim, o terceiro objetivo específico: c) verificar se há convergência entre o *ethos* dos discursos-resposta aos mitos e os traços identitários dos jovens estudantes. Acreditamos que não foi possível alcançar esse objetivo de forma plena, pois exatamente nesse aspecto deflagrou-se uma das limitações de nosso estudo: não logramos tratar de características da faixa etária que nos interessa – os jovens em fase de escolha de carreira. Acreditamos que, se nos embrenhássemos por tais veredas, o trabalho ficaria demasiadamente longo e adentraríamos nos domínios da psicologia, o que, naturalmente, não se configurava como nosso percurso analítico. O que podemos considerar acerca do terceiro objetivo específico, são nossas impressões, mas não nossa verificação e confirmação. Acreditamos haver, sim, convergência, uma vez que a construção dos comentários dos especialistas toma por base a observação da realidade. Logo, para ser crível a afirmação de que ninguém precisa ficar presa a uma mesma carreira por toda a vida, ou que a vocação de uma pessoa é para um ambiente de trabalho e não para uma profissão específica, pode-se estar pautado na observação de que é justamente isso o que vem ocorrendo na contemporaneidade.

No que se refere às contribuições de nosso estudo, cremos que nossas reflexões poderão ser úteis a dois públicos prioritariamente: àqueles que estão no momento de escolha profissional, para que se livrem das amarras às quais os mitos os prendem, contudo, não em um ato de rebeldia, mas permitindo-se escolher uma carreira com base em seus talentos individuais, isto é, de maneira consciente e a partir de um ato de autoconhecimento; e àqueles que convivem com pessoas que estão em fase de escolha de carreira, por exemplo, pais e professores. A um terceiro grupo, por fim, nossas reflexões poderiam interessar: às

universidades aos setores de marketing, pois ao compreenderem o que motiva ou não um jovem a escolher sua profissão, esses aspectos específicos podem ser abordados em suas campanhas institucionais; podem servir, ainda, para alavancar cursos cuja demanda seja baixa, como as licenciaturas.

Essa, inclusive, configura-se como uma sugestão para estudos futuros, a ampliação da reflexão entre os critérios que guiam o jovem a escolher uma carreira e de que forma ele consolida tal escolha, isto é, qual, de fato, foi seu caminho formativo. Mantivemo-nos na etapa anterior, ao momento da escolha, porque acreditamos que estudos que tratem do próximo passo – a consolidação da escolha – também possam oferecer ricas reflexões e contribuições concretas aos jovens, aos profissionais que trabalham com orientação profissional e transição de carreira, aos pais e às instituições de ensino.

Ao redigir o último parágrafo de um trabalho extenso e laborioso como é uma dissertação, impossível não pensar em como foi o primeiro parágrafo, em como foi o início da caminhada. O início foi tortuoso e quem sabe, possível de ser metaforizado com os versos célebres de Drummond: “No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho [...]”. A “pedra” foi contornada, com o suporte de muitos, mas foi. No meio do caminho percebemos o mesmo que afirmamos no início de nossas considerações finais, é mais profícuo o resultado de um processo desenvolvido à luz de várias perspectivas; essas perspectivas é que sustentaram a vontade de contornar a pedra e não parar no meio do caminho, as interfaces – entre pessoas e pensamentos diferentes – engrandeceram o caminho deste trabalho e o próprio caminho.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2014. p.9-27.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (VOLOCHÍNOV, Valentin. N.). A relação entre a infraestrutura e as superestruturas. In: \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009a. p. 38-46.
- \_\_\_\_\_. Língua, fala e enunciação. In: \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009b. p. 91-111.
- BAKHTIN, Mikhail (1979). *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 261-270.
- BARONAS, Roberto Leiser; MANENTI, Regiana Perpétua. Da formação discursiva à semântica global: breve análise do tema corrupção em programas de governo das eleições presidenciais 2006. *Revista do GEL*, São Paulo, v.6, n.1, p. 61-79, 2009.
- BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva: vale a pena lutar por ela. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/formacao-discursiva-vale-a-pena-1670.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2015.
- BENVENISTE, Émile (1956). A natureza dos pronomes. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. 5.ed.Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. São Paulo: Pontes, 2005. p. 277-283.
- \_\_\_\_\_. Da subjetividade da linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. 5.ed.Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. São Paulo: Pontes, 2005. p. 284-293.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. 2. ed. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. (1989). *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomas. Lisboa: Difusão Editorial; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BURKE, Peter. (1937). *O que é história cultural?* Tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRUNELLI, Anna Flora. Cenas validadas e estereótipos no discurso de autoajuda para mulheres. *Revista da Abralin*, v. 14, n. 2, p. 123-147, jul./dez. 2015.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Volume II. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CRAWFORD, Fred; MATTHEWS, Ryan. *O mito da excelência*. São Paulo: Manole. 2002.

DAVIS, Kenneth C. *Tudo o que precisamos saber, mas nunca aprendemos, sobre mitologia*. Tradução Maíra Blur. Rio de Janeiro: Difel. 3. ed. 2015.

DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

EXAME. *5 ideias (bem) falsas sobre vocação profissional*. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/5-ideias-falsas-sobre-vocacao-de-carreira>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

FREITAS, Ernani Cesar de. Linguagem na atividade de trabalho: ethos discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. *Desenredo*, Passo Fundo, v.6, n.2, p. 170-197, jul./dez. 2010.

FREITAS, Ernani C. de; FACIN, Débora. Semântica global e os planos constitutivos do discurso: a voz feminina na literatura de Rubem Fonseca. *Desenredo*, v.7, n.2, p. 198-218, jul./dez. 2011.

GEERTZ, Clifford. (1926). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2011.

GERBER, Michael. *O mito do empreendedor*. São Paulo: Fundamento. 2011.

GONÇALVES, Iverton G. R. Práticas discursivas, mulheres e memórias: identidade e manifestações culturais em Nova Prata. 2015. 159f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Passo Fundo, UPF, Passo Fundo, 2015.

G1. *10 mitos sobre a escolha da carreira*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2010/10/10-mitos-sobre-escolha-da-carreira.html>>. Acesso em 30 mar. 2016.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende... et al. Belo Horizonte: Editoria UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). *Identidade e diferença na perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 103-133.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2006.

IBM. *Mitos, exageros e verdades incômodas*. Disponível em: <<https://www.ibm.com/news/pt/pt/2015/02/23/20150223.html>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

INFOMONEY. *Conheça 10 mitos sobre a escolha da carreira*. Disponível em: <<http://www.infomoney.com.br/carreira/noticia/2411412/conheca-mitos-sobre-escolha-carreira>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique (1984). *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Tradução Freda Indursky. São Paulo: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Problemas de ethos. In: POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. (Orgs.). *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b. p. 55-73.

\_\_\_\_\_. Discurso e análise do discurso. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c. p.135-155.

\_\_\_\_\_. Ethos e apresentação de si nos sites de relacionamento. In: POSSENTI, Sírio; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília P. (Orgs.). *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 79-98.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2014. p. 69-92.

\_\_\_\_\_. *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Inicamp, 2009.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. *Revista Letras*, Curitiba, n.61, p. 253-269, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília; ROCHA, Décio. Por que ler Gênese dos discursos? *ReVEL*, v. 7, n. 13, 2009.

TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

TEIXEIRA, Marlene. Sobre a enunciação: a heterogeneidade fundante. In: \_\_\_\_\_. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 131-169.

VASCONCELOS, Maria Drosila. *Pierre Bourdieu: a herança sociológica*. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200006)> Acesso em: 01 abr. 2016.

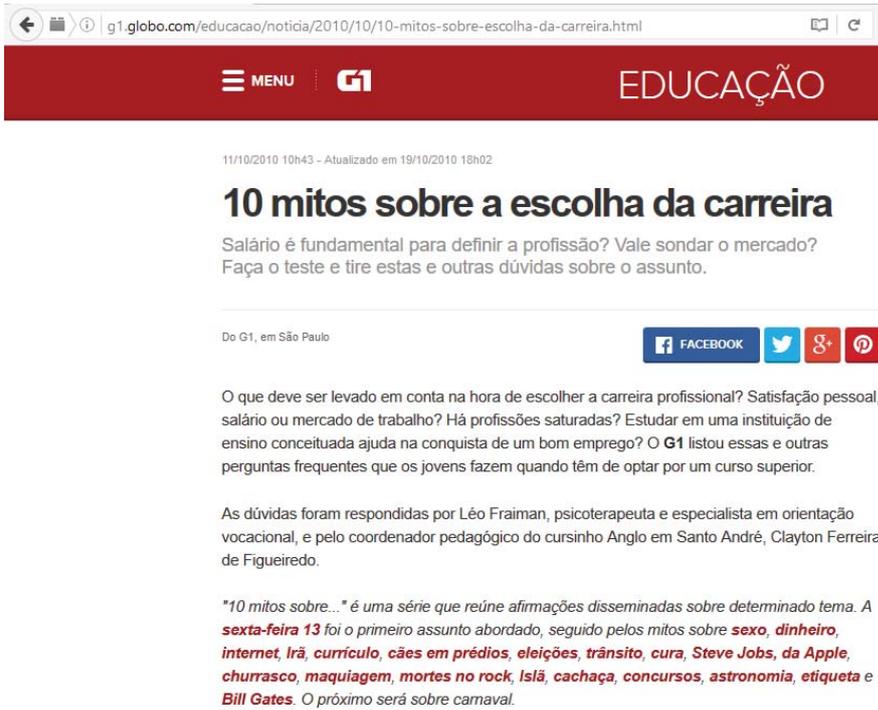
WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz (Org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes. 2000. p. 7-72.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza*. São Paulo: Rocco, 1992.

## ANEXOS

## ANEXO A

Site – G1

Texto que antecede o quadro com o *quiz*.


11/10/2010 10h43 - Atualizado em 19/10/2010 18h02

## 10 mitos sobre a escolha da carreira

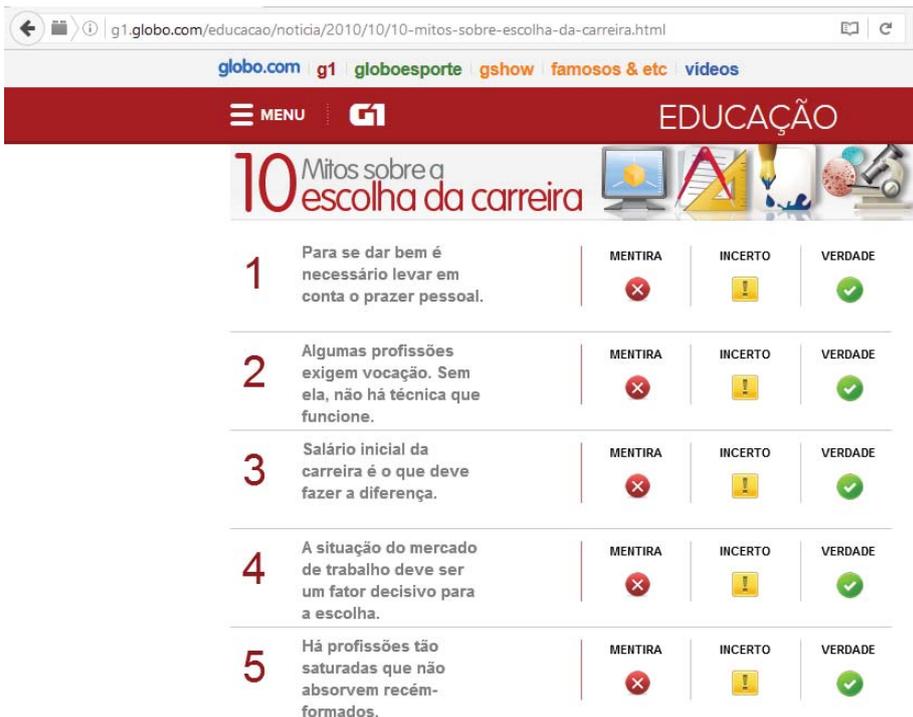
Salário é fundamental para definir a profissão? Vale sondar o mercado? Faça o teste e tire estas e outras dúvidas sobre o assunto.

Do G1, em São Paulo

O que deve ser levado em conta na hora de escolher a carreira profissional? Satisfação pessoal, salário ou mercado de trabalho? Há profissões saturadas? Estudar em uma instituição de ensino conceituada ajuda na conquista de um bom emprego? O **G1** listou essas e outras perguntas frequentes que os jovens fazem quando têm de optar por um curso superior.

As dúvidas foram respondidas por Léo Fraiman, psicoterapeuta e especialista em orientação vocacional, e pelo coordenador pedagógico do cursinho Anglo em Santo André, Clayton Ferreira de Figueiredo.

*"10 mitos sobre..." é uma série que reúne afirmações disseminadas sobre determinado tema. A sexta-feira 13 foi o primeiro assunto abordado, seguido pelos mitos sobre **sexo, dinheiro, internet, Irã, currículo, cães em prédios, eleições, trânsito, cura, Steve Jobs, da Apple, churrasco, maquiagem, mortes no rock, Islã, cachaça, concursos, astronomia, etiqueta e Bill Gates**. O próximo será sobre carnaval.*

Primeiros cinco mitos integrantes do *quiz*.


	MENTIRA	INCERTO	VERDADE
1 Para se dar bem é necessário levar em conta o prazer pessoal.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
2 Algumas profissões exigem vocação. Sem ela, não há técnica que funcione.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
3 Salário inicial da carreira é o que deve fazer a diferença.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
4 A situação do mercado de trabalho deve ser um fator decisivo para a escolha.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
5 Há profissões tão saturadas que não absorvem recém-formados.	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>

Mais cinco mitos integrantes do *quiz*. Nessa imagem há a simulação de respostas de um usuário e como os comentários dos especialistas aparecem.

g1.globo.com/educacao/noticia/2010/10/10-mitos-sobre-escolha-da-carreira.html

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | famosos & etc | videos

MENU G1 EDUCAÇÃO

formados.

6	A instituição de ensino 'pesa' no currículo e abre (ou não) as portas ao mercado.	sua opção 	Empresas buscam profissionais das melhores escolas. Boas instalações e bons professores aumentam a chance de conseguir boas vagas.	correta: 
7	Seguir a profissão dos pais é sempre uma boa pedida.	sua opção 	Só será, caso o jovem se identifique com o trabalho. O aluno não deve optar pela profissão dos pais só por comodismo ou pela garantia de ter emprego sem precisar correr atrás.	correta: 
8	Testes vocacionais sempre funcionam e ajudam os indecisos.		MENTIRA  INCERTO  VERDADE 	
9	Ouvir um ou dois profissionais que estão no mercado basta para tirar dúvidas.		MENTIRA  INCERTO  VERDADE 	
10	Visitar universidades ajuda os alunos a descobrir quais cursos mais os agradam.	sua opção 	Conhecer instalações e assistir às aulas são excelentes formas de saber o que encontrar pela frente. Porém é importante não se ludibriar com a infraestrutura. Fatores como, por exemplo, o corpo docente são mais importantes.	correta: 

RESPOSTAS CORRETAS 1  2 RESPOSTAS ERRADAS

## ANEXO B

## Site – Infomoney

www.infomoney.com.br/carreira/noticia/2411412/conheca-mitos-sobre-escolha-carreira

MENU **InfoMoney**  
com Bloomberg

HOME / CARREIRA

## Conheça 10 mitos sobre a escolha da carreira

Segundo especialista em Recursos Humanos, Maria Bernadete Pupo, a escolha deve ser baseada principalmente nas vocações da pessoa

© 25 abr, 2012 11h21

▼ f t G in e p

  
**Karla Santana Mamona**

SÃO PAULO - A escolha da **profissão** pode deixar alguns jovens "de cabelo em pé". Neste momento, é comum surgirem dúvidas, insegurança e medo de optar pela carreira errada. Nesta horas, os palpites e as sugestões de **familiares** e amigos, apesar de bem-intencionados, podem atrapalhar ainda mais.

Pensando nisso, o *Portal InfoMoney*, em **parceria** com a consultora de **Recursos Humanos** e coach, Maria Bernadete Pupo, apontou os principais mitos que cercam esta questão. Confira abaixo.

**Dez mitos**  
**Escolher uma carreira é simples** - O truque de se inscrever em vários vestibulares de áreas diferentes e esperar para saber em qual curso foi aprovado poderá resolver a dúvida no princípio. Entretanto, se o estudante não gostar do

Outra tela do *site* Infomoney, ilustrando alguns mitos da notícia. Ao todo, são dez mitos que compõem a lista.

www.infomoney.com.br/carreira/noticia/2411412/conheca-mitos-sobre-escolha-carreira

MENU **InfoMoney**  
com Bloomberg

  
**Karla Santana Mamona**

**Um profissional pode me dizer que profissão devo escolher** - De maneira nenhuma, a escolha da profissão cabe apenas à pessoa. O especialista poderá ajudar no processo de autodescobrimento. "O **profissional** deve conduzir este processo, para que quem esteja em dúvida descubra suas vocações, mas nunca escolher por ele".

**Difícilmente ganharei minha vida com um hobby** - Geralmente, o hobby é algo que a pessoa ama fazer e, quando se trabalha com o que se gosta, a chance de ser bem-sucedido é muito maior. "Muitas pessoas não se dão conta disso e deixam passar esta oportunidade. Quem ama o que faz trabalha com brilho nos olhos".

**Devo escolher carreiras em que faltam mais profissionais no mercado** - Não é porque faltam profissionais na área da Engenharia e **TI** (Tecnologia da Informação) que estas profissões devem ser escolhidas. A especialista alerta que o **apagão** de profissionais pode ser algo momentâneo. "O mercado é muito dinâmico, tudo muda rapidamente. Quem disse que faltarão engenheiros daqui a 10 anos?", questiona a consultora.

**Profissões que estão na moda podem garantir mais empregabilidade** - Nem sempre. Se a pessoa **trabalhar** com algo de que ela não gosta, só porque há muitas oportunidades no mercado, será um profissional sem motivação e isso refletirá em sua empregabilidade. "Quem se baseia em fatores externos tem mais chance de ser malsucedido".

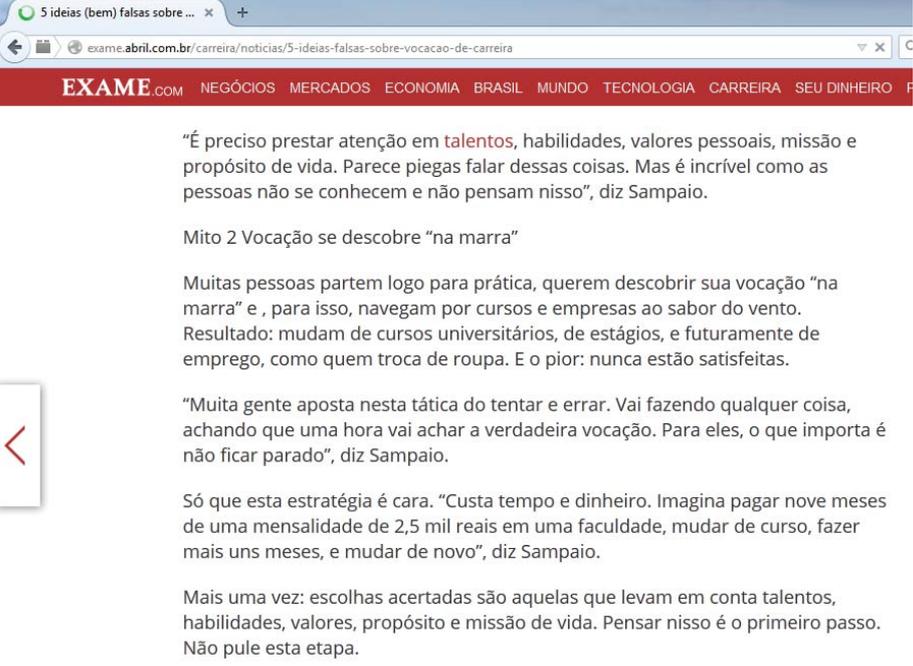
## ANEXO C

Site – Exame

Imagem do Megafone – antecede a notícia

Legenda da foto no *site*: Não espere por um “chamado” mágico vocacional

Parte inicial da notícia e os cinco mitos.



“É preciso prestar atenção em **talentos**, habilidades, valores pessoais, missão e propósito de vida. Parece piegas falar dessas coisas. Mas é incrível como as pessoas não se conhecem e não pensam nisso”, diz Sampaio.

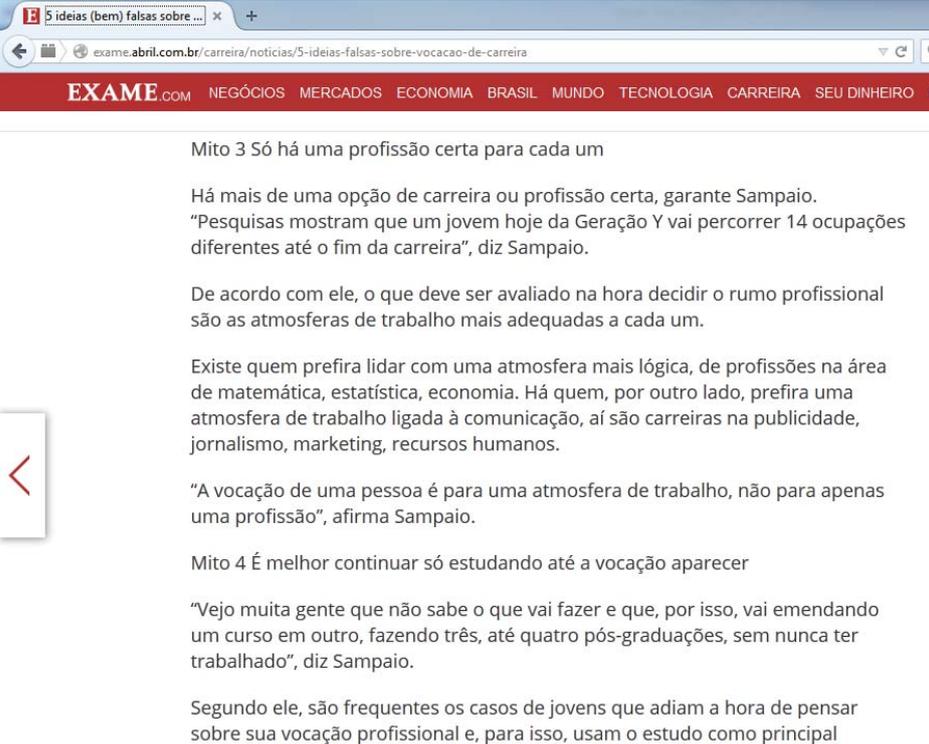
Mito 2 **Vocação se descobre “na marra”**

Muitas pessoas partem logo para prática, querem descobrir sua vocação “na marra” e , para isso, navegam por cursos e empresas ao sabor do vento. Resultado: mudam de cursos universitários, de estágios, e futuramente de emprego, como quem troca de roupa. E o pior: nunca estão satisfeitas.

“Muita gente aposta nesta tática do tentar e errar. Vai fazendo qualquer coisa, achando que uma hora vai achar a verdadeira vocação. Para eles, o que importa é não ficar parado”, diz Sampaio.

Só que esta estratégia é cara. “Custa tempo e dinheiro. Imagina pagar nove meses de uma mensalidade de 2,5 mil reais em uma faculdade, mudar de curso, fazer mais uns meses, e mudar de novo”, diz Sampaio.

Mais uma vez: escolhas acertadas são aquelas que levam em conta talentos, habilidades, valores, propósito e missão de vida. Pensar nisso é o primeiro passo. Não pule esta etapa.



Mito 3 **Só há uma profissão certa para cada um**

Há mais de uma opção de carreira ou profissão certa, garante Sampaio. “Pesquisas mostram que um jovem hoje da Geração Y vai percorrer 14 ocupações diferentes até o fim da carreira”, diz Sampaio.

De acordo com ele, o que deve ser avaliado na hora decidir o rumo profissional são as atmosferas de trabalho mais adequadas a cada um.

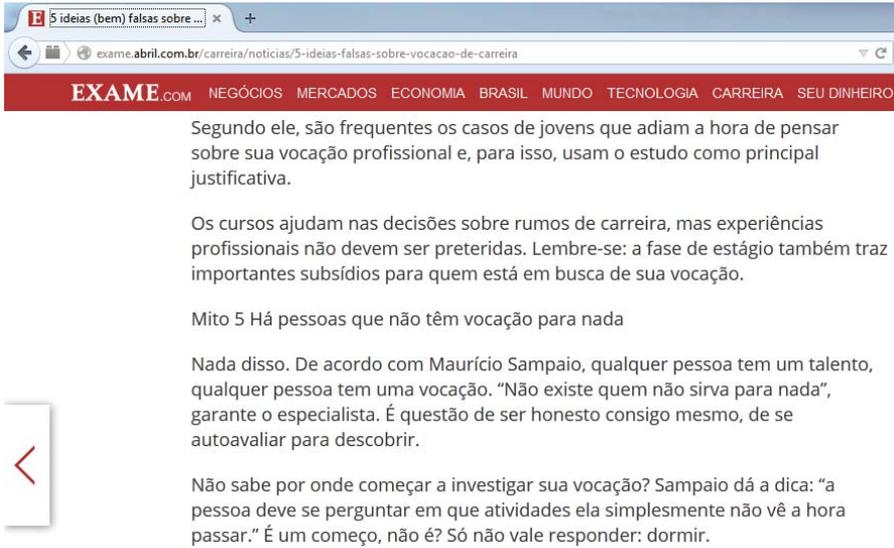
Existe quem prefira lidar com uma atmosfera mais lógica, de profissões na área de matemática, estatística, economia. Há quem, por outro lado, prefira uma atmosfera de trabalho ligada à comunicação, aí são carreiras na publicidade, jornalismo, marketing, recursos humanos.

“A vocação de uma pessoa é para uma atmosfera de trabalho, não para apenas uma profissão”, afirma Sampaio.

Mito 4 **É melhor continuar só estudando até a vocação aparecer**

“Vejo muita gente que não sabe o que vai fazer e que, por isso, vai emendando um curso em outro, fazendo três, até quatro pós-graduações, sem nunca ter trabalhado”, diz Sampaio.

Segundo ele, são frequentes os casos de jovens que adiam a hora de pensar sobre sua vocação profissional e, para isso, usam o estudo como principal



5 ideias (bem) falsas sobre ...

exame.abril.com.br/carreira/noticias/5-ideias-falsas-sobre-vocacao-de-carreira

**EXAME**.COM NEGÓCIOS MERCADOS ECONOMIA BRASIL MUNDO TECNOLOGIA CARREIRA SEU DINHEIRO

Segundo ele, são frequentes os casos de jovens que adiam a hora de pensar sobre sua vocação profissional e, para isso, usam o estudo como principal justificativa.

Os cursos ajudam nas decisões sobre rumos de carreira, mas experiências profissionais não devem ser preteridas. Lembre-se: a fase de estágio também traz importantes subsídios para quem está em busca de sua vocação.

Mito 5 Há pessoas que não têm vocação para nada

Nada disso. De acordo com Maurício Sampaio, qualquer pessoa tem um talento, qualquer pessoa tem uma vocação. "Não existe quem não sirva para nada", garante o especialista. É questão de ser honesto consigo mesmo, de se autoavaliar para descobrir.

Não sabe por onde começar a investigar sua vocação? Sampaio dá a dica: "a pessoa deve se perguntar em que atividades ela simplesmente não vê a hora passar." É um começo, não é? Só não vale responder: dormir.